Antonio de Souza Lucena
Paulo Alves Godoy





Personagens do Espiritismo





Edições FEESP

PERSONAGENS DO ESPIRITISMO
(DO BRASIL E DE OUTRAS TERRAS)

1ª Edição

EDIÇÕES FEESP

CAPA: Tege

REVISÃO: Albanor Brasil Arouca

DIGITALIZAÇÃO: Eugenio Lara - novembro de 2009

FEDERAÇÃO ESPÍRITA DO ESTADO DE SÃO PAULO

CGC 61.669.966/0003-72
Inscr. Est. 150.900.241

Rua Japurá, 211 — Caixa Postal 8763
SÃO PAULO — SP — BRASIL

1982

ANTÔNIO DE SOUZA LUCENA
PAULO ALVES GODOY

PERSONAGENS DO ESPIRITISMO

(Do Brasil e de outras terras)

1ª Edição
1982

EDIÇÕES FEESP
FEDERAÇÃO ESPÍRITA DO ESTADO DE SÃO PAULO
Rua Japurá, 211 - Caixa Postal, 8763
SÃO PAULO - SP — BRASIL

ÍNDICE

Índice 5
Ligeira Explicação dos Autores 7
Abel Gomes 9
Agostinho Pereira Gomes 13
Albert de Rochas D'Aiglum 17
Alexander N. Aksakof 21
Alfredo Molinaro 25
Antônio Barbosa da Paixão 29
Andrew Jackson Davies 33
Amália Domingo Soler 39
Aristóteles Soares da Rocha 43
Arthur Conan Doyle 45
Blandina Philippini Ferreira 51
Carl Du Prel 55
Carlos Juliano Torres Pastorino 57
Claudino Dias 61
Cornélio Pires 64
Elisabeth D'Espèrance 68
Epes Sargent 71
Ernestina Ferreira dos Santos 75
Ernesto Bozzano 81
Eusápia Paladino 85
Prof. Fausto Lex 89
Fernando de Lacerda 93
Francisco Peixoto Lins 97
Gabriel Delanne 101
Gustavo Geley 105

Irthes Therezinha Lisboa de Andrade 109
Ivon Costa 113
Jacques Aboab 117
Jean Meyer 121
Joana Francisca Soares da Costa 125
João da Gama Filgueiras Lima 129
João Pinto de Souza 133
José Machado Tosta 139
José Luiz Magalhães 143
José Augusto Faure da Rosa 147
Joaquim de Souza Ribeiro 151
Leopoldo Machado Barbosa 155
Léon Denis 159
Luiz Di Cristóforo Postiglioni 165
Mário Travassos 167
Olímpia Belém 171
Pierre-Gaètan Leymarie 175
Ramiro Gama 179
Rita Cerqueira 181
Rolando Mário Ramacciotti 187
Romeu de Campos Vergai 191
Sarah Morais 195
Sebastião Lasneau 199
Silvino Canuto Abreu 203
Urbano de Assis Xavier 207
William Thomas Stead 211
William Crookes 215

LIGEIRA EXPLICAÇÃO DOS AUTORES

Há muitos anos, em decorrência de persistentes trabalhos de pesquisa, vimos publicando regularmente, através de vários órgãos da imprensa espírita, informes biográficos de grandes personagens espíritas.

Muitas dessas biografias foram conseguidas, com ingentes esforços, junto a familiares ou pessoas que tiveram a oportunidade de conviver com os biografados, considerando-se que muitos deles, embora tendo desempenhado tarefa de projeção, nada ou quase nada escreveram sobre suas próprias vidas.

Seria profundamente lamentável deixar a divulgação desses informes apenas registrados em jornais e revistas, pois, de modo quase generalizado, estes não são colecionados e eventuais consultas a eles se tornam impraticáveis.

Essa e muitas outras circunstâncias, levaram-nos a preparar a edição da presente obra, animados que fomos da certeza de que ela servirá de valiosa contribuição para os que desejam realmente conhecer a vida e obra de vultos que se celebrizaram no campo da divulgação espírita e que hoje fazem parte integrante da História do Espiritismo. É indubitável que essas grandes vidas jamais poderão ser relegadas ao esquecimento e o que aqui estamos estampando não passa de uma apagada súmula de tudo aquilo que eles fizeram durante a última romagem terrena.

Escolhemos o título *PERSONAGENS DO ESPIRITISMO (DO BRASIL E DE OUTRAS TERRAS)*. Contém a obra subsídios biográficos de seareiros espíritas que desenvolveram suas missões no Brasil e noutros países, todos eles, no entanto, propugnando para o engrandecimento da Doutrina que nos norteia os rumos.

Esperamos que este livro venha satisfazer a aspiração de grande número de estudiosos do Espiritismo, pois, temos a certeza, todos desejam conhecer algo sobre o que fizeram alguns valorosos obreiros que passaram pelo mundo, aqui deixando um rastro de luz.

Os cinqüenta e dois personagens cujas súmulas biográficas estão aqui registradas, foram escolhidos de forma aleatória e, temos a certeza, muitas obras deste gênero surgirão, uma vez que os espíritas precisam conhecer algo sobre a vida de outros tantos pioneiros e trabalhadores animosos do Espiritismo, pois seria tarefa impossível querer-se registrar todos numa obra de cerca de duas centenas de páginas.

São Paulo, outubro de 1981.

ANTÔNIO DE SOUZA LUCENA
PAULO ALVES GODOY



ABEL GOMES

Nascido no dia 30 de dezembro de 1877, na antiga cidade de Conceição do Turvo, hoje cidade de Salvador Firmino, e desencarnado em Astolfo Dutra, também no Estado de Minas Gerais, no dia 16 de agosto de 1934.

Descendente de colonizadores portugueses, Abel Gomes se tornou um nome benquisto por todos e aureolado de grande respeito e admiração, projetando-se por todos os Estados brasileiros e mesmo ultrapassando fronteiras, para atingir países vizinhos. Apesar de ser um homem simples, pobre e doente, impôs-se ao preito dos seus contemporâneos, pois não apenas ensinava, mas dava sempre o exemplo. Como sociólogo e evangelizador ele soube viver os Evangelhos, propiciando o exemplo vivo daquele que, no dizer judicioso de Jesus Cristo, "toma do arado e não olha mais para trás."

Abel Gomes tornou-se representativa figura do Espiritismo, divulgando os seus preceitos no seio das massas e conseguindo atingir pessoas de todos os níveis sociais. Dentre os livros espíritas que contribuíram para a sua conversão, situa-se "Depois da Morte", de Léon Denis, entretanto, os profundos estudos por ele encetados fizeram com que adquirisse a fé raciocinada, preconizada por Allan Kardec e, portando essa fé ina-

balável, dedicou-se de corpo e alma ao serviço das novas idéias que passara a esposar.

Embora fosse pregador, esquivava-se sempre que podia da tribuna, preferindo espargir os seus ensinamentos pela palavra escrita, através de suas próprias produções literárias e poéticas, todas das aureoladas de grande profundidade moral e espiritual.

Ficou impossibilitado de andar quando tinha apenas 25 anos de idade, pois, foi acometido de pertinaz e progressiva paralisia que lhe imobilizou as pernas. Quase cego, nunca se deixou vencer pelas expiações e pelos duros golpes da adversidade. Em sua cadeira de roda continuou a produzir como poucos, jamais esmoreceu, o seu dinamismo era inquebrantável.

Pobre de bens materiais, jamais alimentou desejos de enriquecer-se com o ouro da Terra, pois não desconhecia que a fortuna material é um bem transitório que Deus coloca nas mãos de suas criaturas.

Exerceu a profissão de contabilista em várias firmas comerciais. Devido à paralisia e dificuldades de locomoção começou a trabalhar em sua própria residência, como alfaiate e fotógrafo. As poucas horas de lazer que lhe restavam, dedicava-as à composição de músicas admiráveis, passando a ensinar as maravilhas do som a um pugilo de artistas-amadores. Também demonstrou nítidas qualidades de teatrólogo.

Embora não se tenha casado, foi pai adotivo de dois rapazes que se tornaram cidadãos prestativos e respeitáveis.

Abel Gomes fez parte de um pugilo de pioneiros do Espiritismo em Minas Gerais, entre os quais podemos citar João Ernesto, em Ubá; João Marcelino, na cidade de Pombas; Eurípedes Barsanulfo, em Sacramento; José Justiniano de Godoy e Jota Lacerda, em Cataguazes; José Alves Ferreira, Antônio Correntino e Franklin Teodoro dos Santos, em Araguari, e outros.

No ano de 1928, em companhia de outros denodados seareiros, fundou o Grupo Espírita Luz e Trabalho, no antigo Porto de S. Antônio, instituição que teve vida efêmera. No dia 2 de julho de 1933, coadjuvado por outros doze espíritas, fundou novo Centro Espírita, dando-lhe o nome do primeiro. Após a sua desencarnação essa instituição passou a chamar-se Cabana Espírita Abel Gomes. Posteriormente, os seus continuadores lançaram à publicidade o jornal "Arauto da Fé" e implantaram a Fundação Espírita Abel Gomes, que passou a amparar 30 crianças.

Exegeta de grandes recursos, Abel Gomes esmerava-se na interpretação de textos bíblicos, impregnando, com os lampejos do espírito que vivifica, vários ensinamentos contidos no Velho e no Novo Testamentos. Freqüentemente apelava para os acontecimentos da vida prática, explicando-os à luz da Doutrina Espírita, o mesmo fazendo com as parábolas e ensinos de Jesus Cristo. A sua maneira preferida de ensinar era através do exemplo dignificante.

Na qualidade de professor, exerceu o magistério nas cidades de Cataguazes e Viçosa, lecionando português e matemática. Foi um autêntico autodidata, não tendo cursado nenhuma Faculdade e, nunca se matriculou num ginásio. A primeira vez em que entrou num desses estabelecimentos, foi para ensinar aquilo que já havia aprendido. Foi um homem dotado de sólida cultura e de incomparável senso humanístico.

Poliglota, dominava bem o Português, o Francês, o Castelhano, o Italiano, e conhecia razoavelmente o Grego e o Latim. Foi também um dos pioneiros do Esperanto em nosso país, e consta que foi o primeiro a lançar uma gramática para o ensino desse idioma internacional.

Abel Gomes foi um homem de letra, tendo deixado numerosas obras ocultas no anonimato ou encobertas por pseudônimo (entre os quais o de Jota Ubirajara). Escreveu obras notáveis,

entre as quais "Braz Pires",."A Felicidade" e "Pérolas Ocultas". Prestou inestimável colaboração a publicações brasileiras e portuguesas.

Foi um poeta de grandes recursos. O seu gênero era o lírico, deixando extravazar a sua alma em cânticos maravilhosos, abordando problemas humanos, patrióticos e religiosos, esses últimos com fundamento nos sadios ensinamentos da Codificação Kardequiana. No seu magistral poema "A Dor", traduziu a sua conformação aos ditames do Alto, compenetrado que era das razões dos sofrimentos que o assolavam.

Abel Gomes foi, portanto, um dos mais autênticos espíritas dos últimos tempos e o Espiritismo muito lhe deve pelo seu inestimável trabalho em favor da sua divulgação, principalmente no Estado de Minas Gerais.



AGOSTINHO PEREIRA DE SOUZA

Nascido na cidade do Porto, Portugal, aos 28 de novembro de 1889, e desencarnado no Rio de Janeiro, a 12 de outubro de 1955.

Foi um homem bafejado pela fortuna material, bem situado na vida, como justo prêmio ao seu espírito de trabalho, porém, soube empregar bem a sua fortuna, jamais a ela se escravizando, revertendo-a em benefício de seus auxiliares diretos e em obras de benemerência. No campo de suas atividades comerciais, era bastante estimado; tanto pela sua freguesia, como por seus empregados, os quais tornaram-se interessados na firma, recebendo cada um participação nos lucros de acordo com o interesse e a capacidade por eles demonstrados.

Foram seus genitores Manoel Sebastião Pereira de Souza Júnior e Dona Maria Luíza Ramos de Souza. Chegou ao Brasil, com 12 anos de idade, em 1901, aportando no Rio de Janeiro, disposto a vencer na vida, como efetivamente venceu, sobretudo pelo seu espírito de honestidade, enfrentando árduas lutas, sem jamais esmorecer um só momento.

O seu primeiro emprego foi na Alfaiataria "O Fonseca", na rua do Ouvidor. Depois, passou por várias outras firmas, como "América-Japão", "Barbosa Freitas", "Camisaria Universo", "Fábrica Confiança", "O Cysne" e por fim a "Camisaria

Brandão", de onde saiu para fundar a sua própria firma, "O Camiseiro", em 1.° de maio de 1919. Progrediu consideravelmente, chegando a ser uma das maiores firmas no mercado de confecções de camisas no Rio de Janeiro. Foi ele o criador das grandes promoções, como "As Loucuras de Maio", festejando anualmente o aniversário da firma, com preços muito abaixo do custo, arrastando verdadeiras multidões à sua casa comercial.

Casou-se com Dona Deolinda Veloso de Souza Agostinho, de cujo consórcio nasceram seis filhos. Dona Deolinda era médium de notáveis virtudes, muito trabalhando em benefício da Doutrina dos Espíritos. Depois de um curto período de insidiosa enfermidade, deixa-o viúvo no dia 12 de outubro de 1954. Foi um grande golpe para Agostinho, que o suportou com aquela paciência nascida na Doutrina Espírita, através do conhecimento da imortalidade da alma. No primeiro aniversário da desencarnação de sua idolatrada esposa, exatamente no dia 12 de outubro de 1955, Agostinho, após rápida enfermidade, teve a ventura de se desprender do corpo físico, na maior serenidade, partindo em busca de sua doce companheira de romagem terrena, numa prova inconteste de que eram realmente almas irmãs.

O desaparecimento de Agostinho do cenário espírita do Rio de Janeiro causou grandes saudades e profunda tristeza entre os seus companheiros de trabalho. Uma perda irreparável polo grande amor que demonstrava à causa. Espírito humanitário, dedicado ao bem, colaborava em quase todas as obras de assistência à criança e à velhice desamparadas, ajudando indiscriminadamente a quantos dele necessitassem, na razão de suas possibilidades, e usando o critério de observar a necessidade de cada um, para o devido socorro.

Agostinho Pereira de Souza tinha inabalável fé em Jesus. Passou por sérias dificuldades na vida, mas nunca se deixou abater, mesmo diante dos mais difíceis problemas; a sua fé suplantava todas as vicissitudes, certo de que Deus, o magnânimo

Pai e Criador de todas as coisas, supre sempre as nossas deficiências, porque tem tudo para nos dar, desde que entremos em sintonia com Ele, através da fé, recomendada por Jesus.

Sua crença na imortalidade da alma era fundamentada na Doutrina Espírita, segundo a Codificação dada a Allan Kardec pelo Espírito Verdade. Jamais Agostinho se afastou dos postulados da Doutrina dos Espíritos. Fez parte do Conselho Superior da Federação Espírita Brasileira, era membro da diretoria do Grupo Espírita "Anthony Léon" da Tijuca, e fez parte da Fundação Marieta Gaio, ao lado de seu fundador Manoel Jorge Gaio. Por sugestão de Leopoldo Machado, depois do sucesso de uma grande promoção em sua casa comercial, procurou a direção da Associação Espírita "Obreiros do Bem", que na oportunidade pretendia construir um Hospital para Doentes Mentais. Interessou-se pela obra, doou o terreno na Rua Santa Alexandrina, no Rio Comprido, e sob a sua presidência, esforço e tenacidade, coadjuvado por uma plêiade de outros dinâmicos companheiros, deu início à construção do Hospital Espírita "Pedro de Alcântara", uma obra de grande envergadura. Na sua ânsia de servir, Agostinho ainda organizou junto ao Hospital a Casa de Saúde e Maternidade "Santo Agostinho", em homenagem ao grande Agostinho do Cristianismo, de cuja personalidade herdou o nome. Esse majestoso Hospital, infelizmente, hoje já não ostenta em seu frontispício o nome Espírita; sua direção não é espírita, embora sendo propriedade da Associação Espírita "Obreiros do Bem". Os diretores e companheiros da Instituição não podem aplicar a terapêutica espírita nos doentes mentais ali internados, conforme o ideal de seu fundador é de toda a sua equipe de trabalhadores. Um médico, ex-diretor do Hospital foi ameaçado de processo, por médicos estagiários, porque aplicava um passe numa criatura obsediada, ali internada como doente mental, sendo obrigado a abandonar as suas funções de diretor do Hospital.

Falar da obra de Agostinho Pereira de Souza é um nunca acabar, pois, não houve uma só realização dentro do terreno espírita no Rio de Janeiro, que o seu nome não figurasse na primeira linha. Juntamente com Leopoldo Machado, fundou a Hora Espírita Radiofônica na antiga Rádio Transmissora. Foi um dos baluartes na realização do I Congresso de Mocidades Espíritas do Brasil, junto a Leopoldo Machado, Lins de Vasconcelos, Carlos Imbassahy e tantos outros. Orador fluente, tomou parte em diversas Semanas Espíritas e no constante "Ide e Pregai", por todo o antigo Distrito Federal. Escreveu vários opúsculos, baseado nos seus conhecimentos doutrinários e muito ajudou Leopoldo Machado na publicação de seus livros.

Coração bondoso, calmo, comedido, temperamento cristão, Agostinho Pereira de Souza, foi reconhecidamente humilde em todas as suas realizações. Seus atos, suas atitudes, seu devotamento à Causa Espírita, seu amor ao Divino Amigo Jesus, levaram-no a sublimes exemplificações, pregando o Evangelho não só por palavras, mas acima de tudo pelo exemplo.



CORONEL ALBERT DE ROCHAS D'AIGLUM

Nascido em Saint-Firmin, Alpes, França, no dia 20 de maio de 1837, sendo oriundo de grande família provinciana que possuiu o feudo d'Aiglum, perto do Digne, desde metade do século XV até o advento da revolução francesa.

Incontáveis foram os cientistas que, no século passado, perquiriram os fenômenos espíritas. Muitos deles iniciaram as investigações animados do propósito de descobrir fraudes, pois sua maioria era composta de cépticos que não admitiam, mesmo da forma mais remota, que os fenômenos pudessem existir. Eles queriam ver para crer.

O Coronel Albert de Rochas foi um desses valorosos pesquisadores. Ele persistiu, viu, sentiu a plenitude da verdade bafejando aquilo que ele até então julgava inverossímil.

Em face da realidade insofismável dos fatos, ele não trepidou em render-se à evidência. Se enfrentou alguns insucessos iniciais, isso não constituiu entraves ao seu Espírito dotado de inquebrantável vontade de desvendar a verdade, por isso não esmoreceu enquanto não se capacitou de que a produção dos fenômenos constituía patente realidade.

Seu pai e avó foram magistrados, por isso, após seus brilhantes estudos no Liceu de Grenoble, inclinou-se para essa

carreira, na qual, não se sentindo realizado, por julgar que tais estudos não eram suficientes para dar vazão às suas atividades intelectuais, voltou ao Liceu para estudar Ciências.

No ano de 1875, obteve o prêmio de honra de Matemáticas espaciais, o que o animou a entrar, no ano seguinte, na Escola Politécnica. No ano de 1861, já havia alcançado a terceira colocação na lista de promoção à Escola de Aplicação, de Metz, o que o levou a ingressar no Exército, no posto de tenente de Engenharia.

Promovido a capitão em 1864, teve importante participação na guerra de 1870 a 1871. Em 1880 foi promovido a comandante de batalhão, entretanto, no ano de 1889, a fim de atender à sua natural inclinação para o estudo científico, abandonou as atividades militares, passando para o Exército territorial no posto de Tenente-Coronel.

Alcançaram grande projeção os trabalhos militares e científicos do Coronel de Rochas, porém, neste ligeiro resumo biográfico, nos tingiremos apenas aos seus estudos no campo do Magnetismo e do Espiritismo.

Experimentador consumado e grande conhecedor de tudo o que se havia escrito sobre esses transcendentais assuntos, colaborou assiduamente para fazer com que o Magnetismo fosse classificado entre as ciências puramente físicas. Estudou a polaridade, contribuiu para a classificação atual das fases do estudo sonambúlico, observou com verdadeiro critério científico a produção de fenômenos espíritas, descobriu a exteriorização da sensibilidade, até então apenas supeitada, e revelou o mecanismo do desdobramento astral.

O Magnetismo e o Espiritismo muito devem a esse renomado sábio, pois ele publicou uma dezena de importantes obras sobre matérias pertinentes a eles, procurando sempre destacar a sobrevivência da alma.

Albert de Rochas foi membro de numerosas sociedades científicas, oficial da Legião de Honra, oficial da Instrução Pública, em França; agraciado da Ordem de S. Salvador, da Grécia; da Ordem de S. Maurício e S. Lázaro, da Itália; comendador de Sant'Ana, da Rússia; do Mérito Militar, de Espanha; do Medjidie, Turquia; do Nicham, de Turus; do Dragão Verde, de Annam.

De sua bibliografia salientamos: "Forças não Definidas", "A Levitação", "O Fluido dos Magnetizadores", "Os Estados Superficiais da Hipnose", "A Exteriorização da Motricidade", "As Fronteiras da Física" e "Os Eflúvios Ódicos".



ALEXANDER N. AKSAKOF

Nascido em Repievka (Rússia) em 27 de maio de 1832 e desencarnado em S. Petersburgo, (atual cidade de Leningrado), a 4 de janeiro de 1903.

Dentre os grandes cientistas que se notabilizaram na investigação e análise dos fenômenos espíritas, nos últimos anos do século passado, destaca-se a figura respeitável de Alexander N. Aksakof, membro de tradicional família da nobreza russa, doutor em filosofia e conselheiro íntimo de Alexandre III, Tzar de todas as Rússias.

No desenrolar de sua mocidade, demonstrou acentuada tendência para uma vida de seriedade, palmilhando caminho diferente e revelando notáveis qualidades de investigador, preocupado com as coisas da alma e do mundo espiritual. Devido a essa sua inclinação, teve que enfrentar prolongados anos de vicissitudes espirituais e sociais.

Conquistando o pergaminho de doutor, enveredou pelos árduos caminhos que conduzem ao êxito no campo do conhecimento, tornando-se lente da Academia de Leipzig, na Alemanha.

Integrando-se resolutamente no campo da investigação psíquica, tornou-se diretor do jornal "Psychische Studien", órgão publicado na Alemanha. Não satisfeito com o seu trabalho

na direção desse órgão, lançou em Moscou, no ano de 1891, a revista de estudos psíquicos "Rebus", a primeira do gênero que apareceu na Rússia.

O seu nome já era bastante conhecido, como notável doutor em filosofia, quando sustentou viva polêmica com o filósofo alemão, Dr. von Hartmann, no decurso da qual refutou, com sobeja superioridade científica e demonstrações irretorquíveis, as explicações do sábio alemão sobre os fenômenos espíritas, aos quais atribuía um fundo biológico.

Aksakof realizou numerosas experiências e observações no campo científico, tendo realizado trabalhos tão profundos, tão interessantes, que até hoje jamais foram excedidos em matéria de Espiritismo experimental. Para a consecução dessa finalidade, valeu-se do valioso concurso da célebre médium italiana Eusápia Paladino. Com fundamento nesses trabalhos publicou na Alemanha o seu famoso livro "Animismo e Espiritismo", em dois volumes, obra de fôlego impressionante e insuperável em todo o mundo.

Participou ainda de elevado número de experimentação, valendo-se do concurso de médiuns famosos, do que resultou a divulgação do seu notável relatório da "Comissão de Professores", que se reuniu em Milão (Itália), no ano de 1892, a fim de dar parecer sobre os fenômenos observados na obscuridade, baseado nas considerações expressas pelo grande criminalista italiano, Cesare Lombroso, que a essa comissão se confessou **envergonhado** e **condoído**, em carta do próprio punho, escrita ao professor Ernesto Giolfi.

Dessa famosa **comissão de professores** fizeram parte os seguintes doutores: Alexander Aksakof, lente da Academia de Leipzig, diretor do jornal "Psychische Studien" e conselheiro de S.M. o Imperador da Rússia; Giovanni Schiaparèlli — Diretor do Observatório Astronômico de Milão; Dr. Carl Du Prel —

Doutor em Filosofia de Munique; Ângelo Brofferio — Professor de Filosofia; Giuseppe Gerosa — Professor de Física da Escola Real Superior de Agricultura de Porcini; G. M. Ermacora — Professor de Física; Giorgio Finzi — Professor de Física; Professor Chiaia; Charles Richet — Professor da Faculdade de Medicina de Paris e diretor da "Revista Científica"; e Cesare Lombroso, notável criminalista italiano.

Mais tarde com o valioso concurso dos médiuns Elisabeth d'Esperance e Politi, além da já mencionada Eusápia Paladino, Cesare Lombroso expõe, de forma definitiva, o resultado de suas experiências realizadas quinze anos depois. Esse trabalho de Lombroso corroborou de forma decisiva tudo aquilo que Aksakof havia descrito em sua obra.

O livro de Aksakof "Animismo e Espiritismo" foi uma réplica à brochura que o célebre filósofo alemão Eduardo von Hartmann — continuador de Schopenhauer — fez editar em 1885, abordando aspectos do Espiritismo. A primeira edição alemã, subordinada ao título "Animismus und Spiritismus" foi publicada em Leipzig, no ano de 1890, provocando da parte do doutor von Hartmann uma resposta à qual deu o título: "A Hipótese dos Espíritos e seus Fantasmas". No ano de 1891, ele voltou novamente, com bastante insistência, procurando reafirmar os argumentos que já havia exposto. Nessa época Alexander Aksakof já estava com a saúde bastante combalida, entretanto, o sábio Carl Du Prel se encarregou de continuar a polêmica com aquele adversário tão temível.

No prefácio de sua monumental obra, retrocitada, escreveu Aksakof: "Não pude fazer outra coisa mais do que afirmar publicamente o que vi, ouvi e senti; e quando centenas, milhares de pessoas afirmam a mesma coisa, quanto ao gênero do fenômeno, apesar da variedade infinita das particularidades a fé no tipo de fenômeno se impõe."

Escreveu ainda Aksakof, em fevereiro de 1890: "Interessei-me pelo movimento espírita desde 1855 e, desde então, não deixei de estudá-lo em todas as suas particularidades e através de todas as literaturas. Durante muito tempo aceitei os fatos apoiado no testemunho alheio; foi só em 1870 que assisti à primeira sessão, em um círculo íntimo que eu tinha organizado. Não fiquei surpreendido de verificar que os fatos eram realmente tais quais me tinham sido referidos por outros; adquiri a convicção profunda de que eles nos ofereciam — como tudo o que existe na Natureza — uma base verdadeiramente sólida, um terreno firme para a fundação de uma ciência nova que seria talvez capaz, em um futuro remoto, de fornecer ao homem a solução do problema da sua existência. Fiz tudo o que estava ao meu alcance para tornar os fatos conhecidos e atrair sobre o seu estudo a atenção dos pensadores isentos de preconceitos."



GENERAL ALFREDO MOLINARO

Nasceu aos 26 de outubro de 1908, no bairro de São Cristóvão, no Rio de Janeiro — RJ, e desencarnou em 21 de julho de 1967.

Filho de D. Maria Perrota e Salvador Molinaro, ambos de nacionalidade italiana.

Cedo terminou o curso ginasial, matriculando-se na Escola Militar a 1.° de abril de 1927, donde saiu Aspirante em 1932. A 19 de agosto de 1933 era promovido ao posto de 1.° Tenente, casando-se no dia 28 de novembro desse mesmo ano, com a jovem Dulce Costa Ferreira.

De formação católica, a religião de seus pais, porém, não o satisfazia e, ainda como aspirante, procurou freqüentar algumas sessões espíritas a título de curiosidade, levado por alguns colegas, sem contudo encontrar nada de novo, não era aquilo que procurava.

Em 1938, foi promovido a Capitão; em 1946, a Major; em 1951, a Tenente-Coronel e, finalmente, em 1958, ao posto de Coronel, final de sua carreira militar na ativa. Sua situação, como militar, foi das mais brilhantes e convém notar que, a partir do posto de Capitão, todas as suas promoções foram por merecimento. Em 1961, pediu transferência para a reserva, recebendo duas promoções a que tinha direito, foi a General de

Divisão e condecorado com as três medalhas por tempo de serviço: bronze, prata e ouro e ainda as medalhas do Pacificador e do Mérito Militar.

Em 1944, começou a frequentar uma sessão espírita, dirigida por D. Dinorah Simas Enéias, a famosa médium desenhista, no Grupo Espírita "Casa de Ismael", no bairro da Tijuca. Ali começou a se desenvolver como médium psicografo, recebendo várias mensagens que o abalaram profundamente, passando daí a estudar ardorosamente a Doutrina codificada por Allan Kardec. Inteligência privilegiada e estudioso, entusiasmou-se de tal maneira que não parou mais, lendo com avidez toda a bibliografia espírita e todos os seus autores, aprofundando-se no assunto de que já estava convicto. Com sua maneira prodigiosa de pesquisador, assimilava tudo com a maior facilidade.

Em 1953, foi escolhido e nomeado Chefe da Missão Militar Brasileira no Paraguai, chefiando 15 oficiais de várias armas. Destacou-se pelo seu brilhantismo e entusiasmo e foi agraciado com a medalha da Cavalaria Paraguaia e com a Ordem Nacional dei Mérito no grau de Grã-Oficial, quando o comum seria receber apenas o de Comendador.

Em 1947, foi servir em Juiz de Fora no Estado de Minas Gerais e lá começou a freqüentar uma sessão no "Grupo de Efeitos Físicos Hadaget", observando a seriedade dos trabalhos produzidos por aquele grupo, tornou-se assíduo freqüentador, chegando mais tarde a ser eleito seu Presidente por unanimidade de votos, pelo espírito de trabalho e seu ardor nos estudos ali realizados. No campo da divulgação da Doutrina, salientou-se na luta iniciando um programa de conferências doutrinárias em várias cidades e Estados do Brasil. Seareiro invulgar, pôs o seu cabedal intelectual a serviço da causa, que tanto amou. Participou de numerosas Semanas Espíritas, interessado também no setor da Evangelização da criança e das Mocidades Espíritas, muito contribuiu nesse trabalho. Seu amor pela Doutrina

era ilimitado, divulgando-a por todos os meios e tormas, quer através da imprensa falada, escrita ou televisionada, quer através do seu verbo fácil, na oratória, na polêmica ou no debate, com grande satisfação colaborava em qualquer atividade onde fosse solicitado, inclusive fazendo-o até financeiramente, custeando viagens de companheiros conferencistas que não dispunham de meios, trazendo-os ou levando-os a outras cidades. Formou biblioteca respeitável com obras raras, ávido de conhecimento e saber, era propagandista do livro espírita e da boa leitura a fim de que todos pudessem ilustrar-se e adquirir conhecimentos.

Espírito combativo, kardequiano intransigente, não admitia que se considerasse Allan Kardec ultrapassado, conhecia toda obra do Mestre profundamente e era capaz de dizer na íntegra qualquer pergunta do "Livro dos Espíritos" ou outra obra qualquer da codificação. Por várias vezes assumiu a tribuna em defesa da Doutrina.

Certa vez um padre católico estava fazendo uma campanha contra o Espiritismo pela Rádio de Juiz de Fora e ele, ao tomar conhecimento do fato, foi à Rádio e frente ao microfone refutou com base tudo aquilo que o sacerdote dizia, deixando-o sem argumentos. Elementos do clero de Juiz de Fora queixaram-se ao Comandante da 4ª Região Militar, vindo uma petição contra ele para o Estado-Maior, no Rio, porém, pelo seu conceito e integridade nas fileiras do Exército, quiseram arquivar a **parte**, no entanto, ele fez questão que prosseguisse, a fim de haver um esclarecimento, a bem da verdade, e poder publicamente defender a Doutrina que esposava, se ela continuasse a ser vilmente desrespeitada como estava sendo feito naquela cidade através de uma estação de Rádio, infelizmente só não o fazendo, pela condição de oficial das Forças Armadas, em face da Constituição Federal, que o impedia dessa defesa pública.

No Rio, juntamente com o Dr. Carlos Imbassahy, Deolindo Amorim, José Alberto Menezes e outros companheiros, enfren-

tou a televisão para também defender a Doutrina Espírita, atacada pelo Pe. Quevedo, que assim encontrou idealistas não menos inteligentes que, à luz da verdade, puseram por terra os seus argumentos. Assim era Molinaro, inteligente, culto, modesto, meditador, porém, intransigente na defesa do Espiritismo.



CORONEL ANTÔNIO BARBOSA DA PAIXÃO

Nascido a 09 de março de 1876, em Vila dos Canudos, no Estado de Alagoas, e desencarnado a 07 de outubro de 1957, aos 81 anos de idade.

Aos vinte anos de idade, viajou para o Rio de Janeiro, disposto a ingressar na então Brigada Militar do Distrito Federal, hoje Polícia Militar do Rio de Janeiro, o que aconteceu um ano depois, no dia 12 de dezembro de 1897. À custa de muito esforço e boa vontade, seis anos mais tarde, em 1903, terminava o curso e era promovido ao posto de Alferes, para as armas de Infantaria e Cavalaria.

Estudioso, inteligente e apaixonado pela vida militar, em apenas 11 anos, ele percorreu os vários postos do oficialato, cujas promoções se deram sempre por merecimento e bons serviços prestados. Em 1914, atingiu o mais alto posto da Brigada Militar naquela época, tendo sido promovido a Tenente-Coronel aos 38 anos de idade, e com isto se tornou um dos mais jovens oficiais superiores daquela corporação. Nessa oportunidade foi designado para exercer o Comando do Regimento de Cavalaria, localizado no bairro do Estácio, comandando esta Unidade por um período de dezoito anos consecutivos.

O Coronel Antônio Barbosa da Paixão, foi um dos mais conceituados oficiais da Polícia. Em 1930, quando se deu a deposição do Presidente Washington Luiz, estava ele no co-

mando do Regimento de Cavalaria, no qual viveu horas angustiantes para manter-se fiel à legalidade governamental, sob o comando do General Carlos Arlindo. Neste episódio cumpriu o seu dever com honradez e conduta cristã até o último momento mantendo a ordem legal e, por fim, aceitou a nova situação como fato consumado, apresentando suas credenciais ao novo Comandante e Chefe, que resolveu mantê-lo no posto, dado as melhores informações recebidas com referência à sua conduta exemplar.

Em 1933, o Coronel Antônio Barbosa da Paixão requereu a sua reforma, depois de 36 anos de bons serviços prestados àquela briosa corporação. Nos seus assentamentos constavam mais de uma centena de elogios e uma coleção considerável de condecorações. Deixou o serviço ativo, merecendo o respeito e a consideração de todos aqueles que serviram sobre o seu comando. A imprensa-la época referiu-se a ele com as notas mais elogiosas possíveis, dizendo da grande e conscienciosa atuação do velho soldado na manutenção da ordem e do respeito mútuo entre o povo e o Governo, com equilíbrio e espírito patriótico. Um matutino carioca terminou uma de suas notas dizendo: "É bem merecido o prêmio que nesta data solene, recebe o bravo Comandante da Polícia Militar do Rio de Janeiro, depois da certeza e da consciência do dever bem cumprido, sem ressentimentos, mágoas, queixas ou críticas".

O Comandante Barbosa da Paixão, já era espírita desde muito jovem, embora não haja registro relativo à data e ao motivo de sua conversão ao Espiritismo. Consta de uma publicação que "Barbosa da Paixão" mantinha sob a sua direção um Grupo de Estudos Espíritas, no Regimento de Cavalaria e outro Grupo Familiar, para o estudo do Evangelho e prática mediúnica, na sua própria residência. A 1.° de setembro de 1917, fundou o Grupo Espírita "Fernandes Pinheiro", depois de uma comunicação espiritual recebida pela médium Lucília Miranda da Cruz, quando se fazia preces em memória de sua esposa,

desencarnada recentemente, D. Miquilina da Paixão. Nesta sessão, a médium transmitiu belíssima mensagem de encorajamento ao Comandante Barbosa da Paixão, exortando-o para que fundasse um Grupo Espírita, destinado ao estudo do Espiritismo e à prática da caridade. Solicitando a identidade do Espírito comunicante, este último respondeu que na sua derradeira encarnação na Terra chamara-se Cônego Joaquim Caetano Fernandes Pinheiro, desencarnado a 15 de janeiro de 1876. Homenageando esse Espírito o Grupo Espírita que se fundara naquela mesma noite, tomou o seu nome. Posteriormente o Cel. Barbosa da Paixão desejou saber fatos da vida desse Espírito e nisto foi atendido por outra entidade comunicante, a qual revelou detalhes importantes da vida do ex-sacerdote dizendo mais que o Coronel possuía em sua estante um livro de História de sua autoria, o que foi constatado posteriormente.

O velho batalhador, embora bastante idoso, participava da liderança espírita do Distrito Federal. Naquela época, além do "Fernandes Pinheiro", fazia parte da Liga Espírita do Brasil, da qual foi um dos pioneiros; da Cruzada dos Militares Espíritas, da qual também foi um de seus fundadores, ao lado dos Generais Frutuoso Mendes e Manoel Araripe de Farias; do Almirante Carlos Olímpio Borges de Farias e de tantos outros militares e civis idealistas, além de participar de muitas outras instituições espíritas do antigo Distrito Federal. Esteve à frente de todo movimento espírita realizado nas décadas de 1920/1950, ocupando a tribuna, falando pelo rádio, escrevendo pela imprensa e publicando várias obras doutrinárias de sua autoria. Viajou por todo o interior do Estado do Rio de Janeiro e Estados vizinhos, a serviço do Espiritismo. Privava a intimidade da liderança espírita da época, contribuindo da melhor forma para que a Doutrina crescesse e multiplicasse em todos os sentidos.

Deolindo Amorim, numa crônica para "O Cruzado", órgão doutrinário da Cruzada dos Militares Espíritas, dele escreveu

o seguinte: "O coronel Antônio Barbosa da Paixão foi um dos primeiros doutrinadores com quem conversei e de quem, logo depois, me tornei amigo. Tinha por ele uma admiração muito sincera. O que sempre chamava a atenção em suas atitudes, fosse onde fosse, eram justamente dois traços bem acentuados: a elegância e a humildade. Paixão era um homem de educação muito polida, vestia-se corretamente, mantinha uma linha de moderação impecável e era muito humilde".

Estudou música e, na qualidade de instrumentista, chegou a ser incluído na Banda da Brigada Militar, quando ainda praça, porém, o seu objetivo era ser oficial, o que alcançou em pleno êxito. Deixou, no entanto, várias composições de sua autoria, marchas e hinos para a Banda dessa Corporação.

O abnegado seareiro espírita só deixou o movimento doutrinário e muito especialmente a Liga Espírita "Fernandes Pinheiro" (denominação que passou a tomar, em 8 de dezembro de 1937, na reforma de seus estatutos), por incapacidade física. Deixou aos pósteros admiráveis exemplos de humildade e amor à Doutrina Espírita, como ponto de partida para um mundo melhor.



ANDREW JACKSON DAVIES

Nascido nos Estados Unidos da América do Norte, no dia 11 de agosto de 1826, e desencarnado em sua residência de Watertown, Estado de Massachusetts, no mesmo país, no dia 13 de janeiro de 1910.

Andrew Jackson Davies é cognominado "o pai do Moderno Espiritualismo" e "Allan Kardec norte-americano".

Filho de pais humildes e incultos, nasceu também entre gente humilde e desprovida de recursos intelectuais, num distrito rural do Estado de Nova Iorque, nas margens do rio Hudson.

Em sua infância, revelou-se um menino pouco atilado, baldo de atividades intelectuais e com um corpo bastante mirrado, nada revelando nele que futuramente seria um médium de excepcional destaque.

Nos últimos anos de sua infância, passou a ouvir vozes gentis e agradáveis, acompanhadas de belos fenômenos de clarividência. Em seguida desenvolveu-se nele também um dom mediúnico que lhe possibilitava diagnosticar várias enfermidades.

No dia 6 de março de 1844, ocorreu com ele um fenômeno de transporte espiritual. Da localidade de Poughkeepsie, onde residia, foi arrebatado até as montanhas de Catskill, cerca de

cinqüenta e cinco quilômetros distante. Nessas montanhas teve a oportunidade de confabular com os Espíritos de dois homens idosos, os quais lhe revelaram ser seus mentores, posteriormente identificados como Galeno e Swedenborg. Esse foi o primeiro contacto que Davies teve com Espíritos desencarnados.

Com o decorrer dos tempos, a sua mediunidade tomou novos rumos. Quando em transe, falava vários idiomas, inclusive o hebraico, dos quais não tinha o menor conhecimento. Sem conhecer gramática ou regras de linguagem, desconhecendo também qualquer estudo sobre ciência ou literatura, tinha a oportunidade de discorrer sobre intrincadas questões de Arqueologia histórica e bíblica, de mitologia e temas lingüísticos e sociais. Segundo as opiniões expressas por homens eruditos da época, dentre eles o Dr. George Bush, professor da Universidade de Nova Iorque, as respostas dadas por Andrew Jackson Davies eram de tal envergadura que "fariam honra a qualquer erudito daquela cidade, mesmo que, para as fornecer, tivesse consultado todas as bibliotecas da Cristandade."

Várias pessoas de renome foram atraídas pela sua mediunidade, dentre elas o Rev. William Fishboug, o Dr. Lyon e Edgar Allan Poe. Durante muitos anos o médium ditou, em transe mediúnico, um livro sobre os segredos da Natureza, o qual foi publicado no ano de 1847, com o título "Os Princípios da Natureza". Sobre essa obra "Sir" Arthur Conan Doyle exarou a opinião de tratar-se de um dos mais profundos e originais livros sobre Filosofia.

Posteriormente teve a oportunidade de receber mediunicamente outras obras, em parte editadas sob o título geral de *"Filosofia Harmônica"* e atribuídas ao Espírito de Swedenborg. Dezenas de edições dessas obras foram publicadas nos Estados Unidos, demonstrando o interesse que elas despertaram. A doutrina apregoada por Jackson Davies atraiu uma quantidade enorme de prosélitos.

Davies não era um místico ou religioso, no sentido vulgar, e nem aceitava os ensinamentos bíblicos em sua forma literal. No entanto, era um homem sério, incorruptível, amante da verdade e compenetrado da sua imensa responsabilidade na transmissão dos ensinamentos que recebia dos Espíritos. Apesar de desprovido de bens materiais, jamais deixou de exercer a caridade para com os menos favorecidos, e era inquebrantável no desiderato de aplicar a justiça em toda a sua plenitude.

Suas faculdades mediúnicas tiveram maior desenvoltura após ter ele atingido 21 anos de idade. Nessa época começou a divisar e descrever vários fenômenos desencarnatórios, fornecendo dados minuciosos sobre eles. Essas revelações coincidiam com as descrições fornecidas por outros médiuns, em várias partes do mundo.

Anteriormente ao ano de 1856, Andrew Jackson Davies profetizou a invenção do automóvel e de veículos aéreos acionados por uma força motriz de natureza explosiva, as máquinas de escrever e, ao que tudo indica, também locomotivas movidas por motores de combustão interna. É simplesmente assombrosa a descrição que o médium deu sobre esses inventos em sua obra hoje centenária, denominada "Penetrália".

Em 1847, ele predisse a manifestação ostensiva dos Espíritos com as criaturas humanas, adiantando que o advento desses dias não estava muito distante.

Foi um prelúdio daquilo que surgiria um ano mais tarde, em 31 de março de 1848, quando se estabeleceu um sistema de intercâmbio com o plano espiritual, através das médiuns irmãs Fox.

Realmente, numa de suas notas, escritas precisamente nessa data, escreveu ele: "Esta madrugada um sopro fresco passou pelo meu rosto, e ouvi uma voz, suave e firme, dizer-me: "Irmão, foi dado início a um bom trabalho; contempla a demons-

tração viva que surge. Pus-me a cismar no significado de tal mensagem."

Ele estava muito longe de supor que, naquela mesma noite, Margarida, Catarina e Leah Fox estabeleciam, no vilarejo de Hydesville, um sistema de conversação com os Espíritos, através de pancadas, inaugurando o grandioso movimento espiritual mundial.

Devido a essa revelação, o médium passou a ser conhecido como "o profeta da Nova Revelação".

Após a publicação de livros sobre "Filosofia Harmônica", obras de alto nível moral e intelectual, Davies começou a receber as "Revelações Divinas da Natureza", em cuja recepção consumiu os anos seguintes de sua vida.

Descrevendo o mundo espiritual, Davies afirmou ter visto por lá uma vida semelhante à da Terra, vida a que se poderia chamar semimaterial, com gostos e objetivos adaptados às nossas naturezas, que a chamada morte não modifica. Observou também que nesses planos espirituais, o trabalho científico, o artístico, o literário e o humanitário, não cessam jamais. Viu também as várias fases e graus do progresso espiritual, descrevendo as causas que motivam o retardamento da marcha evolutiva do ser humano.

Numa viagem que o seu Espírito encetou a um plano espiritual, ele descreveu um lugar denominado *Swnmerland*, onde os Espíritos de crianças desencarnadas, reunidas em grupo, em grandes e belos edifícios, recebem instrução e cuidados especiais, tudo de conformidade com a idade e o conhecimento delas.

Davies ficou tão empolgado com o sistema ali implantado e sua engenhosa organização, que buscou imitá-la no plano físico. Daí nasceu o primeiro Liceu Espiritista, por ele fundado

em 25 de janeiro de 1863, em Dodsworth Hall, Broadway, Nova Iorque. Esse movimento liceano ramificou-se a grande número de países de fala inglesa, notadamente a Inglaterra, Estados Unidos, Austrália e outros.

Gomo não poderia deixar de ser, Jackson Davies também foi vítima de acusações caluniosas e críticas acerbas, contra ele assacadas por detratores da sua obra. Homem superior, a tudo se sobrepunha com tolerância evangélica e larga compreensão.



AMÁLIA DOMINGO SOLER

Nascida a 10 de novembro de 1835, na cidade de Sevilha, Espanha, e desencarnada a 29 de abril de 1909.

Foi figura de grande destaque no seio do Espiritismo espanhol, tendo a sua fama ultrapassado mesmo as fronteiras da península ibérica, para atingir os países americanos de fala castelhana. No Brasil ela tornou-se muito conhecida pela sua obra "As Memórias do Padre Germano", verdadeiro repositório de ensinamentos dos mais vivificantes.

Amália não nasceu num lar risonho e sua vida foi entrecortada de dores físicas e morais, entretanto, ela tudo suportou com estoicismo, pois somente os Espíritos fortes sabem vencer os obstáculos, compreendendo que as tribulações da vida terrena são imperativos da lei divina, impostos aos homens pelas suas transgressões cometidas em vidas pretéritas. As adversidades que ela deparou pelo caminho nunca constituíram entraves à sua persistente luta, no sentido de projetar os ensinamentos da Doutrina Espírita na Espanha do século passado. Através de sua luta conseguiu também elevar bem alto o conceito da mulher no campo da divulgação.

Com a idade de dez anos, começou a escrever; aos dezoito já dava à publicidade as suas poesias. No propósito de melhor poder difundir os seus escritos, transferiu-se para Madri. Na

Capital espanhola trabalhou de forma tão intensa que ficou completamente cega.

Debalde procurou consolo no seio das religiões tradicionais. Os dogmas não a satisfaziam. Os conceitos da vida no além-túmulo, apregoados por essas religiões, não preenchiam o imenso vácuo que existia em sua alma.

Um dia, porém, através do periódico "El Critério", editado pela Federação Espírita Espanhola, tomou conhecimento do Espiritismo. Dali por diante os seus escritos, que apenas expressavam amargura, passaram a constituir uma fonte de consolação. Havia compreendido, afinal, que os sofrimentos experimentados nesta vida, são heranças de faltas cometidas em vidas pretéritas, e que, embora muitas pessoas tenham diante de si horizontes sombrios, devem-se compenetrar que Deus é pai de misericórdia e de amor, sempre pronto a conceder benesses de luz e dar sustentação às almas alquebrantadas. Passou Amália a compreender que o Evangelho de Jesus é, na realidade, uma fonte de água-viva que jorra para a vida eterna.

Os cognomes de "Poetisa das Violetas" e "Cantora do Espiritismo" lhe foram outorgados, pois o seu nome projetou-se de tal forma que ela se tornou, de direito e de fato, uma das mais apreciadas poetisas de seu tempo.

Animada de profunda fé em Jesus Cristo e nos benfeitores espirituais, conseguiu um dia recobrar a visão. Eis como ela relata esse importante acontecimento de sua vida: "Bela manhã, estando em sua casa sentiu repentinamente doloroso e estranho fenômeno: pareceu-me, disse ela, que toda minha cabeça se tinha enchido de neve, tal o frio intenso que senti na mesma. Prestei atenção e acreditei ouvir esta breve palavra: LUZ... LUZ... LUZ... para a minha alma e para os meus olhos; gritei movida por inexplicável impressão LUZ necessito, meu Deus. E sem saber por que, chorei, não com amargura

desconsolada, pelo contrário, aquelas lágrimas pareciam que davam vida. Sem dar conta do que fazia, encaminhei-me para um espelho, numa exclamação de júbilo e de assombro indescritível ao ver meus olhos perfeitamente abertos como há muito não os podia ver, pois que sempre os tinham com os párpados caídos, o que me impossibilitava de ver. Haveria chegado a hora da minha liberdade? perguntei em alta voz; julgando que alguém pudesse me responder. Sim, murmurou uma voz longínqua. Louca de contentamento corri para o médico que me disse: Amália, graças a Deus, a partir de amanhã poderás trabalhar, porém, sem excessos."

Podemos afiançar que o trabalho de Amália Domingo Soler no campo da divulgação do Espiritismo, foi de relevante importância, tendo contribuído decididamente para que a Doutrina dos Espíritos passasse a desfrutar de enorme prestígio naquela nação.

Amália foi uma mulher singular. Era um exemplo vivo de firmeza, de fé e de amor, na defesa dos ideais que esposava. Em novembro de 1878, desenvolveu ingente trabalho no sentido de rebater acusações que eram lançadas contra o Espiritismo pelo cura Manterola, na "A Gazeta de Catalunha". Nesse propósito ela escreveu uma série de cinqüenta e dois artigos.

Luiz Llach, seu protetor e amigo, propôs-lhe editar uma revista que permitisse o desenvolvimento de um trabalho jornalístico. Nessa época ela enviava colaborações para as publicações "El Critério", de Madri, e "El Buen Sentido", de Lérida. Llach, no entanto, reclamou a sua colaboração em Barcelona, para onde ela se dirigiu carente de recursos e com a vista bastante fraca. Ali ela foi apresentada ao editor Torrents, que se prontificou a financiar uma revista dedicada à mulher espírita, sendo ela convidada a dirigi-la. Surgiu então o periódico "La Luz dei Porvenir", no dia 22 de maio de 1879, o qual teve a sua publicação suspensa após a publicação do terceiro número,

por ordem das autoridades eclesiásticas, que nesse tempo exerciam o papel de policiamento das publicações religiosas. Estava-se a 5 de junho de 1879.

Essa atitude do clero católico não a intimidou e, no dia 22 de junho do mesmo ano, quando deveria aparecer o 4.° número de "La Luz dei Porvenir", ela fez aparecer "O Eco da Verdade", no mesmo formato. Dessa nova publicação saíram quinzenalmente 26 números, até o dia 4 de dezembro, quando foi levantada a punição ao primeiro órgão, o qual voltou então a circular.

Em novembro de 1899 "La Luz dei Porvenir" começou a sofrer intermitencias em sua publicação, devido à grande crise que assolou a vida desse famoso periódico. Nem por isso ela esmoreceu e seus escritos eram enviados para o México, Cuba, Itália, Venezuela e Argentina, servindo de material para muitas e importantes publicações editadas naqueles países.

Até o instante de sua desencarnação, sua vida foi assolada por grandes dissabores. O decesso de Luiz Llach fez com que a responsabilidade pelo funcionamento da Sociedade A Boa Nova, pesasse sobre seus frágeis ombros, as convulsões políticas e sociais, que avassalavam sua pátria, incidiam sobre a débil economia com que sustentava sua querida revista. Logo em seguida desencarnou o seu grande colaborador Eudaldo Pagés y Comas — o médium das comunicações das "Memórias do Padre Germano" e do "Perdôo-te". Sentiu-se então desamparada, embora seu Espírito vibrante e amante do trabalho continuasse a manter acesa a chama do seu ideal, fazendo-o até que suas energias se esgotaram por completo, dificultando a manifestação externa de sua grande alma.

Suas produções ultrapassaram a casa de um milheiro e nisso reside a fama inigualável que ela conseguiu amealhar nos seus 73 anos de vida terrena.



ARISTÓTELES SOARES ROCHA

Nascido na cidade de Barra Mansa, Estado do Rio de Janeiro, a 10 de junho de 1880, e desencarnado em S. Paulo, a 9 de junho de 1972.

Filho de Joaquim Soares da Rocha e de D. Arlinda Amélia Franco da Rocha, era viúvo de D. Hercília de Carvalho Rocha, de cujo matrimônio teve sete filhos. Em segunda núpcias, era casado com D. Maria do Carmo Solomon Rocha.

Foi vereador e Delegado de Polícia na cidade de Dourados, tendo também exercido funções correlatas em algumas cidades do Interior do Estado de S. Paulo.

Suas atividades no seio do Espiritismo tiveram início no ano de 1910, fundando com o auxílio de outros amigos e de sua irmã Clélia Soares Rocha, conhecida pioneira espírita, o Lar Anália Franco, em S. Manoel, Estado de S. Paulo.

Nos trinta últimos anos de sua vida era sempre requisitado pelos auditórios espíritas, onde suas palavras, sempre apreciadas, tinham o mérito de cativar os presentes, comovendo-os, e ele próprio dificilmente conseguindo sopitar as lágrimas que lhe brotavam dos olhos.

Espírito animado de profundos sentimentos de caridade, não regateava auxílio àqueles que o procuravam em busca de

uma palavra amiga, de um gesto fraternal ou de uma ação. Muitas pessoas aflitas se beneficiaram com suas palavras esclarecedoras e cheias de bondade.

Tomou parte em muitos conclaves espíritas que se realizaram no Estado de S. Paulo, e se fazia presente em todos os grandes acontecimentos que envolviam a Doutrina dos Espíritos.

Apesar de sua idade avançada, nos últimos anos de sua existência terrena, percorreu inúmeras cidades brasileiras, principalmente as capitais dos Estados, proferindo palestras e visitando instituições espíritas.

Homem de ilibado caráter, Aristóteles Soares Rocha deve se constituir em paradigma para aqueles que geralmente arrefecem em meio à jornada, que se sentem demasiadamente idosos para desempenhar tarefas no seio da Doutrina. Com 92 anos de idade ele ainda se sentia animado de verdadeiro idealismo, servindo à causa espírita até os últimos instantes de sua profícua vida terrena.

Não era menor o seu esforço no campo da assistência social, tendo contribuído decididamente para a fundação de um Lar para Meninos, no município de S. Isabel, nas proximidades da capital paulista, o que fez coadjuvado por outros companheiros de ideal.



"SIR" ARTHUR CONAN DOYLE

Nascido em Edimburgo, Inglaterra, a 22 de maio de 1859, e desencarnado em Cowborough (Sussex), no mesmo país, no dia 07 de julho de 1930.

Dada a projeção de seu nome em todo o mundo, Arthur Conan Doyle tornou-se um dos mais renomados espíritas do presente século, devendo-se a ele apreciável parcela da penetração que o Espiritismo alcançou em muitos países de fala inglesa, principalmente nos anos que se seguiram à grande catástrofe que foi a I Grande Guerra de 1914/18.

Muito pouco se sabe sobre a sua ascendência, entretanto, seu avô era o famoso caricaturista John Doyle. Seu pai, Charles Doyle, era um artista, possivelmente "Sir" Francis Hastings Charles Doyle, poeta nascido no Condado de York, em 1810 e desencarnado em 1888.

Arthur Conan Doyle fez sua educação no Stonyhurst College, na Alemanha, e na Universidade de Edimburgo, onde, em 1881, terminou o curso de medicina (M.B.) e quatro anos mais tarde o doutorado em medicina (M.D.).

Ainda bastante jovem, encetou numerosas viagens pelas regiões árticas e costa ocidental da África. Nessa época escreveu "A Study in Scarlet", publicada em 1887, quando já estava

clinicando em Southsea. No ano seguinte fez editar "Micah Clarck". A história da rebelião de Monmouth. "The sign of Four", em 1889 e em 1891 — "The White Company", que alcançou grande sucesso.

Nesse mesmo ano de 1891, conquistou enorme popularidade com as "Aventuras de Sherlock Holmes", que apareciam em "The Strand Magazine". Com a criação do genial Sherlock Holmes, cujas primeiras aventuras apareceram em "A Study in Scarlet", a prática da medicina de "Sir" Arthur Conan Doyle foi relegada a plano secundário, à medida que avançou a fama do escritor. Em 1893 reaparece o genial detetive nas "Memórias de Sherlock Holmes", seguidas de "O Cão de Baskervilles", em 1902 e de "A Volta de Sherlock Holmes", em 1905.

Ele não se limitou a esse gênero literário. Já em 1896 publicava alguns estudos históricos, dentre eles "As Explorações do General Gerard". Foram também de sua autoria "A História de Waterloo", "The Fires of Fate", "The House of Temperley" e "The Poison Belt".

Nos momentos críticos a sua pena esteve a serviço da Inglaterra. Ele não procurou servir a grupos isolados, mas tão somente à sua Pátria, fazendo-o com honestidade e elegância. Desta forma, em defesa do Exército Britânico na África do Sul, publicou em 1900, "The Great Boer War" e, dois anos depois, um estudo mais minucioso dessa guerra, intitulado "The War in South África; its Causes and Conduct".

Nessa época Conan Doyle já havia sido agraciado pelo governo inglês com o título de "Sir".

Pouco antes já havia publicado "The Tragedy of the Korosko", em 1898, uma pequenarhistória do Sudão anglo-egípcio e "The Green Flag", que aborda assuntos de origem africana. Nesse mesmo grupo se inclui a sua obra-prima "Sir Nigel". Pu-

blicou, ainda, de 1894 a 1912, oito obras abordando assuntos diversos, dentre elas alguns romances.

De 1915 a 1920, dentre outros trabalhos destacam-se "Cause and Conduct of the World War", que logrou traduções em doze idiomas, e "History of the British Campaign in France and Flanders", que representou a sua última contribuição para a sua terra e para a sua gente no sentor político.

O recurso de que era dotado para exteriorizar a sua imaginação, secundado pela comunicabilidade do seu estilo e a espontaneidade do seu poder criativo, fizeram dele um escritor de renome mundial, admirado por todos os povos.

O insigne novelista foi, em decorrência, um precursor dos métodos científicos de pesquisa policial e admirável historiador.

Falemos agora de "Sir" Arthur Conan Doyle espírita. Nos últimos anos do século passado, grandes médiuns ingleses, norte-americanos e de outros países haviam chamado a atenção de figuras de renome do mundo científico inglês. Os fenômenos eram patentes em toda a parte. Era o advento do novo-espiritualismo, provocando polêmicas, controvérsias, críticas e entusiasmos. Em 1882 foi fundada a "S.P.R." (Sociedade de Pesquisas Psíquicas), da qual grandes vultos da ciência se tornaram associados.

No dia 2 de julho de 1887, a revista inglesa "Light", publicou a célebre carta de Conan Doyle, dirigida ao seu diretor delineando as razões da sua conversão ao Espiritismo. Essa mesma carta foi reproduzida na adição de 27 de agosto de 1927, da mesma revista. O conhecido pioneiro espírita brasileiro Caírbar Schutel, também publicou sua tradução, na edição de 15 de julho de 1929, da "Revista Internacional de Espiritismo". Nessa carta ele manifesta a sua profunda compreensão dos postulados da Terceira Revelação, e essa confissão de fé espírita representa valioso documento da História do Espiritismo.

São também de sua autoria as obras ."História do Espiritismo" e "A Nova Revelação", ambas já vertidas para o português, e "A Mensagem Vital" e "Memórias e Aventuras".

Conan Doyle engrossava as fileiras dos materialistas-deístas, quando teve a oportunidade de presenciar as primeiras sessões realizadas com a mesa "pé-de-galo", e de ler as "Memórias do Juiz Edmonds". A curiosidade predominava então em seu Espírito, o qual demonstrava nítida propensão para o ceticismo, entretanto, não deixava de ler todos os livros que abordavam problemas psíquicos que surgiam no mercado livreiro. No ano de 1891, a "Sociedade Dialética de Londres" publicou extenso relatório que muito o impressionou, levando-o a ingressar no quadro de associados daquela douta organização.

A sua conversão definitiva para o Espiritismo concretizou-se em sua plenitude quando leu a obra "A Personalidade Humana", de Frederich Myers, obra essa que teve o mérito de receber dele os mais francos encômios.

Nessa altura escreveu ele: *"Enquanto considerei o Espiritismo como ilusão vulgar de ignorantes, tratei-o com desprezo, mas quando o vi apoiado por sábios como Crookes, o maior químico inglês, por Wallace, o rival de Darwin, e por Flammarion, o mais conhecido dos astrônomos, não pude mais desprezá-lo".*

Sua esposa, após ter-se comunicado com o Espírito de um seu irmão desencarnado em Mons, tornou-se a sua mais eficiente assessora, passando a acompanhá-lo em um número incontável de viagens de propaganda, encetadas à África do Sul, Cabo da Boa Esperança, Rodésia e Nairóbi, onde teve a oportunidade de falar a um auditório de 10.000 pessoas, sendo sempre ouvido com inusitado interesse e admiração, o que o levou a afirmar: *"Em três anos de seguidas conferências, durante as quais visitei quase todas as nossas grandes cidades, nunca fui*

interrompido e tenho a convicção de jamais haver maçado os ouvintes".

Conan Doyle havia-se convencido de ser o Espiritismo uma nova revelação, de suma importância não só para a ciência, para a medicina e para a criminologia, mas também destinada a penetrar fundo no campo da filosofia e da religião.

Quando se cogitou de elevá-lo a Par do Reino Unido da Grã-Bretanha, que é a mais relevante distinção que um homem pode ambicionar na Inglaterra, o fato significou o reconhecimento tácito do seu valor moral e intelectual. Uma condição surgiu, no entanto, deveria abjurar as suas idéias espíritas. Essa exigência encontrou nele a mais franca repulsa, embora sabendo com antecipação que a sua fidelidade ao Espiritismo significava a perda daquela excepcional oportunidade, além de perder numerosos amigos apegados a sectarismos e preconceitos. Ele, no entanto, situou a verdade acima de tudo, preferindo continuar a apregoar uma mensagem nova repleta de amor e paz para o gênero humano.

A sua recusa em trocar a glória de um título mundano pelo abandono de uma idéia libertadora, que ele reputava ser a lídima expressão da verdade, acarretou-lhe muitos detratores, porém, ele não os combateu, reconhecendo ser homens bitolados pelas mais variadas formas de observância de meros tradicionalismos.



BLANDINA PHILIPPINI FERREIRA

Nasceu em 02 de junho de 1903, no bairro da Casa Amarela em Recife, e desencarnou no dia 23 de maio de 1974, em Recife, Pernambuco.

Era filha de Xavier Alexandre Philippini, de nacionalidade francesa e Dona Maria Germana Gomes Philippini, brasileira. Era viúva do grande líder espírita pernambucano, Fernando Gomes Ferreira, de cujo matrimônio teve apenas uma filha, criando no entanto seis enteados do primeiro casamento de seu esposo; todos os seus descendentes são simpatizantes da Doutrina Espírita.

De família tradicionalmente católica, Blandina Philippini tomou contato com a Doutrina em 1921, pela leitura de "O Livro dos Espíritos". Consciente das verdades contidas na magistral obra, resolveu aprofundar-se no conhecimento doutrinário, lendo os demais livros da Codificação e de vários autores e, ao mesmo tempo, iniciou-se na prática, freqüentando o Grupo Espírita Bittencourt Sampaio, revelando tanto interesse pela causa, que logo foi chamada a fazer parte da sua diretoria sendo eleita Vice-Presidente e no ano seguinte Presidente do Grupo. Iniciou-se no serviço de palestras, impondo-se por seu verbo encantador, dominando auditórios, com sua voz vibrante e ao mesmo tempo comovedora; falava das belezas do Evan-

gelho de Jesus ou de temas doutrinários com a mesma candura. A "Federação Espírita Pernambucana" foi buscá-la para o seu quadro de oradores, confiando-lhe o setor evangélico, tarefa que exerceu por mais de 40 anos consecutivos. Fundou inúmeras instituições, entre as quais a Sociedade Espírita "Mensageiros do Bem", da qual foi Presidenta até a data da sua desencarnação. Foi uma das fundadoras da "Casa dos Espíritas de Pernambuco", sendo a sua primeira Secretária no Conselho Deliberativo. Fundou também a "União Espírita da Torre". Teve grande atuação na "Comissão Estadual de Espiritismo", onde ocupou vários cargos, sendo a primeira Presidenta da Ala Feminina, eleita em primeiro de setembro de 1950 e, quando de seu desencarne, ocupava a 1ª Vice-Presidência. Foi uma das grandes animadoras do movimento espírita pernambucano, participando de acontecimentos de relevo entre os quais a "Semana da Mulher Espírita Pernambucana", com encerramento no Teatro Santa Isabel e presença de autoridades civis e militares, confrades de todo o Estado e Estados vizinhos, tomando parte ativa nessas semanas, seareiras como Elisabeth Dantas (Nina), Nerícia Tavares, Judith Siqueira Braz e tantos outros valores femininos de Recife, onde a mulher caminha no Espiritismo passo a passo com os homens. Integrou a equipe de colaboradores de vários Cursos Intensivos de Espiritismo, promovidos pela "Comissão Estadual de Espiritismo", que tem a adesão de mais de uma centena de Instituições Espíritas em todo o Estado de Pernambuco. Em entrevista recente, para o Museu Espírita do Estado do Rio de Janeiro, declarou que entre todos os acontecimentos espíritas do Estado, sua melhor recordação era a Comemoração do Primeiro Centenário do Espiritismo, realizado no Parque 13 de Maio, em 18 de abril de 1957, promovido pela "Comissão Estadual de Espiritismo".

Colaborou muito na imprensa espírita pernambucana e de todo o Nordeste, dentre eles "Raios de Luz", "A Verdade", "Paraíba Espírita" e outros.

Gostava imensamente de poesias e de declamar em reuniões festivas. Sua inspiração surgia quase sempre no silêncio das madrugadas, deixando em sua bagagem belos poemas e sonetos. Em sua juventude trabalhou em Teatro Estudantil, adorava música clássica, apesar de ter apenas noções teóricas de música.

Tornou-se oradora muito solicitada para Congressos, Semanas Espíritas, Simpósios e reuniões festivas. Foi expositora de Cursos Intensivos de Espiritismo e grande animadora da Mocidade Espírita e da Escola Espírita de Evangelização para Crianças. Declarou que a Mocidade Espírita, que tantos frutos tem produzido por esse Brasil imenso, deve ser incentivada ao máximo, porque é a esperança de um Mundo mais dos moços. Centenas de Instituições Espíritas estão hoje sob a direção dos moços de ontem. A Mocidade Espírita criada pela visão extraordinária do Professor Leopoldo Machado, que teve a sua fase áurea em 1948, quando da realização, no Rio de Janeiro, do Congresso de Mocidades Espíritas do Brasil, no qual estava representado todo o País, abriu as portas da Doutrina aos jovens, integrando-os nos trabalhos do Centro Espírita, proporcionando-lhes o gosto pelo estudo doutrinário e o incentivo pela tribuna espírita, ombro a ombro, lado a lado, com os mais experimentados, sobretudo no campo assistencial.

Médium inspirada, se transfigurava na tribuna, ao distribuir as blandícias do Evangelho de Jesus. No contato com os menos felizes, exerceu moderadamente a beneficência num terreno muito difícil que é o da pobreza envergonhada, levando a fé, a coragem e o desejo de viver, a muitos que se julgavam abandonados pela sorte, e que encontravam nela o apoio seguro.

Blandina Philippini, pela sua cultura doutrinária, e pelo seu grande amor à Doutrina sobretudo pela sua humildade, deu causa a muitas conversões ao Espiritismo. No transcurso de sua existência terrena, de quase três quartos de século distribuiu luz e amor aos seus semelhantes.



BARÃO CARL DU PREL

Nascido em Landshut, Baviera (Alemanha), no dia 3 de abril de 1839 e desencarnado em Heiligkreuz (Tirol), no ano de 1899.

O barão Carl Du Prel foi destacado filósofo e um dos maiores pensadores modernos, constituindo-se também num dos mais sutis pesquisadores das coisas do Espírito. Oficial do Exército e doutor em filosofia pela Universidade de Tubingen, participou, juntamente com Lombroso, Schiaparelli, Chiaia, Brofferio, Ermacora, Richet e Aksakof, das famosas experimentações mediúnicas, realizadas em Milão, no ano de 1892.

Estudou na escola da nobreza de Munich e no Ginásio da mesma cidade. Iniciou seus estudos na Universidade no ano de 1858, abandonando-os logo a seguir para ingressar no Exército, a fim de satisfazer as aspirações de seu pai, o Barão Maximiniano Du Prel. Promovido ao posto de tenente, tomou parte em várias batalhas na Baviera. Seus conhecimentos do idioma francês, propiciaram-lhe o encargo de comandar o campo de concentração de Nemburg. Posteriormente abandonou a carreira militar, no posto de capitão, no ano de 1872.

Passou o resto de sua vida em Munich, dedicando-se primeiramente aos estudos de filosofia e estética, interessando-se sobremaneira pelo estudo dos fenômenos espíritas.

Como decorrência dos seus estudos de filosofia, chegou a obter o título de doutor. Colaborou assiduamente na revista "Sphinx" e escreveu algumas obras para a "Univres Bibliothek".

Influenciado pela filosofia de Kant, inclinou-se, sob a orientação de Hartmann e uma aproximação entre Schopenhauer e o Darwinismo.

A primeira edição alemã da obra do Conde Alexander Aksakof "Animismo e Espiritismo", refutando uma obra do Dr. Hartmann, foi publicada sob o título "A Hipótese dos Espíritos e seus Fantasmas". Aparentemente essa polêmica originou a conversão de Du Prel ao Espiritismo, pois, tão logo Aksakof foi obrigado a cessar a controvérsia, por motivo de saúde, Du Prel se encarregou de sustentá-la, contra seu antigo mestre.

A produção bibliográfica de Du Prel foi considerável, destacando-se as seguintes obras: "A Doutrina Monística da Alma", "A Psicologia Mágica", "Estudos nos Domínios das Ciências Ocultas", "O Espiritismo", "Lucidez e Ação à Distância", "A Descoberta da Alma por meio das Ciências Ocultas", "O Outro lado da Vida", "A Mística dos Gregos e Romanos", "Hartmann contra Aksakof", "Sobre o Conceito de Metafísica" e outras. O número dos livros publicados por esse notável pesquisador ultrapassou a casa das duas dezenas.

Numa de suas obras escreveu: "Enquanto o homem permanecer na dúvida se é uma criatura física e mortal ou um ser metafísico imortal, não terá o direito de gabar-se da sua consciência pessoal, nem de limitar-se a ter a morte como um salto nas trevas. Isso não convém sobretudo a um filósofo, cujo primeiro dever, segundo Sócrates, é de conhecer-se a si mesmo".



PROF. CARLOS JULIANO TORRES PASTORINO

Nascido a 4 de novembro de 1910, e desencarnado em Brasília (DF) no dia 13 de junho de 1980.

Era mais conhecido por Prof. Pastorino e era filho de José Pastorino e Eugênia Torres Pastorino. Desde criança demonstrou inusitada inteligência e vocação para a vida eclesiástica; com apenas 14 anos de idade, em 1924, recebeu os diplomas de Geografia, Corografia e Cosmografia, do Colégio D. Pedro II e, logo em seguida, ainda no mesmo ano, o diploma de Bacharel em Português, no mesmo Colégio. Viajou para Roma a fim de cursar o Seminário, onde, em 1929, foi diplomado pelo Cardeal Basílio Pompili, para a Ordem Menor de Tonsura. Formou-se em Filosofia e Teologia no ano de 1932, sendo ordenado sacerdote em 1934.

Abandonou a vida eclesiástica da Igreja Católica Romana, quando, em 1937, aguardava promoção para diácono. Surpreendeu-se com a recusa do Papa Pio XII, em receber o Mahatma Gandhi em seu tradicional traje branco. O Colégio Cardinalício exigia que o grande líder da Índia vestisse casaca, para não quebrar a tradição das entrevistas dos chefes de Estado. O Prof. Pastorino, diante dessa recusa, imaginou que se Jesus visitasse o Vaticano, não se entrevistaria com o Papa, pois vestia-se de

forma similar a Gandhi, e jamais se sujeitaria ao rigor exigido pela Igreja.

Regressou de imediato ao Brasil e desenvolveu intensa atividade pedagógica. Ingressou no Instituto Ítalo-Brasileiro de Alta Cultura, como professor de Latim e Grego, cargo que exerceu de 1937 a 1941. Em 1938, recebeu da secretaria do Ministério da Educação e Cultura, o registro de Professor de Psicologia, Lógica e História da Filosofia do Ensino Secundário. Em 1944, era aprovado como Professor-Adjunto e Catedrático de Latim, do Colégio Militar do Rio de Janeiro e, logo a seguir, por concurso realizado pela Diretoria Geral do Ensino do Exército, foi aprovado, em 1° lugar, como catedrático de Latim do Colégio Militar do Rio de Janeiro. Ainda por concurso, em 1951, foi aprovado como professor de Espanhol no Ministério Militar. Em 1961 foi Docente do Colégio D. Pedro II, na categoria de Professor Catedrático. Em paralelo ao magistério, exerceu também atividades jornalísticas, como correspondente dos "Diários Associados", muito especialmente "O Jornal". Foi sócio benemérito da Sociedade dos Artistas Nacionais. Em 1949, recebeu das mãos do então prefeito do antigo Distrito Federal Medalha de Bronze, em reconhecimento dos serviços prestados à Cultura e Arte. Foi Adido Cultural e Jornalístico da Academia Brasileira de Belas Artes. Sócio de inúmeros Sociedades Esperantistas, no Brasil e no Exterior. Delegado especializado (Faka Delegito), da Universidade Esperanto Asocio, com sede na Holanda; foi fundador da Sociedade Brasileira de Esperanto, no Rio de Janeiro. Pertenceu ao Sindicato dos Jornalistas e à Associação Brasileira de Imprensa (ABI). Sua bibliografia é imensa, com mais de 50 livros publicados e outros tantos inéditos.

Escritor, jornalista, teatrólogo, radialista, historiador, filólogo, professor, poliglota, poeta e compositor. Falava fluentemente vários idiomas, legando-nos imensa obra cultural, com

numerosos livros didáticos. Traduziu obras de vários autores ingleses, franceses, espanhóis, italianos, clássicos latinos e gregos.

No dia 31 de maio de 1950, terminava a leitura de "O Livro dos Espíritos", que recebera por empréstimo de um seu colega do Colégio D. Pedro II. Nesse dia declarou-se espírita, data que guardava com muito carinho. Passou a freqüentar o "Centro Espírita Júlio César", no Grajaú, o qual foi sua escola inicial de Espiritismo. No dia 8 de janeiro de 1951, com um grupo de abnegados companheiros, fundava o "Grupo Espírita Boa Vontade", posteriormente mudado para Grupo de Estudos "Spiritus", para não haver confusão com a Legião da Boa Vontade.

No "Grupo de Estudos Spiritus", nasceu o "Lar Fabiano de Cristo", o boletim "SEI" (Serviço Espírita de Informação), a CAPEMI, dos quais foi ele um dos fundadores, juntamente com o Cel. Jaime Rolemberg de Lima e outros grandes seareiros espíritas. Fundou a Livraria e Editora "Sabedoria" e a revista com o mesmo nome, prestando relevantes serviços à Doutrina, no terreno cultural. Foi Presidente do "Grupo de Estudos Spiritus" e do Lar Fabiano de Cristo, exerceu o cargo de Vice-presidente da CAPEMI, foi Diretor da Livraria e Editora, bem como da revista "Sabedoria".

O professor Carlos Pastorino realizou muitas palestras no Rio de Janeiro e em vários outros Estados. Participou ativamente de Congressos, Semanas Espíritas, Simpósios, Cursos e tantos outros eventos. Foi o Vice-Presidente do VI Congresso Brasileiro de Jornalistas e Escritores, de 1976, em Brasília, e um dos fundadores da Associação Brasileira de Jornalistas e Escritores Espíritas (ABRAJEE); fez-se sócio de inúmeras instituições espíritas e colaborou com a imprensa espírita nacional e do exterior. De sua vasta bibliografia espiritualista, destaca-se "Minutos de Sabedoria", que bate todos os recordes de vendagem, já em várias edições; "Sabedoria do Evangelho", publica-

do em fascículos na revista "Sabedoria" e em separado, já no 8° volume, "Técnicas da Mediunidade", excelente livro já em 2ª edição.

A grande aspiração do Prof. Pastorino era criar uma Universidade Livre, para ensinar Sabedoria; sonho que acalentava desde 1952. Em 1973 recebeu, por doação, do Dr. Miguel Luzz, famoso médico paulista, já desencarnado, magnífico terreno numa área suburbana de Brasília, denominada "Park Way", onde iniciou as obras da Universidade. Já com algumas dependências construídas, passou a residir no local, para administrá-la. Chegou a realizar vários cursos, estando a sua Biblioteca em pleno funcionamento, com o respeitável número de 8.000 volumes, adquiridos ao longo de sua existência, toda voltada para a cultura geral e o bem-estar da Humanidade.

Foi casado com Da. Silvana de Santa Marinha Pastorino, deixando três filhos maiores e sete netos. Deixou também um casal de filhos menores do segundo matrimônio.



CLAUDINO DIAS

Nascido em Coimbra, Portugal, no dia 5 de novembro de 1860, e desencarnado em Barra do Piraí, Estado do Rio de Janeiro, no Brasil, a 31 de dezembro de 1935.

No último quartel do século passado, era um verdadeiro arrojo as pessoas se declararem espíritas, principalmente nas cidades interioranas, onde invariavelmente prevalecia intensa intolerância religiosa.

Na cidade de Barra do Piraí, um cidadão português de nome Claudino Dias, filho de João Dias e Tereza Quaresma Dias, professava o Protestantismo com grande dedicação, entretanto, ao ouvir freqüentemente os pastores de sua igreja atacarem o Espiritismo, uma idéia nova que havia surgido na cidade, ele interessou-se pelo estudo dessa Doutrina, animado do propósito de também passar a combater a religião que os seus mentores religiosos apregoavam ser herética.

Após alguns estudos, notou, no entanto, que os ensinamentos do Espiritismo preenchiam a ânsia de conhecimento do seu Espírito e satisfaziam velhas indagações que pululavam em seu intelecto, por isso, em vez de se tornar um detrator do Espiritismo, abraçou-o com convicção, aliando-se a Manoel Chaves, um dos poucos espíritas existentes na cidade, estabelecendo assim

um sistema de estudo sistemático das obras que constituíam a base angular da Doutrina dos Espíritos. Em 1886, Claudino Dias já era um espírita dos mais convictos.

Logo tiveram conhecimento da existência de um médium de nome Izarias Soares Rodrigues e, coadjuvado por ele, deram início à realização de sessões práticas de Espiritismo, a primeira delas acontecida na véspera do chamado dia de S. João, motivo pelo qual resolveram fundar a primeira instituição espírita da cidade, dando-lhe o nome de Grupo Espírita S. João.

Dessa instituição surgiram os primeiros focos de divulgação do Espiritismo, os quais, graças ao dinamismo e operosidade de Claudino Dias, logo se propalaram a outras cidades da circunvizinhança.

O nome do Grupo Espírita São João foi mantido até 27 de julho de 1894, quando foi alterado para Grupo Espírita Filhos da Verdade. Esse segundo nome prevaleceu até 10 de abril de 1904, quando, por deliberação de nova assembléia geral foi substituído por Grêmio Espírita de Propaganda. No dia 17 de junho de 1906, em sua sede foi fundado o Colégio Ismael, destinado aos filhos dos associados e às crianças carentes de ambos os sexos. Em 7 de setembro de 1908, foi ali inaugurado também o Albergue São João Batista, uma das primeiras instituições espíritas, desse gnêero, no Brasil.

Finalmente, a 3 de maio de 1914, por deliberação de nova assembléia, o nome da instituição foi, pela quarta vez, mudado para Grêmio Espírita de Beneficência, nome que conserva até o dia de hoje. Foi inaugurada ampla sede própria que também abrigou o Colégio e o Albergue. Por ocasião da gripe espanhola de 1918, que causou tantas vítimas, as instalações do Grêmio foram cedidas para o atendimento dos pacientes, acometidos por aquela insidiosa enfermidade. Fora da sua sede foram inaugurados, em 1920, o Asilo S. Agostinho, para a velhice desam-

parada, e, em 1927, o Hospital de Pronto Socorro, posteriormente cedido para a Prefeitura Municipal da cidade.



Claudino Dias tornou-se, pois, de direito e de fato, um dos mais autênticos desbravadores espíritas da região. Seu nome, aureolado de respeito e admiração tornou-se fonte de referência para todos que quisessem falar sobre os grandes seareiros espíritas. A sua ação foi incessante, pois ele jamais esmoreceu um dia que fosse, levantando bem alto a bandeira do Espiritismo, fazendo com que a Doutrina se tornasse admirada por todos e que a obra espírita se destacasse como expressão do que pode ser feito onde existe o idealismo e a firme disposição para o trabalho.



CORNÉLIO PIRES

Nascido na cidade de Tietê, Estado de S. Paulo, no dia 13 de julho de 1884, e desencarnado em S. Paulo, no dia 17 de fevereiro de 1958.

Ainda bastante jovem, com apenas 17 anos de idade, veio de Tietê para S. Paulo, com a esperança de poder participar de um concurso para admissão na Faculdade de Farmácia. Não conseguindo realizar o seu intento, dedicou-se à carreira jornalística, passando a trabalhar na redação do jornal "O Comércio de São Paulo", quando experimentou todas as dificuldades inerentes aos que se iniciam nessa carreira. Posteriormente passou a trabalhar no jornal "O São Paulo", tendo ocupado também o cargo de revisor de "O Estado de São Paulo", tradicional órgão da imprensa paulista. No ano de 1914 passou a dar a sua contribuição ao jornal "O Pirralho".

Escrevendo "A Vida Pitoresca de Cornélio Pires", escreveu Joffre Martins Veiga: "Ninguém amou tanto sua gente como Cornélio Pires; ninguém se preocupou tanto com seus semelhantes como esse homem, que foi, antes de tudo, um bom." O célebre poeta Martins Fontes, por sua vez, escrevendo sobre ele, afirmou: "é um bandeirante puro, um artista incansável, enobrecedor da Pátria e enriquecedor da língua."

Aconselhado pelo grande jornalista Amadeu Amaral, Cornélio Pires resolveu tornar-se escritor regionalista, salientando-se então como um dos maiores divulgadores do folclore brasileiro.

Pelos idos de 1910, lançou "Musa Caipira", livro que foi saudado pela crítica, devido ao seu conteúdo tipicamente brasileiro. Sílvio Romero, crítico dos mais preeminentes do Brasil, em carta dirigida ao poeta exprimiu-se da seguinte forma: "Apreciei imensamente o chiste, a cor local, a graça, a espontaneidade de suas produções que, além do seu valor intrínseco, são um ótimo documento para o estudo dos brasileirismos da nossa linguagem..."

Abandonando a carreira jornalística, Cornélio Pires tomou a decisão de viajar pelo interior do Estado de São Paulo e de outros Estados brasileiros, estreando na condição de caipira humorista. Alguns anos mais tarde chegou a organizar o "Teatro Ambulante Gratuito Cornélio Pires", perambulando de cidade em cidade, tornando-se admirado por toda a população brasileira.

Alguns anos antes da sua desencarnação voltou para Tietê, comprou uma chácara nas adjacências da cidade e fundou a "Granja de Jesus", lar destinado à criança desamparada, tendo desencarnado sem poder ver a conclusão de sua obra.

Quando de sua desencarnação, já espírita convicto, trabalhava na preparação da "Coletânea Espírita". Nessa época já havia publicado duas obras de fundo nitidamente espírita: "Onde estás, ó morte?" e "Coisas do Outro Mundo", o que fez nos anos de 1944 e 1947.

Narrou Cornélio Pires que, no ano de 1901, começou a freqüentar a Igreja Presbiteriana, entretanto, não conseguiu conciliar os ensinamentos dessa igreja com o seu modo de pensar. As idéias das penas eternas e da preferência de Deus por membros de determinadas religiões, não encontraram guarida em seu

coração. Não conseguindo extrair dos Evangelhos os ensinamentos segundo o bafejo do Espírito, mas apegando-se mais ao formalismo da letra que mata, acabou quase descambando para o materialismo.

Nessa época não conhecia ainda o Espiritismo, porém, quando começou a fazer viagens para o interior, aconteceram com ele vários fenômenos mediúnicos, que muito o impressionaram, principalmente algumas comunicações recebidas do Espírito Emílio de Menezes.

Interessando-se por essa Doutrina, passou a ler os livros de Allan Kardec, Léon Denis, Stainton Moses, Albert de Rochas, os livros psicografados pelo médium Francisco Cândido Xavier e outros.

Dali por diante integrou-se resolutamente no Espiritismo, interessando-se particularmente pelos fenômenos de efeitos físicos e materializações, tendo mesmo publicado no livro acima "Onde Estás, ó morte?", várias fotografias de Espíritos desencarnados.

De sua vasta bibliografia destacamos: "Musa Caipira", "Versos Velhos", "Cenas e Paisagens de Minha Terra", "Monturo", "Quem Conta um Conto", "Conversas ao Pé do Fogo", "Estrambóticas Aventuras de Joaquim Bentinho, o Queima Campo", "Tragédia Cabocla", "Patacoadas", "Seleta Caipira", "Almanaque do Saci", "Mixórdias", "Meu Samburá", "Sambas e Cateretés", "Tarrafadas", "Chorando e Rindo", "De Roupa Nova", "Só Rindo", "Tá no Bocó", "Quem Conta um Conto. . . e outros Contos. . .", "Enciclopédia de Anedotas e Curiosidades", além dos dois livros espíritas já citados.

Foi um humorista em em sua mais elevada expressão, empolgando as platéias com seu gênero característico, cativando a simpatia de todos os brasileiros.

Num dos seus escritos sobre a Doutrina Espírita, dizia ele: "O Espiritismo, mais cedo ou mais tarde, fará aos católicos romanos, aos protestantes e aos adeptos de outros credos, a caridade de robustecer-lhes a Fé, com os fatos que provam a imortalidade da alma, que se transforma em Espírito ao deixar o invólucro material." E, mais adiante: "Como religião o Espiritismo nos religa a um Pai que é AMOR e não chibata, e que, sendo Amor não iria matar seu próprio Filho Jesus em benefício de uma Humanidade perversa. O Espiritismo nos proporciona a FÉ RACIOCINADA, nos arrebata ao jugo do dogma e nos ensina a compreender DEUS como Ele é."



ELISABETH D'ESPÈRANCE

Nascida em 1849 e desencarnada a 20 de julho de 1918.

Elisabeth D'Esperèrance, ou Madame D'Espèrance, cujo verdadeiro nome era Mrs. Hope, foi médium de grande projeção, tendo servido de instrumento para as pesquisas encetadas por muitos sábios de sua época.

Sua carreira no campo mediúnico alcançou grande notoriedade, abrangendo o continente europeu e principalmente a Inglaterra. Apareceu em público pela primeira vez, graças à interferência de T. P. Barkas, cidadão bastante relacionado na cidade de New Castle. Nessa época a médium era uma mocinha de educação média, entretanto, quando em transe mediúnico, demonstrava bastante discernimento das coisas, revelando um grau elevado de sabedoria, muito acima do consenso geral. Extensas listas de perguntas eram elaboradas por Barkas, abrangendo vários aspectos da Ciência, e as respostas eram obtidas com incrível rapidez, e geralmente em inglês, porém, algumas vezes em alemão ou em latim.

A médium viveu em meio dos casos mais estranhos, desde a mais tenra idade, pois, em suas memórias, ela descreve as suas aventuras com Espíritos de aparência infantil, que com ela brincavam, altercavam-se e logo após se reconciliavam. Suas

faculdades mediúnicas foram das mais portentosas e se intensificaram com o decorrer dos anos, especialmente no campo das materializações, onde conseguiu resultados verdadeiramente impressionantes. Na obscuridade escrevia respostas as mais sofisticadas às questões formuladas por pessoas que as buscavam em uma biblioteca inteira. Tais indagações eram formuladas de forma aleatória, em inglês, alemão ou latim e mereciam respostas no mesmo idioma, sem qualquer espécie de erro de estilo ou de gramática.

Por seu intermédio encetaram-se várias e freqüentes experiências com o Espírito de belíssima jovem árabe, de negra e ondulada cabeleira, de pele morena e muito graciosa.

Demonstrou notável capacidade nos fenômenos de materializações, principalmente na formação de plantas que passavam a ter prolongada duração e que eram colocadas em jardins.

Afirmou o Dr. William Oxley que conseguiu, através da médium, a materialização de 27 rosas e outras plantas em uma só sessão. Dentre essas plantas salientava-se uma cujo nome científico era "Ixora Crocata", que foi colocada numa estufa, e ali viveu cerca de três meses, quando então se secou.

Oxley também presenciou a materialização, com grande nitidez, de uma jovem de rara beleza, a qual, após apresentar-se em toda a sua magnitude começou a desmaterializar-se, a começar pelos pés, como se fora uma estátua de cera colocada sobre uma placa quente. Vários outros comentários de Oxley estão contidos em sua obra "Revelações Evangélicas".

O Conde Alexander Aksakof também realizou várias pesquisas com a famosa médium, obtendo resultados os mais positivos, o mesmo sucedendo com o professor Butlerof, catedrático de Química da Universidade de Petersburgo.

Certa manhã, a médium, estando ocupada em escrever algumas cartas comerciais, em dado momento verificou, com es-

panto, que sua mão havia escrito automaticamente o nome "Swen Stromberg". Ninguém soube explicar de quem se tratava.

Algum tempo após, quando Aksakof e Buttlerof faziam experimentações no sentido de fotografar Espíritos materializados, atrás da médium apareceu também a figura de um homem. Consultado, o mentor espiritual explicou tratar-se de um personagem cujo nome era exatamente Swen Stromberg, o qual havia desencarnado no dia 13 de março daquele ano, em New Stockholm, e pedia que seus pais fossem avisados sobre o seu decesso. Os pais, quando viram a fatografia reconheceram de pronto o filho que havia desencarnado, deixando esposa, filhos e sendo pranteado por muita gente.



EPES SARGENT

Nascido no dia 27 de setembro de 1813, na cidade de Gloucester, Massachusetts, Estados Unidos, e desencarnado a 30 de dezembro de 1880.

Era filho do mestre-de-navios Epes Sargent e de Hannah Dane Coffin e pertencia à linhagem de William Sargent, a quem o governo havia concedido a posse de terras na região de Gloucester, no ano de 1678. Seus ancestrais foram John Winthroup e Joseph Dudley, antigos governantes da colônia inglesa de Massachusetts.

Transferindo seu domicílio de Gloucester para Roxbury, nas vizinhanças de Boston, no ano de 1818, o genitor de Epes Sargent ali se dedicou ao comércio, no que não foi muito feliz, retornando à sua antiga cidade, onde se dedicou novamente à pesca, como fazia anteriormente.

Esse descontrole financeiro, no entanto, não afetou o aculturamento dos filhos, principalmente por ver em Epes Sargent um jovem superdotado de inteligência. Por isso matriculou-o na "Escola Latina de Boston", onde ele revelou invulgar tendência para a literatura, tendo-se graduado em 1829. Nessa época visitou a Rússia em companhia de seu pai.

Atingindo a idade dos trinta anos, fez parte do corpo redatorial de importantes periódicos editados na época. Posterior-

mente tornou-se correspondente político do "Boston Daily Atlas", em Washington.

Na capital norte-americana, teve a oportunidade de contrair a amizade de numerosos políticos, especialmente de membros do Partido Liberal *Whig*, aproveitando o ensejo para publicar, em 1848, o seu notável livro "A Vida e os Serviços Públicos de Henry Clay". Logo a seguir lançou a obra "A Noiva de Gênova" e a tragédia "Velasco", escrita também em 1837 e lançada em 1839.

Nessa época partiu para Nova Iorque, onde permaneceu durante oito anos, trabalhando no célebre jornal "The New York Mirror", fazendo parte, logo a seguir, no "The New World" e do "New Monthly Magazine". Não demorou muito e lançou o seu próprio jornal "Sargenfs New Monthly Standard", que teve vida efêmera.

Retornando a Boston, em 1847, participou do corpo redatorial de numerosos órgãos publicitários, dentre eles o "Boston Evening Transcript", "The School Monthly", "The Knickerbocker Magazine" e "The Atlantic Monthly". Justamente no ano em que regressou a Boston, deu à publicidade o seu melhor volume de versos, intitulado "Canções do Mar, com outros Poemas".

Sargent casou-se a 10 de maio de 1848, com Elisabeth W. Weld, de Roxbury, não tendo tido descendentes diretos.

As suas atividades no campo educacional foram de grande relevância. Escreveu uma quantidade apreciável de obras destinadas a estudantes e professores, tendo mesmo sido catalogado como educador emérito, tornando-se famoso em toda a América do Norte, na segunda metade do século passado. A sua obra "The Standard Speaker", publicada em Filadélfia no ano de 1852, alcançou mais de sessenta edições. De 1852 a 1873 es-

creveu numerosos compêndios e manuais de instrução, os quais foram largamente adotados nos colégios e escolas dos Estados Unidos. Paralelamente publicou, no ano de 1858, outra coleção de "Poemas", com 300 páginas e, em 1870, a narrativa em versos, com o título "The Women who dared", sem contar outras obras de inquestionável valor.

Em 1859 traduziu e publicou no jornal "The Press", o escrito de Tomás Celano, notável escritor franciscano, sob o título "Dies Irae".

Além do elevado número de obras por ele divulgadas, deve-se acrescentar que muitos dos seus escritos foram publicados anonimamente, deixando por isso de ser registrados em enciclopédias.

Nos últimos vinte ou trinta anos de sua fértil existência, Epes Sargent se interessou pelo Espiritismo, estudando-o profundamente após ter sido um dos que combateram e repudiaram os insólitos fenômenos ocorridos em Hydesville e Rochester, através das médiuns Leah, Margareth e Katherine Fox.

Manteve correspondência epistolar com numerosos dirigentes espíritas dos Estados Unidos e da Europa. Escreveu elevado número de artigos para as publicações que então se ocupavam da matéria. Foram também de sua autoria as seguintes obras versando sobre Espiritismo: "Revelações do Grande Mistério Moderno — Pranchetas, com teorias sobre as mesmas" (Boston, 1869), "Prancheta, ou o Desespero da Ciência face ao Espiritismo" (Boston e Londres, 1869), "A Prova Palpável da Imortalidade" (Boston, 1875). Nessa última obra, ele descreve os fenômenos de materialização e tece comentários, analisando o Espiritismo em face da Teologia, da Moral e da Religião. Finalmente, escreveu a sua obra mais importante: "Bases Científicas do Espiritismo" (Boston, 1880), tratado de inegável valor sobre o aspecto científico da doutrina.

Em 1868 havia contraído uma afecção brônquica de que nunca mais ficou livre. No ano de 1872 visitou a Europa, permanecendo algum tempo no sul da França. Como que pressentindo o seu próximo desenlace, pois sua saúde se agravava continuamente, trabalhou de forma intensa no afã de terminar "The Scientific Basis of Spiritualism". Finalmente foi acometido de um câncer na boca, o qual se propagou rapidamente, impedindo sua manifestação oral e debilitando sua saúde. No dia 30 de dezembro de 1880, seu Espírito partiu rumo à verdadeira pátria, consciente de ter desempenhado relevante obra na face da Terra.

Epes Sargent foi um homem dotado de talento fora do comum. Sua operosidade foi das mais marcantes, tendo merecido de Edgar Allan Poe, que havia tomado conhecimento dos seus escritos anteriores a 1849, as seguintes palavras: "É um dos mais preeminentes membros da extensíssima família Americana — a dos homens de engenho, talento e tato."



ERNESTINA FERREIRA DOS SANTOS

Nasceu no dia 1.° de janeiro de 1879, no Rio de Janeiro; e desencarnou no dia 16 de novembro de 1953, na mesma cidade.

Era filha de Aristides Gonçalves Ferreira e D. Augusta Dias Ferreira.

Pequenina perdeu o seu pai, ficando aos cuidados de sua boa e dedicada genitora, que lhe deu esmerada educação. Muito franzina, de saúde delicada, aos cinco anos de idade foi acometida de forte dor na perna esquerda; era o início de porose óssea, que lhe desarticulou o quadril. Depois de uma série de operações dolorosíssimas, teve que amputar a cabeça do fêmur, ficando com uma perna mais curta, valendo-lhe anos de intenso martírio; suas dores eram tamanhas que só se podia penetrar no seu quarto nas pontas dos pés, para evitar-lhe perturbações.

Assim, chegou à juventude nesse martírio constante. Rebelou-se com a religião de seus pais, o catolicismo professado por toda família. Argumentava então: "Eu sinto que Deus existe, porém não como O apresentam. Porque eu que nunca fiz mal a ninguém, sofro tanto, enquanto tanta gente perversa, tem saúde e vive feliz?" O seu avô, que lhe queria muito bem, ficava horrorizado com esse seu pensamento, dizendo: "Vamos rezar, gente, que nossa Nenê está sendo tentada pelo diabo".

Sua mãe, professora, viúva, pobre e cheia de filhos, foi transferida para Jacarepaguá. Lá conheceu um casal de fazendeiros, pais de nove filhos, casando-se um deles com sua filha mais velha, daí nascendo um romance de outro filho do casal, com Ernestina, sem esperança de se realizar o enlace em virtude da precariedade de seu estado de saúde.

Ignácio Barbosa dos Santos, dois anos mais velho que Ernestina, apaixonou-se pela sua candura. Era de índole boa e amorosa e passou a ser seu par constante, acompanhando-a sem desanimar, apesar de sua enfermidade e de seu estado de fraqueza. Com 17 anos, tendo sofrido sete operações na perna, andava com dificuldade, com dores atrozes. Mesmo assim, ambos se sentiam cada vez mais apaixonados. Por certo eram espíritos compromissados que se reencontravam.

Devido à sua enfermidade, foi levada a procurar um curador de nome Eduardo Silva, em S. Paulo, o qual, embora não sendo espírita, era dotado de faculdades mediúnicas. Nessa época um seu primo presenteou-a com um exemplar de "O Evangelho Segundo o Espiritismo".

No decurso da viagem ela leu o livro e sentiu que um novo horizonte se descortinou a seus olhos. Nessa época, quando Eduardo Silva impôs suas mãos sobre ela, fez com que sentisse grande melhora em seu estado físico; no hotel ela notou que suas vestes estavam molhadas com uma secreção. Com novas aplicações de passes, suas dores desapareceram por completo.

Sentindo-se curada, dois anos depois consentiu no casamento, tornando-se esposa e mãe. O seu esposo tornou-se enfermeiro desvelado, com profundo sentimento de proteção para o seu defeito físico.

Anos depois de casados, a moléstia tornou a manifestar-se. O médico aconselhou uma intervenção cirúrgica, porém, surgiu

em seu caminho um cidadão que professava o Espiritismo, o qual lhe sugeriu a aplicação de passes, recomendação que ela recebeu com intensa alegria. Nossa época teve a oportunidade de desenvolver a sua mediunidade, dando passividade a um Espírito de nome Ester que, remontando às vidas pretéritas, revelou-lhe as causas do seu sofrimento. Logo em seguida o médico constatou que ela estava radicalmente curada.

Integrando-se no Espiritismo, ela e seu esposo fundaram no próprio lar o "Grupo Espírita Cultivadores da Verdade", que funcionou algum tempo sob a direção do Sr. Serrão, um amigo da família, tendo posteriormente assumido a sua direção o famoso médium Inácio Bittencourt.

Foi então criado o "Pão dos Pobres", uma forma de assistência aos necessitados, tendo Ernestina muitas vezes subido os morros, com a ajuda de um garoto, a fim de praticar a sua tarefa assistencial.

Nessa época o seu esposo sofreu um revés financeiro, tendo que liquidar sua firma. Ernestina fez um concurso na Escola Normal, diplomando-se professora, passando a ajudar o esposo, até que a vida do casal se normalizasse.

A sua aspiração primacial consistia em fundar uma casa para abrigar crianças desamparadas, porém não via viabilidades para isso, pois as disponibilidades eram diminutas; as pessoas que freqüentavam o Grupo, bastante modestas e pobres. Teresa de Jesus, que se comunicava por seu intermédio, anunciava que, daquela pequenina associação de Pão aos Necessitados, se desenvolveria grande Casa de Caridade, em futuro muito próximo.

No dia 31 de dezembro de 1918, tudo estava pronto para a distribuição no dia seguinte: os pacotes de gêneros, os cortes de fazenda, roupinhas, brinquedos e até dinheiro em envelope,

quando alguém bate à porta, entregando uma lista com a importância de novecentos e trinta mil réis, uma fortuna naquela época. Que fazer com aquele dinheiro todo? pensou Ernestina, e guardou-o para posterior deliberação. No dia seguinte, 1.° de janeiro de 1919, fez-se a distribuição habitual. Era quarta-feira e, naquela noite, realizou-se a sessão. No final, como de costume veio a comunicação de Teresa de Jesus, dizendo: "O dinheiro que entrou à última hora é a semente para a Casa de Caridade que venho anunciando. Será para as criancinhas mais pobres que encontrardes. Trabalhai, que eu vos ajudarei".

A alegria foi geral. No mesmo instante, lavrou-se a ata de fundação e os presentes increveram-se como sócios fundadores, e a primeira diretoria do Abrigo "Teresa de Jesus" ficou assim constituída: Presidente, Ignácio Bittencourt; Vice-Presidente, Raul Salgado Zenha; Diretora, Ernestina F. dos Santos; Vice-Diretora, Maria Emília Appa dos Santos; Diretor, Ignácio Santos; Vice-Diretor, Manoel Santos; Tesoureiro, Antônio Batista Coelho; Vice-Tesoureiro, Samuel Caldas; Secretário, Octávio Pereira Legey; Vice-Secretário, Alexandre Dyott Fontenelle; e Procurador, João Esberard.

A sua abnegação e o seu espírito de trabalho, junto às crianças e aos necessitados, sua alma caridosa e sua bondade personificada valeram-lhe, em 1951, o Diploma e a Medalha de "Honra ao Mérito", outorgados pela Rádio Nacional, num prograva dirigido pelo Dr. Paulo Roberto destinado a agraciar aqueles que se sobressaíssem pelos benefícios prestados em causas humanitárias.

Não desejamos santificar ninguém, não é esse o nosso objetivo ao desvendar essas grandes vidas, porém mostrá-las como exemplo de abnegação aos pósteros, dizendo-lhes: que mesmo nesta época, em que imperam a maldade e a corrupção, nem tudo está perdido, grandes almas salientam-se pela doçura de sentimentos e força moral, como verdadeiros discípulos de Cristo.

Sua desencarnação deixou à sua retaguarda um rastro de luz, seguido por um punhado de companheiros que, até hoje, sustenta e haverá de sustentar sempre a Casa de "Teresa de Jesus", Instituição modelar no Estado do Rio de Janeiro.



ERNESTO BOZZANO

Nascido em Gênova, Itália, no ano de 1861, e desencarnado na mesma cidade, no dia 7 de julho de 1943.

Trabalhando catorze horas diárias, durante cinquenta e dois anos; um estudo profundo que, se enfeixado num livro de tamanho médio resultaria num volume de 15.000 páginas; prolongadas e meticulosas pesquisas com o valioso concurso de 76 médiuns; nove monografias inconclusas, essa a folha de serviço de um dos mais eruditos pensadores e cientistas italianos. Seu nome: Ernesto Bozzano.

Cumpre aqui registrar também que Bozzano, com apenas 16 anos de idade, já se interessava por temas abrangendo assuntos filosóficos, psicológicos, astronômicos, ciências naturais e paleontológicos. Além disso, desde a sua juventude, sentia inusitada atração para os problemas da personalidade humana, principalmente os que conduziam às causas dos sofrimentos, a finalidade e a razão da vida humana.

Numa época quando o Positivismo de Augusto Comte empolgava muitas consciências, Bozzano passou a engrossar suas fileiras, demonstrando nítida inclinação por todos os ramos do saber humano e entregando-se, resolutamente, ao estudo das obras dos grandes filósofos de todas as épocas. Dos postulados positivistas gravitou para uma forma intransigente de materia-

lismo, o que o levou a proclamar, mais tarde: *Fui um positivista-materialista a tal ponto convencido, que me parecia impossível pudessem existir pessoas cultas, dotadas normalmente de sentido comum, que pudessem crer na existência e sobrevivência da alma.*

Nos idos de 1891, recebeu do professor Ribot, diretor da *Revista Filosófica,* a informação sobre o lançamento da revista *Anais das Ciências Psíquicas,* dirigida pelo Dr. Darieux, sob a égide de Charles Richet. A sua opinião inicial sobre essa publicação foi a pior possível, dada a circunstância de considerar verdadeiro escândalo o fato de representantes da Ciência oficial levarem a sério a possibilidade da transmissão do pensamento entre pessoas que vivem em continentes diferentes, a aparição de fantasmas e a existência das chamadas casas mal-assombradas.

Nessa mesma época, o professor Rosenbach, de S. Petersburgo (atual Leningrando), publicou violento artigo na "Revista Filosófica", situando-se numa posição antagônica à introdução desse novo misticismo no domínio da psicologia oficial. Na edição subseqüente, o Dr. Charles Richet refutou, ponto por ponto, as afirmações de Rosenbach, as quais reputava errôneas, mostrando em seguida as suas conclusões lógicas sobre a matéria. Esse artigo do sábio francês teve o mérito de diminuir as dúvidas de Bozzano.

Os últimos resquícios dessa dúvida foram completamente destruídos na mente de Bozzano, quando ele leu o livro "Fantasmas dos Vivos", de autoria de Gurney, Podmore e Myers. As dúvidas que alimentava sobre os fenômenos telepáticos foram assim completamente eliminadas. Dali por diante dedicou-se, com afinco e verdadeiro fervor, ao estudo aprofundado dos fenômenos espíritas, fazendo-o através das obras de Allan Kardec, Léon Denis, Gabriel Delanne, Paul Gibier, William Crookes, Russel Wallace, Du Prel, Alexander Aksakof e outros.

Como medida inicial para um estudo mais profundo, Bozzano organizou um grupo experimental, do qual participaram o Dr. Giuseppe Venzano, Luigi Vassalo e os professores Enrique Morselli e Francisco Porro, da Universidade de Gênova.

No decurso de cinco anos consecutivos, graças ao intenso trabalho desenvolvido, esse pequeno grupo propiciou vasto material à imprensa italiana e, ultrapassando as fronteiras da península, chegou a vários países, pois, praticamente havia-se obtido a realização de quase todos os fenômenos, culminando com a materialização de seis Espíritos, de forma bastante visível, e com a mais rígida comprovação.

O seu primeiro artigo intitulou-se "Espiritualismo e Crítica Científica", porém, o sábio levou cerca de nove anos estudando, comparando e analisando, antes de publicar as suas idéias. Polemista de vastos recursos, sustentou quatro acérrimas e importantes polêmicas com detratores do Espiritismo. A fim de pulverizar uma obra de ataque, publicada na época, fez editar um livro de duzentas páginas, o qual levou o título "Em Defesa do Espiritismo."

A primeira obra por ele publicada, com o fito de sustentar a tese espírita foi a "Hipótese Espírita e a Teoria Científica", à qual se seguiram outras não menos importantes: "Dos Casos de Identificação Espírita", "Dos Fenômenos Premonitórios" e "A Primeira Manifestação de Voz-Direta na Itália".

As seguintes obras de Bozzano foram vertidas para o português: "Animismo ou Espiritismo", "Pensamento e Vontade", "Os Enigmas da Psicometria", "Metapsíquica Humana", "A Crise da Morte", "Xenoglossia" e "Fenômenos Psíquicos no Momento da Morte".

O seu devotamento ao trabalho fez com que o grande sábio italiano se tornasse, de direito e de fato, um dos mais salientes pesquisadores dos fenômenos espíritas, impondo-se pela

projeção do seu nome e pelo acendrado amor que dedicou à causa que havia esposado e que havia defendido com todas as forças de sua convicção inabalável.

Um fato novo veio contribuir para robustecer a sua crença no Espiritismo. A desencarnação de sua mãe, em julho de 1912, serviu de ponte para a demonstração da sobrevivência da alma. Bozzano realizava nessa época sessões semanais com um reduzido grupo de amigos e com a participação de famosa médium. Realizando uma sessão na data em que se comemorava o transcurso do primeiro aniversário de desencarnação de sua genitora, a médium escreveu umas palavras num pedaço de papel, as quais, depois de lidas por Bozzano o deixaram assombrado. Ali estavam escritos os dois últimos versos do epitáfio que naquele mesmo dia ele havia deixado no túmulo de sua mãe.

Durante os anos de 1906 a 1939, Bozzano colaborou intensamente na revista espírita "Luce e Ombra", escrevendo também centenas de artigos para as revistas do gênero, que se publicavam na Itália, França, Inglaterra e outros países.



EUSÁPIA PALADINO

Nascida em Minervino, Itália, no dia 31 de março de 1854 e desencarnada no dia 9 de julho de 1918, na cidade de Nápoles, no mesmo país.

A sua mediunidade surgiu no ano de 1868, quando tinha apenas 14 anos de idade. Dali por diante o seu trabalho no campo das pesquisas psíquicas foram de tal relevância, que se pode dizer ter sido uma das maiores médiuns do mundo.

Quando eclodiu a sua mediunidade, ela era órfã de pai e mãe, e seus parentes pretendiam enviá-la para um convento, entretanto, a sua apresentação no mundo científico somente foi consumada em 1888, quando o professor Chiaia convidou Cesare Lombroso para examiná-la, o que somente se verificou no ano de 1891.

Os fenômenos físicos produzidos através dessa famosa médium foram de vários matizes: movimento de objetos, levitação de mesas e dela própria, aparição de luzes, materializações, execução de trechos musicais sem contacto humano, através de vários instrumentos e outros.

Os inúmeros cientistas que fizeram pesquisas por seu intermédio, em centenas de sessões, eram ferrenhos detratores do Espiritismo, e objetivavam tão-somente demonstrar possíveis

fraudes. No entanto, ela conseguiu convencer a grande maioria desses sábios, apesar de eles desconhecerem os mais elementares rudimentos sobre a dinâmica dos fenômenos mediúnicos.

Diante dos fenômenos propiciados através de Eusápia, desfilaram sábios de renome, tais como: Schiaparelli, Gerosa, Ermancora, Aksakof, Carl Du Prel, Charles Richet, Oliver Lodge, Fredrich Myers, Ochorowicz, Sigdwick, Richard Hodgson, Albert de Rochas, Camille Flammarion, Carlos Rochi, Vitoriano Sardou, Júlio Claretio, Adolfo Bisson, Gabriel Delanne, Fontenay, Ernesto Bozzano, os professores Porro, MorseUi e Massales, além de muitos outros.

MorseUi teve a oportunidade de observar cerca de 39 fenômenos; Fontenay conseguiu fotografá-la com as mãos presas pelos observadores, enquanto de sua cabeça saíam várias mãos; Cesare Lombroso se declarou "convencido e entristecido por haver combatido tantas vezes a possibilidade dos fenômenos espíritas."

Eusápia era analfabeta, era extremamente bondosa e caridosa. Tudo quanto conseguia amealhar, distribuía com os necessitados e com as crianças, sentindo as desventuras dos menos favorecidos pelos bens materiais e procurando resolver seus problemas. Ela se tornou famosa por ter sido a médium que passou pelo exame do maior número de sábios, quase todos rendendo-se à evidência do Espiritismo.

Eusápia Paladino descreveu da seguinte maneira a eclosão de sua mediunidade:

"Na época em que eu comecei a participar de sessões espíritas, estava em Nápoles uma senhora de origem inglesa que havia desposado um napolitano, um senhor Damiani, irmão do deputado que ainda é vivo. Esta senhora era apaixonada pelo Espiritismo. Um dia em que ela participava de uma sessão, foi-Ihe dirigida uma mensagem escrita, dizendo que havia chegado

há pouco a Nápoles uma pessoa, que estava na rua tal, número tal, e se chamava Eusápia, e que era médium poderosa; e o Espírito comunicante, John King, dizia-se disposto a manifestar-se com fenômenos maravilhosos. O Espírito não falou a um surdo, porque a senhora quis verificar imediatamente a veracidade da mensagem e se dirigiu diretamente à rua tal, subiu ao terceiro andar, bateu numa porta e perguntou se ali morava uma certa Eusápia; e me encontrou a mim, que jamais havia imaginado que um tal John King houvesse vivido neste ou no outro mundo. E eis que, mal me colocaram a uma mesa com esta senhora, John King se **manifestou,** e daí por diante não me largou mais.

Isto tudo, sim, eu juro — disse Eusápia com certa ênfase —, é a pura verdade, embora muita gente creia que eu haja ajeitado os fatos. Aí está como entrei neste ingrato ofício, que nunca desejei que existisse! Dizem que trabalho por dinheiro. Quem o diz não me conhece. Por que deverei ter avidez de ganhar? Sou sozinha, sem filhos, sou uma mulher que tem poucas necessidades: mil liras por ano, e até mais, me dava a quitanda que eu tive que fechar. E outra coisa: que tenho ganho com isso? Ser considerada **digna** de me tornar conhecida por uma sociedade ilustre que eu nunca tinha sonhado que existisse, se continuasse a ser modesta mercadora. Porém, digna, digna, que quer dizer digna? Digna me julgo eu por possuir o dom da mediunidade; mas digna sempre terei sido, porque, quando uma filha nasce de pai e mãe honestos e se comporta sempre corretamente, é digna de tudo!"



PROF. FAUSTO LEX

Nascido em Amparo, Estado de São Paulo, no dia 18 de dezembro de 1878, e desencarnado em S. Paulo, Capital, no dia 11 de agosto de 1950.

Era Filho do Dr. Mathias Lex e Da. Belisária Pinto Lex. Formou-se no Ginásio do Estado, na capital paulista, a 7 de janeiro de 1902. Permaneceu em S. Paulo, lecionando em alguns ginásios e trabalhando na Secção de História Natural do Museu Paulista. Aprendeu muito sobre nossos índios e a língua tupi.

Casou-se a 12 de janeiro de 1907, com D. Lúcia Garrido Lex. Menos de um ano após o casamento, mudou-se para Barretos, boca de sertão, onde foi lecionar na escola isolada, única no local. Após quatro anos, foi criado o Grupo Escolar de Barretos, onde lecionou durante 8 anos. Como professor, além da dedicação aos alunos, usava métodos didáticos eficientes, fazendo excursões aos arredores da cidade, durante as quais ensinava aos alunos noções de Botânica, Zoologia e Geologia.

Fausto Lex dedicava-se também ao desenho, à pintura e aos esportes. Fundou, juntamente com outros intelectuais da cidade, o Grêmio Recreativo de Barretos, que até hoje existe. Artistas de renome internacional eram convidados a se apresentarem nas reuniões do Grêmio.

Em 1920, foi convidado a dirigir o Grupo Escolar de Tatuí. A seguir, foi Delegado Regional do Ensino em Araraquara e São Carlos. Em 1922, publicou "A Pesca" — obra pioneira no gênero e apreciadíssima pelos pescadores. Em 1925, foi nomeado diretor da Escola Normal de Casa Branca, voltando, em 1927, a São Carlos, como Diretor de sua Escola Normal. Em março de 1932, transferiu-se para Piracicaba, onde se aposentou, como Diretor da Escola Normal, em 1937. Em todas as escolas por que passou, sua presença foi marcante, como educador emérito, que se dedicava integralmente a seus afazeres, com entusiasmo inusitado. Enérgico, mas amigo dos alunos, fazia-se estimar por todos. Sempre estimulou os esportes entre os normalistas, principalmente o "bola-ao-cesto".

Fausto Lex não ficou inativo, após aposentar-se. Dedicava-se às letras, escrevendo para os jornais artigos sobre educação, língua Tupi, astronomia. Proferiu conferência sobre astronomia no Clube de Engenharia, revendo conceitos errôneos, dos livros didáticos da época. Publicou inúmeras poesias de sua autoria e pintou vários quadros a óleo.

Foi nessa época que começou a dedicar-se mais a fundo ao Espiritismo. Até então, vinha argumentando e convencendo individualmente inúmeros educadores, tendo convertido ao Espiritismo numerosos professores das Escolas pelas quais passou. Após a aposentadoria, começou a freqüentar a União Federativa Espírita Paulista, em S. Paulo, vindo a pertencer à diretoria da antiga Rádio Piratininga, onde procedia à análise e correção de todas as conferências a serem irradiadas. Era muito chegado ao Prof. Pedro de Camargo (Vinícius), convivendo com ele estreitamente. Ambos sempre sonharam uma obra educacional espírita na Capital e envidaram esforços nesse sentido. Em 1949, criado o Instituto Espírita de Educação, do qual Vinícius se tornou presidente, Fausto Lex passou a fazer parte do Conselho.

Foi, também, membro do Conselho Deliberativo da Federação Espírita do Estado de S. Paulo durante vários anos.

Colaborou na revista "O Revelador", n'"O Semeador" e em outros órgãos da imprensa espírita. Embora fosse ótimo professor, não tinha o dom da oratória e jamais fez conferências espíritas.



FERNANDO DE LACERDA

Nascido em Loures (Portugal), a 6 de agosto de 1865, e desencarnado no Rio de Janeiro, a 7 de agosto de 1918.

Fernando Augusto de Lacerda e Melo foi célebre médium português, que desenvolveu apreciável esforço em favor da disseminação do Espiritismo.

Aos 25 anos de idade, ingressou no quadro do funcionalismo público de Portugal, entrando, no ano de 1894, na corporação da polícia, onde galgou a posição de subinspetor, cargo que soube desempenhar com inusitada probidade e competência.

Com a queda da monarquia, em 1910, e a conseqüente proclamação da República, Lacerda foi admoestado no sentido de que não poderia por mais tempo desempenhar aquele cargo.

As rivalidades políticas fervilhavam em Portugal. O famoso caudilho Fernão Boto Machado, moveu intensa campanha jornalística contra o médium. Embarcou para o Brasil, no dia 10 de julho de 1911, onde, ao chegar, recebeu a notícia de que havia sido exonerado de suas funções.

Diante do fato consumado, deliberou fixar sua residência no Rio de Janeiro, onde mereceu generosa acolhida.

A sua mediunidade era notável. Desde outubro de 1906 vinha recebendo várias produções oriundas do plano espiritual, todas elas transmitidas por famosos escritores e homens famosos no mundo social, já desencarnados.

Segundo sua própria narração, certa noite ouviu uma voz emanada de uma entidade invisível, informando que desejava transmitir uma mensagem a uma personalidade importante no mundo das letras. A voz insistiu: *Tem paciência, levanta-te e vai escrever,*

Obedecendo ao Espírito, dirigiu-se ao seu escritório, tomou do lápis e de pronto recebeu belíssima mensagem de Camilo Castelo Branco, dirigida ao seu amigo encarnado, Antônio José da Silva Pinto, vigoroso polemista e escritor de renome, que, diante dos fatos incontestáveis, posteriormente abandonou as idéias materialistas que esposava, abraçando as verdades novas trazidas pelo Espiritismo.

Fernando de Lacerda recebeu, via mediúnica, uma série de quatro livros, editadas em língua portuguesa com o título "Do País da Luz". Muitos Espíritos de grandes vultos da literatura, da política e da religião, se comunicaram por seu intermédio, podendo-se destacar Eça de Queirós, Camilo Castelo Branco, Heliodoro Salgado, Castilho, Herculano, João de Deus, Antônio Vieira, Bertholet, Victor Hugo, Napoleão, César Cantu, Latino Coelho, Leão XIII, Bartolomeu dos Mártires, Teresa D'Ávila, Allan Kardec, Emile Zola, Pedro D'Alcântara, Artur de Azevedo e o Visconde de Ouro Preto. Todos essas mensagens estão contidas na obra acima citada.

É assaz interessante de se constatar que todos os escritos recebidos pela psicografia de Fernando de Lacerda traduzem os mesmos ideais esposados por esses personagens durante a vida terrena, os seus estilos, assinaturas, conselhos de relevante alcance e ensinos bastante edificantes.

Deve-se esclarecer que o médium, quando recebia as mensagens, permanecia em estado de vigília, de completa alheação ao que ia escrevendo. As idéias transmitidas coordenavam-se de maneira rápida e imprevista, surgindo a circunstância de aparecerem palavras de todo estranhas ao médium, bem como revelações inéditas, fatos por que ignorados, diversidade de opiniões e idéias conflitantes com o seu modo de pensar.

De modo geral, ele sentia a aproximação do Espírito que desejava se comunicar e, reiteradamente, via a entidade comunicante. Também ouvia, com bastante frequência, as palavras que uma segunda personalidade lhe queria ditar. No desabrochar de sua mediunidade, no ano de 1889, durante largo tempo ele teve o seu braço dominado e controlado por uma entidade que na Terra ele conhecera e que do outro lado ressurgia com a mesma letra e a mesma assinatura que tivera em vida, para escrever palavras sarcásticas e injuriosas contra o próprio médium.

Lacerda conversava com as pessoas presentes, enquanto o lápis corria celeremente, enchendo laudas e mais laudas de papel. Certa vez, estando junto com outro médium, ambos começaram a psicografar ao mesmo tempo. Recebiam estância de seis versos. No final, quando se procurou coordená-las para comporem uma poesia, chegou-se à conclusão de que haviam recebido duas poesias, e que enquanto um deles escrevera as sextilhas, o outro escrevera os pares.

Consta que esse famoso médium conseguia receber duas mensagens simultaneamente, fazendo uso de suas duas mãos. Ele trabalhava arduamente na psicografia do quarto volume de *Do País da Luz*, quando seu Espírito emigrou para o mundo imponderável. Um seu amigo retomou os originais que deixara e conseguiu publicar esse importante volume daquela série de quatro.



FRANCISCO PEIXOTO LINS
(Peixotinho)

Nasceu na cidade de Pacatuba, Estado do Ceará, no dia 1.º de fevereiro de 1905, desencarnando na cidade de Campos, Estado do Rio de Janeiro, a 16 de junho de 1966,

Seus pais foram Miguel Peixoto Lins e Joana Alves Peixoto. Bem cedo ficou órfão de pai è mãe e passou a conviver com seus tios maternos, em Fortaleza, Estado do Ceará, onde fez o curso primário. Em seguida matriculou-se no Seminário Católico, de acordo com o desejo de seus tios, que desejavam vê-lo seguir a carreira eclesiástica. No Seminário sofreu várias penas disciplinares, por manifestar a seus educadores dúvidas sobre os dogmas da Igreja. Observando as desigualdades humanas, tanto no campo físico como no social, ficou em dúvida no tocante à paternidade e bondade de Deus. Se todos eram seus filhos, por que tantas diversidades? Indagava. Por que razões insondáveis uns nascem fisicamente perfeitos e outros deformados? Uns portadores de virtudes angelicais e outros acometidos de mau caráter? Dizia então: "Se Deus existe, não é esse ser unilateral de que fala a religião católica." Desejava saber e inquiriria os seus confessores, os quais, diante das indagações arrojadas do menino, usavam o castigo e a penitência como corretivo.

Aos 14 anos de idade desistiu do Seminário e, com a permissão dos tios, transferiu-se para o Estado do Amazonas, em busca de melhores dias, enfrentando os trabalhos árduos dos seringais. Ali trabalhou cerca de dois anos, resolvendo voltar para Fortaleza. Nessa fase de sua vida, nele se manifestaram os primeiros indícios de sua extraordinária mediunidade, sob a forma de terrível obsessão. Envolvido por espíritos menos esclarecidos, era tomado de estranha força física, tornando-se capaz de lutar e vencer vários homens, apesar de ter menos de 18 anos e ser fisicamente franzino. Esse estado anômalo acontecia a toda hora e Peixotinho, temendo consequências mais graves, deliberou não mais sair de casa. Ali ficou acometido de nova influenciação dos espíritos trevosos, ficando desprendido do corpo cerca de 20 horas, num estado cataléptico, quase chegando a ser sepultado vivo, pois seus familiares o tinham dado como desencarnado.

Depois desse episódio, sofreu uma paralisia que o prostrou num leito de dor durante seis meses. Nessa fase, um dos seus vizinhos, membro de uma sociedade espírita de Fortaleza, movido de íntima compaixão pelos seus sofrimentos, solicitou permissão à sua família, para prestar-lhe socorro espiritual, com passes e preces. Ninguém em sua casa tinha conhecimento do Espiritismo e seus familiares também não atinavam com o verdadeiro estado do paciente, uma vez que o tratamento médico a que se submetia não lhe dava qualquer esperança de restabelecimento. O seu vizinho iniciou o tratamento com o Evangelho no Lar, aplicando-lhe passes e dando-lhe a beber água fluida. A fim de distrair-se, Peixotinho começou a ler alguns romances espíritas e posteriormente as obras da Codificação Kardequiana. Em menos de um mês apresentava sensível melhora em seu estado físico e progressivamente foi libertando-se da falsa enfermidade.

Logo que conseguiu andar, passou a frequentar o Centro Espírita onde militava o grande tribuno Viana de Carvalho, que na época estava prestando serviço ao Exército Nacional em Fortaleza. A terrível obsessão foi a sua Estrada de Damasco. O conhecimento da lei da reencarnação veio equacionar os velhos problemas que atormentavam a sua mente, dirimindo todas as dúvidas que o Seminário não conseguira desfazer. Passou assim a compreender a incomensurável bondade de Deus, dando a mesma oportunidade a todos os seus filhos na caminhada rumo à redenção espiritual.

Orientado pelo major Viana de Carvalho, Peixotinho iniciou o seu desenvolvimento mediúnico. Tornou-se um dos mais famosos médiuns de materializações e efeitos físicos. Por seu intermédio produziram-se as famosas materializações luminosas e uma série dos mais peculiares fenômenos, tudo dentro da maior seriedade e nos moldes preceituados pela Doutrina Espírita.

Em 1926, foi convocado para o serviço militar e transferido para o Rio de Janeiro, sendo incluído em um batalhão do exército, na cidade fluminense de Macaé. Ali se dedicou com amor à prática do Espiritismo e, com um grupo de abnegados companheiros, fundou o Centro Espírita Pedro, instituição que por muito tempo se tornou a sua oficina de trabalho.

Em 1933, consorciou-se com Benedita Vieira Fernandes, de cujo matrimônio tiveram vários filhos. Por força da sua carreira militar, foi transferido várias vezes, servindo em Imbituba, no Estado de Santa Catarina, Santos, no Estado de São Paulo, no antigo Distrito Federal e em Campos, no Estado de Rio de Janeiro. Onde chegava, procurava logo servir à causa espírita.

No ano de 1945, na cidade do Rio de Janeiro, encontrou-se com vários confrades, dentre eles Antônio Alves Ferreira, ve-

lho companheiro no Grupo Espírita Pedro, de Macaé. Nessa época passou a freqüentar o Culto Cristão no Lar, realizado sistematicamente na residência daquele confrade. Posteriormente, unindo-se a Jacques Aboab e Amadeu Santos, resolveram fundar o Grupo Espírita André Luiz, que inicialmente funcionou na Rua Moncorvo Filho, n.° 27, onde se produziram, pela sua mediunidade, as mais belas sessões de materializações luminosas, as quais ensejaram ao Dr. Rafael Ranieri a oportunidade-de lançar um livro com esse mesmo título. Peixotinho prestava também o seu valioso concurso como médium receitista e curador.

No ano de 1948, encontrando-se pela primeira vez com o médium Francisco Cândido Xavier, na cidade de Pedro Leopoldo, teve a oportunidade de propiciar aos confrades, daquela cidade, belíssimas sessões de materializações e de assistência aos enfermos.

Em 1949 foi transferido definitivamente para a cidade de Campos, onde participou dos trabalhos do Grupo Joana D'Arc. Fundou também o Grupo Espírita Araci, em homenagem ao seu guia espiritual.

Peixotinho sofria de broncopneumonia, enfermidade que lhe causava muitos dissabores, porém ele suportava tudo com estoicismo, o mesmo podendo-se dizer das calúnias de que foi vítima, como são vítimas todos os médiuns sérios que se colocam a serviço do Evangelho de Jesus, dando de graça o que de graça recebem.



GABRIEL DELANNE

Nascido em Paris, França, no dia 23 de março de 1857, e desencarnado na mesma cidade, no dia 15 de fevereiro de 1926.

François Marie Gabriel Delanne era filho de Alexandre Delanne, amigo íntimo de Allan Kardec. Um dia o Codificador tomou do menino, colocou-o em seu colo, e vaticinou que ele seria um elemento de destaque no Espiritismo.

Oriundo de família espírita, não teve maiores dificuldades em assimilar as idéias reencarnacionistas. Sua mãe também contribuiu na grandiosa obra de revelação, tendo sido uma das médiuns que serviram de instrumento para o Codificador compilar as obras básicas da Doutrina Espírita.

Quase nada se sabe sobre a juventude de Gabriel Delanne. Ele formou-se Engenheiro-Eletricista, e, com apenas 28 anos de idade, nos idos de 1885, publicou a sua primeira obra, subordinada ao título "O Espiritismo perante a Ciência". Alguns anos mais tarde, lançou outros livros que se tornaram acervo grandioso para os espíritas do porvir: "O Fenômeno Espírita" (1893); "Evolução Anímica" (1895); "Pesquisa sobre a Mediunidade" (1898); "A Alma é Imortal" (1899); "As Aparições Materializadas" (1909-1911); muito mais tarde, um ano após a sua desencarnação, foi lançada a sua última obra

"Documentos para servirem ao estudo da Reencarnação" (1927), vertida para o vernáculo sob o título "A Reencarnação". Até o presente não foram traduzidas para o português as suas obras "Aparições Materializadas" e "Pesquisas sobre a Mediunidade."

Gabriel Delanne colocou-se resolutamente à frente dos grandes cometimentos, trabalhou de forma inusitada pela divulgação dos postulados espíritas e também publicou "La Revue Scientifique et Morale du Spiritisme", editada regularmente em Paris durante muito tempo. Foi também presidente da União Espírita Francesa, dando o contributo do seu trabalho assíduo com vistas a impulsioná-la, possibilitando uma melhor participação nas grandes realizações da época, com vistas a uma melhor divulgação do Espiritismo.

No ano de 1884, tomou parte ativa no Congresso Espírita de Bruxelas, na Bélgica. Desenvolveu tarefa de destaque no Congresso Espírita Internacional, realizado em Paris, de 16 a 27 de setembro de 1900, ao lado do grande pioneiro Léon Denis. Esse conclave teve em sua presidência de honra o célebre naturalista inglês Alfred Russel Wallace.

O seu extenso estudo sobre as vidas sucessivas intitulado "A Teoria da Reencarnação", constitui um documento de relevante importância para o esclarecimento de um dos postulados fundamentais da Doutrina Espírita. Delanne também foi o prefaciador da Biografia de Allan Kardec, publicada por Henri Sausse, no ano de 1900.

O Congresso Espírita Internacional, realizado em Paris, no ano de 1925, teve em sua presidência a figura veneranda de Léon Denis, e contou com o comparecimento e ativa participação de Jean Meyer e Gabriel Delanne.

Delanne encetou os seus estudos básicos nos Colégios Clany e Gray, e posteriormente na Escola de Artes e Manufatura. De-

sempenhou o cargo de engenheiro na Companhia Popp (empresa de eletricidade e ar comprimido), onde trabalhou até 1892.

Foi companheiro de pesquisas psíquicas de Charles Richet, tendo por isso grangeado a sua estima e amizade. Em companhia desse grande sábio francês, Delanne presenciou a materialização do Espírito *Bem-Boa,* fato que passou para a História do Espiritismo. Tamanha era a confiança nele depositada por Richet que ele escreveu em seu "Tratado de Metapsíquica": "antes de cada sessão, juntamente com Delanne, examinávamos tudo minuciosamente."

Acostumado a lidar com as ciências positivas, por força, naturalmente, de sua profissão, Delanne dedicou-se, de preferência, às investigações psíquicas, aos problemas atinentes à ciência espírita, a qual suscitou tantas controvérsias. As suas obras, indubitavelmente, constituem "certeiro golpe no materialismo desintegrador", conforme opinião expressa sobre as suas obras.

Dotado de verdadeira tempera de apóstolo, soube enfrentar as dificuldades de ordem física que surgiram em seu caminho, algumas delas bastante dolorosas. Delanne soube realmente viver os ensinamentos espíritas, consciente de sua imensa responsabilidade de pioneiro infatigavel e sequioso de desvendar a verdade.

Delanne foi companheiro de Pierre-Gaetan Leymarie na fundação da União Espírita Francesa. Foi assíduo colaborador da revista "O Espiritismo"; dirigente da Faculdade Espírita da Universidade Livre, criada por H. Durville e, em 1896, ficando desobrigado dos serviços profissionais, dedicou-se com maior afinco à tarefa de divulgação do Espiritismo, podendo-se dizer que foi um dos mais animosos militantes espíritas nos últimos anos do século passado e no primeiro quartel do presente século.



GUSTAVO GELEY

Nascido em Monceau, Les Mines, França, no ano de 1868 e desencarnado nas proximidades de Varsóvia, Polônia, no dia 14 de julho de 1924.

Gustavo Geley foi um dos grandes pesquisadores dos fenômenos espíritas, tendo desencarnado quando se dispunha a regressar à França, após ter encetado numerosas experimentações mediúnicas e proferido uma série de conferências na Checoslováquia. O avião que fazia a viagem de volta sofreu gravíssimo acidente nas proximidades de Varsóvia, no dia 14 de julho de 1924. Seu corpo ficou completamente mutilado e carbonizado.

Foi diretor do Instituto Metapsíquico de Paris e desfrutava de renome internacional. Na cidade de Varsóvia, teve a oportunidade de realizar vários e importantes trabalhos com o concurso dos célebres médiuns Ossowiecki, Kluski e outros, obtendo considerável quantidade de moldes de mãos, braços e pernas, feitos em parafina por Espíritos que se comunicavam, os quais tinha a intenção de levar para a França.

Geley era formado em Medicina e foi interno de vários hospitais de Lyon. Era laureado pela Faculdade de Medicina, chegando a tornar-se o mais famoso e requisitado facultativo de Annecy, na Alta Sabóia e em toda a circunvizinhança.

Em plena juventude, dedicou-se com afinco à investigação dos fenômenos de premonição, sonambulismo e lucidez. Posteriormente dedicou-se, com afinco, a pesquisas de todo gênero no campo mediúnico, jamais deixando de declinar a sua condição de espírita e de apologista da reencarnação.

Quando tinha apenas 20 anos de idade, publicou, sob o pseudônimo de Doutor Gyel, o livro *Ensaios de Revista Geral e Interpretação Sintética do Espiritismo.* Decorrido um ano, publicou com seu nome real a obra *O Ser Subconsciente.* Não muito tempo depois, deu à publicidade um grosso volume de conferências por ele proferidas em Annecy, durante a sua permanência naquela cidade francesa, intitulando-as *As Provas do Transformismo e os Ensinamentos da Doutrina Evolucionista.*

Uma quantidade enorme de sábios, escritores e filósofos foram atraídos para assistir as suas conferências no Colégio de França, no ano de 1918. Essas conferências alcançaram grande repercussão e projetaram o seu nome em várias nações. Nesse mesmo ano surgiu a sua notável obra *Do Inconsciente ao Consciente.*

Durante a I Grande Guerra Mundial (1914-18), foi mobilizado como major da Armada Italiana, tendo nessa ocasião travado conhecimento com o professor Roque Santolíquido, deputado, conselheiro de Estado e Ministro da Higiene Pública, da Itália, e grande oficial da Legião de Honra. Em companhia de Santolíquido, Geley teve a oportunidade de encetar numerosas investigações no campo da Metapsíquica, as quais serviram de laço de união e de grande amizade entre ambos.

Em 1920, fundou o "Boletim do Instituto de Metapsíquica Internacional", transformado posteriormente na famosa "Revista Metapsíquica". Em 1921 e 1923, compareceu aos Congressos de Copenhague e Varsóvia, onde desempenhou funções de grande relevância.

Poucos meses antes do acidente, publicou o seu último livro "A Ectoplasmia e a Clarividência".

Por ocasião da fundação do "Instituto Internacional de Metapsíquica de Paris", graças ao apoio financeiro de Jean Meyer, o Dr. Roque Santolíquido foi eleito presidente e Gustavo Geley foi designado diretor desse organismo. Ulteriormente esse famoso Instituto foi declarado de utilidade pública, pelo governo francês, tendo-se integrado a ele, nessa época, grandes personagens como Charles Richet, Camille Flammarion, o Conde Gramont, o Dr. Colmette, Júlio Roche, ex-ministro de Estado, o Dr. Treissier, do Hospital de Lyon, "Sir" Oliver Lodge, o Prof. Ernesto Bozzano e o Professor Meclainche, membro do Instituto de França e Inspetor Geral dos Serviços Sanitários da Agricultura.

Como parte das atividades desse famoso Instituto, Geley procedeu a várias investigações através dos médiuns Franek, Kluski, Guzik, Ossowiecki, Eva e outros, obtendo resultados os mais surpreendentes. Os trabalhos sobre Idioplastia, Ectoplasmia e os fenômenos luminosos tiveram um cunho saliente, tendo o sábio conseguido numerosos e importantes moldes em parafina para o Instituto.

Durante a gestão do Dr. Geley, o "Instituto de Metapsíquica" sofreu insidiosa e rude campanha de difamação, desencadeada simultaneamente pelos jesuítas, salientando-se dentre eles o padre Lucien Roure, e seus panfletários de confiança, entre os quais o sr. Heuzé, pela razão simples de que o Dr. Gustavo Geley, embora apaixonado pela clarividência, concedia aos fenômenos de ectoplasmia (materializações totais e parciais), primordial importância, para os quais contava com a colaboração de grandes médiuns, dentre eles o polonês Kluski. Os teólogos viam nesse fenômeno a destruição definitiva do dogma da imaterialidade da alma, sustentado pela Igreja Católica. Toda a estrutura da alma e daquilo em que ela se torna, forjada século

após século, pela teologia dogmática se diluía no laboratório do Instituto de Metapsíquica, então dirigido por Gustavo Geley. Não é muito difícil se aquilatar o elevado grau das calúnias que alvejaram o modesto e sábio pesquisador.

Gustavo Geley publicou na revista "La Pensée Française", (O Pensamento Francês), graças à cooperação de Gabriel Gobron, várias crônicas que alcançaram grande penetração na cidade onde o quinzenário era editado (Strasburgo). Essas crônicas foram logo interrompidas devido aos protestos de autoridades clericais dirigidos ao diretor da revista.



IRTHES TEREZINHA LISBOA DE ANDRADE

Nascida em Ubá, Estado de Minas Gerais, no dia 21 de agosto de 1925, e desencarnada na mesma cidade aos 15 de julho de 1977.

Era filha de Virgílio Vieira de Andrade e Maria do Carmo Lisboa de Andrade. Seu pai era conhecido tipógrafo daquela localidade, fundador de vários jornais, muito querido e acatado pelos seus conterrâneos.

Irthes Terezinha cursou as primeiras letras no Grupo Escolar Cel. Camilo Soares e fez o curso normal no "Sacre Coeur de Marie", onde se diplomou professora primária. Logo após a sua formatura foi nomeada para lecionar no Ginásio Municipal Raul Soares, de cujo estabelecimento se tornou secretária até 1976, quando se afastou por motivo de grave enfermidade.

Na mais tenra idade começou a sentir uma série de anomalias, o que foi motivo de grandes preocupações para seus pais. Apesar dos constantes cuidados médicos, a Medicina não conseguiu diagnosticar a causa dos seus males, que se manifestava por visões atormentadoras, suores noturnos e outras manifestações que lhe infundiam grande terror. Quando esgotados todos os recursos médicos, seu pai, que já era convicto das verdades contidas no Espiritismo, apesar dos protestos de sua mãe, que era de formação católica, levou-a a um médium, através do

qual o benfeitor espiritual afirmou que ela era uma criança destinada a uma grande tarefa na Terra. Nessa época, com sete anos de idade, ela experimentou sensível melhora.

Por influência de sua mãe, Irthes Terezinha criou-se muito apegada às tradições católicas, entretanto, não se conformava com alguns dogmas e ensinamentos dessa religião. No início de 1945, pediu ao seu confessor alguns esclarecimentos sobre a existência do inferno e dos demônios. Foram tão absurdas as respostas e explicações do sacerdote, que ela deliberou se afastar definitivamente do seio da Igreja.

Sua mãe também foi acometida de violenta perturbação espiritual, o que fez com que seu pai apelasse para o Espiritismo, através do qual ela teve cura total, pois a enfermidade regrediu imediatamente.

À vista desse fenômeno, quando a paz voltou ao seu lar, Irthes Terezinha interessou-se sobremaneira pela leitura de "O Evangelho segundo o Espiritismo", ali encontrando resposta para a sua perene indagação interior sobre as vidas sucessivas. Nesse repositório de ensinamentos consoladores ela encontrou explicação para suas dúvidas e conseguiu varrer da sua mente a sombra de dúvida que ali existia sobre a bondade incomensurável do Criador.

A partir de junho de 1945 integrou-se no Centro Espírita Ismael, da cidade de Ubá. Ali se desenvolveram as suas faculdades mediúnicas, principalmente da psicografia e psicofonia. Desde então dedicou-se de corpo e alma à tarefa de evangelização das crianças, o que fez durante 32 anos consecutivos.

Teve notável vocação para a música e poesia, entretanto, não conseguiu condições para o cultivo dessas artes. Após o desenvolvimento de suas faculdades mediúnicas, começou a psicografar versos muito imperfeitos, sem identificação dos autores espirituais. Em 1950, numa reunião particular na cidade de

Leopoldina (MG), com a presença do médium Francisco Cândido Xavier, ela recebeu o primeiro soneto assinado. Após a reunião, o Chico Xavier informou que uma plêiade de poetas da espiritualidade desejava trabalhar por seu intermédio. Dessa data em diante começou a receber verdadeiro parnaso do Além, assinado por grandes poetas, antigos e modernos, tais como Júlio Diniz, Antero do Quental, Auta de Souza, Vaiado Rosas, Azevedo Cruz, Casimiro Cunha, Maria Dolores, João de Deus e tantos outros, paralelamente com mensagens de incomparável beleza, recebidas do Espírito de Bezerra de Menezes e muitos outros liminares da Espiritualidade. Muitas dessas mensagens foram publicadas em órgãos de imprensa espírita, inclusive na revista "Reformador", órgão da Federação Espírita Brasileira.

Graciosa, de palavra meiga e evangelizada, foi oradora de numerosas semanas e solenidades espíritas, no Interior do Estado de Minas Gerais e nas cidades de S. Paulo e Rio de Janeiro e outras.

Foi oradora da primeira Semana Espírita de Bicas (MG), recebendo ali grande homenagem. No momento de deixar a cidade, foi cumprimentada por um grupo de espíritas de renome, dentre eles o prof. Leopoldo Machado, Amadeu Santos, Jacques Aboab, Sebastião Lasneau e Germano dos Anjos.

Em sua autobiografia, escrita no dia 2 de abril de 1977, escreveu: "Terei eu cumprido o programa traçado pelo Alto? Terei eu correspondido às esperanças de Jesus? Senti o meu renascimento vero na data em que me tornei espírita! Aí está a minha vida. Uma vida sem notas singulares, igualzinha a todas as demais que não passaram da craveira comum. . ., acrescentando ainda: "O Espiritismo é o meu Céu na Terra, meu farol, minha luz, meu refrigério e tudo de bom que desejei na vida".



DR. IVON COSTA

Nascido na Cidade de São Manuel (hoje Eugenópolis), Estado de Minas Gerais, no dia 15 de julho de 1898 e desencarnado em Porto Alegre, Rio Grande do Sul, no dia 9 de janeiro de 1934, com 35 anos de idade.

Ivon Costa foi um dos mais notáveis conferencistas espíritas do Brasil, contribuindo decisivamente com sua palavra abalizada e esclarecedora no sentido de dinamizar a difusão da Doutrina Espírita, o que fez com fibra inquebrantável e verdadeiro denodo.

Dotado de invejável dom de oratória e possuindo um magnetismo contagiante e uma voz privilegiada ele arrebatava os auditórios com a força de sua argumentação.

Foi seminarista, entretanto, quando faltavam apenas dezenove dias para a sua ordenação sacerdotal, constatou-se que ele não possuía certidão de batismo. Em face da confusão estabelecida, Ivon desistiu de seguir a carreira eclesiástica.

Dirigiu-se, então, para o Rio de Janeiro onde estudou e se diplomou em Medicina. Era notável poliglota, falando perfeitamente o francês, inglês, alemão e espanhol.

Atravessando, certa vez, uma fase difícil em sua vida, viu-se sem saber como, defronte de um Centro Espírita, onde, com

as portas abertas se realizava uma reunião pública. Movido por estranho impulso adentrou a sede da instituição e ali ouviu os comentários que se faziam sobre a Codificação Kardequiana. Ao retirar-se, estava transformado, pois havia encontrado a resposta a todas as suas indagações.

Convertendo-se ao Espiritismo iniciou logo as tarefas de pregador. Possuindo sólida bagagem intelectual e médium que era, destacava-se com raro brilhantismo na tribuna, mantendo, além disso, diálogo com os assistentes, a fim de esclarecer melhor os argumentos empregados nas conferências.

No ano de 1927 casou-se, em Porto Alegre, com Honorina Kauer e, no mesmo dia do casamento no civil, dirigiu-se à cadeia pública onde proferiu belíssima palestra para os detentos.

Não existe Estado, Capital ou cidade importante do Brasil, onde Ivon Costa não tenha efetuado palestras doutrinárias. Era um tribuno extraordinário, de largos recursos de lógica, de forte sugestão tribunícia. Sabia abordar os temas com eloqüência e brilho. Aceitava freqüentamente discussões públicas, tendo mantido algumas, cuja palma não coube ao adversário.

Suas excursões não se limitaram apenas ao Brasil. Percorreu também países da Europa, dentre eles Portugal, França, Espanha, Holanda, Bélgica e Luxemburgo.

Certa vez, ia falar em Maceió, Estado de Alagoas, num teatro alugado, mas, pouco antes da conferência, o teatro foi fechado por ordem do bispo local. O público que aguardava a sua palavra não se conformou com a atitude do clero e levou-o à praça, onde a palestra foi realizada. Em represália, os sinos da igreja repicaram e alguns fanáticos católicos lhe atiraram pedras, porém ele suportou tudo com estoicismo e verdadeiro espírito de renúncia. Afirmam alguns moradores da cidade que o Espírito do aludido bispo comunicou-se posteriormente num Centro Espírita e surpreendeu-se com o fato de dialogar com

Ivon Costa, tendo, então, reconhecido o seu erro em mandar apedrejá-lo.

Ivon Costa residiu dois anos e meio na Alemanha. Em seguida mudou-se para Paris, onde exerceu a função de intérprete de cinema, na Paramount. Em todos os lugares por onde passava, deixava as sementes da Doutrina dos Espíritos. Ele teve também a oportunidade de participar do Congresso Internacional de Espiritismo, realizado em Haia, na Holanda.

Sua única filha — Ceo Kauer Costa — nasceu em Lisboa e atualmente exerce a advocacia em São Leopoldo, no Estado do Rio Grande do Sul.

No ano de 1932, Ivon retornou definitivamente ao Brasil, passando a residir em Porto Alegre, onde clinicava gratuitamente.

O Espiritismo muito deve a Ivon Costa, pois podemos afirmar que foi o espírita que mais excursionou no propósito de propagar os ideais reencarnacionistas, sendo a sua tarefa muito semelhante àquela desempenhada pelo grande tribuno major Viana de Carvalho.

Da bibliografia de Ivon Costa, consta o livro "O Novo Clero", e da sua obra missionária resultou a fundação de elevado número de sociedades espíritas em todo o Brasil.



JACQUES ABOAB

Nascido em Constantinopla, antigo nome da atual cidade de Stambul, capital da Turquia, no dia 15 de abril de 1889, desencarnou no Rio de Janeiro, a 5 de fevereiro de 1969.

Judeu de nascimento, filho de Benedito Aboab e Clarisse Aboab, viveu toda a sua infância na Argélia, ao norte da África. Em sua adolescência, transferiu sua residência para a França, onde se especializou- na faina de mascate, percorrendo toda França desde a Bretanha ao Midi e do Atlântico à Lorena, ganhando duramente a vida com o suor de seu rosto, nessa laboriosa tarefa de todos os dias. Aprendeu a falar corretamente o idioma francês.

Ainda como mascate, percorreu vários países da Europa e do Oriente próximo, principalmente a Grécia e o Egito. Posteriormente viajou para a América do Sul, percorrendo vários países. Por fim, fixou residência definitiva no Brasil, que, com o seu espírito nômade, percorreu todo, repetindo aqui a sua experiência adquirida na França, no constante labor pela sobrevivência. Com o seu baú de miudezas, ia de porta em porta, no contato com a nossa gente, amou profundamente a Pátria brasileira, adotando-a como sua. Em suas andanças conheceu a excelência da Doutrina Espírita, justamente em Recife, Pernambuco. A convite de amigos visitou a "Casa dos Espíritas de Per-

nambuco", no Bairro das Graças, o seu primeiro contato com a Doutrina, fazendo-se adepto sincero e fervoroso. Como judeu, estava acima de quaisquer discriminações raciais, havendo aceito os Evangelhos de Jesus de todo o seu coração. Jesus, que fora o maior Profeta de sua raça, a expressão máxima de toda a Humanidade.

Transferindo-se para o Rio de Janeiro em definitivo, aqui se iniciou no "Ide e Pregai", percorrendo os Centros Espíritas, levando sua palavra e a sua fé imorredora nas promessas de Jesus, que amou com toda sua alma de crente. Em sua loja, na rua Moncorvo Filho, fundou o Grupo Espírita "André Luiz", hoje situado na rua Jiquibar, na Praça da Bandeira, em sede própria.

Logo começou a ser solicitado para orador de Semanas Espíritas, Confraternizações e outros acontecimentos. Viajou por vários Estados do Brasil, levando sua palavra evangelizada. Onde quer que se organizasse uma Semana Espírita, lá estava o Jacques, como ave canora, com sua ternura, seu amor e o desejo sincero de evangelizar as massas. Como espírita deixou uma folha enorme de serviços prestados. Fundou várias Instituições, trabalhou e cooperou eficientemente, na certeza absoluta da imortalidade da alma, dando tudo de si, como espírita, como amigo e como irmão. Como pregador, muito se destacou na Seara, pela sua maneira dócil e interpretativa dos textos e parábolas evangélicas, vivendo-as com sentimento e ternura sem igual, prendendo a atenção da assistência que acorria em massa para ouvi-lo.

O médium Peixotinho trabalhou por vários anos ao seu lado^ no Grupo Espírita "André Luiz", com sua mediunidade de efçitos físicos, produzindo fenômenos de materializações e de curas. Foi diretor da Maternidade "Casa da Mãe Pobre", outra nobre e respeitável Instituição, que mereceu todo o seu trabalho e dedicação. Foi grande na sua simplicidade, espírito liberal,

seareiro da primeira hora, inteiramente convencido de que só o amor constrói para a vida. Sentia no âmago do coração, em todos os instantes, as sábias e eternas lições evangélicas! Todos vibravam diante da mansidão e serenidade de seu verbo, emoldurado de expressões salutares.

Possuía liderança espírita e reconhecida humildade, seus atos e suas atitudes condiziam com os ensinamentos pregados e exemplificados por Jesus. Muitos o trataram por *papai* Jacques, tal o respeito e a admiração que sua figura veneranda infundia na alma de seus correligionários, principalmente da mocidade pela qual era por demais querido e estimado.



JEAN MEYER

Nascido em Riken (Suíça), no dia 8 de julho de 1855, e desencarnado em Béziers, (França), no dia 13 de abril de 1931.

Jean Meyer, escritor, cientista, filantropo e filósofo suíço, foi uma das mais destacadas figuras espíritas no início do presente século. Convertendo-se ao Espiritismo, após ter lido as obras de Allan Kardec e Léon Denis, dedicou-se de corpo e alma à grandiosa tarefa de divulgação da Doutrina dos Espíritos.

Possuidor de apreciável fortuna material, colocou-a inteiramente a serviço do Espiritismo, dedicando-se com denodo e verdadeiro amor à tarefa de divulgação dos seus postulados fundamentais.

Graças ao seu concurso financeiro e apoio moral, fundou-se em Paris, para onde havia transferido o seu domicílio ainda em plena juventude, o "Instituto Internacional de Metapsíquica", cujo primeiro presidente foi o Dr. Roque Santolíquido, notável professor, deputado e Ministro da Saúde Pública e conselheiro governamental na Itália. Ocupou a vice-presidência dessa novel instituição, o não menos famoso Dr. Gustavo Geley. Por seus relevantes trabalhos, esse instituto foi considerado de "utilidade pública", pelo governo francês.

Por ocasião da sua desencarnação, Jean Meyer era diretor-proprietário do "Revue Spirite", fundada por Allan Kardec, exercendo sua direção nos anos de 1916 a 1931. No ano de 1917, em sua própria residência, Vila Valrose, em Paris, foi fundada a "União Espírita Francesa", tendo por seus principais companheiros Gabriel Delanne e Léon Denis. Foi ainda vice-presidente da "Casa dos Espíritas", da mesma cidade; membro proeminente da "Sociedade de Estudos Metapsíquicos" e do "Instituto Internacional de Metapsíquica", vice-presidente do "Congresso Espírita Internacional de Haia", vice-presidente da "Federação Espírita Internacional", quando ela teve a sua sede em Paris, além de ter sido membro de numerosas entidades científicas da França e de outros países.

Jean Meyer dedicou-se resolutamente ao estudo dos aspectos filosófico e científico da Doutrina Espírita, sem se descuidar da parte filantrópica, amparando financeiramente várias instituições assistenciais, dentre elas uma obra erguida em Lyon, pelas senhoras Stephen e Dayt.

O grande seareiro despendeu apreciável parcela de sua fortuna na difusão do Espiritismo através das "Edições Meyer", e na sustentação das instituições doutrinárias, com destaque a "União Espírita Francesa".

Encetou numerosos estudos com o Dr. Gustavo Geley* no "Instituto Internacional de Metapsíquica", pois era persistente investigador dos fenômenos espíritas, ao ponto de merecer de Léon Chevreuil, um dos presidentes da "União Espírita Francesa", a afirmação de que "sem Meyer a Metapsíquica não existiria".

Na qualidade de vice-presidente da Comissão Executiva do "Congresso Espírita Internacional", realizado em Paris, de 6 a 13 de setembro de 1925, Meyer trabalhou com afinco, fazendo

salientar, de forma impressionante, os seus conhecimentos científicos.

No Congresso Espírita de Londres, realizado em 1928, no qual tomou parte com "Sir" Arthur Conan Doyle, que muito o prezava, ele pronunciou as seguintes palavras: "É pela União da Ciência com o Espiritismo, com essa fé racional que ele nos dá, auxiliando-se um ao outro, que chegaremos a uma compenetração cada vez mais justa e sempre mais elevada, da obra de Deus".

Podemos afirmar, sem hesitar, que Jean Meyer foi um dos mais lídimos continuadores da obra de AUan Kardec, inclusive pela manutenção das tiragens da "Revue Spirite" durante cerca de 15 anos, e pela realização de uma intensiva divulgação dos postulados espíritas, numa época quando a nova doutrina revelada começava a aclarar os horizontes sombrios do mundo, com os esplendores da sua luz.

Jean Meyer não foi um homem que enterrou o talento, conforme o dizer judicioso dos Evangelhos. Ele se capacitou de que a fortuna material deve ser colocada em favor das causas nobres, por isso não hesitou em pôr esse legado transitório, que havia recebido dos Céus, a serviço do Espiritismo e dos menos favorecidos pelos bens terrenos, mas também colocou a sua inteligência, a sua fé inquebrantável e todas as forças de que dispunha, para que essa mesma causa viesse a triunfar.



JOANA FRANCISCA SOARES DA COSTA

Nascida na cidade de Santos, Estado de S. Paulo, no dia 12 de outubro de 1825 e desencarnada no Rio de Janeiro, no dia 27 de maio de 1927, com 101 anos de idade.

Militou no Espiritismo entre os trabalhadores da primeira hora, fazendo parte do quadro associativo do Centro Espírita Beneficente "Antônio de Pádua", uma das primeiras associações espíritas a ser fundada no Rio de Janeiro, freqüentada pelos grandes pioneiros do Espiritismo. O seu neto, General Flamarion Pinto de Campos, possui um Diploma a ela conferido, em 27 de dezembro de 1888, pelos seus bons serviços prestados àquela instituição. Médium receitista e curador de excelentes qualidades, Joanna Francisca foi o refúgio para uma multidão de aflitos que a procuravam em busca de lenitivo para suas dores físicas e morais, atendendo a todos com a mesma solicitude e carinho, sem qualquer restrição. Fez de sua residência, no bairro de Jacarepaguá, no Rio de Janeiro, um posto avançado da caridade cristã.

Joanna Francisca Soares da Costa, mais conhecida por "Vovó Joanna", nasceu em Santos, São Paulo, na Fortaleza da Barra — Bertioga — onde o seu pai servia como militar. Era filha do Major Leonardo Luciano de Campos e de Maria Luíza de Campos. Casou -se no dia 20 de agosto de 1846 com o Ca-

pitão João Antônio da Costa, Oficial da Arma de Infantaria, que se tornou posteriormente, veterano da Guerra do Paraguai, deixando-a viúva no dia 28 de outubro de 1880. Seu filho único, João Antônio da Costa Campos, também participou da Guerra do Paraguai.

Joana Francisca teve muitas amizades no seio da família espírita no início de suas atividades no Rio de Janeiro. Dotada de diversas faculdades mediúnicas, fez parte do Centro Espírita Beneficente "Antônio de Pádua", um dos primeiros a aderir à Federação Espírita Brasileira (FEB). Manteve também permanente contato com os fundadores da FEB, frequentando-a assiduamente e desfrutando da amizade de sua diretoria, como Elias da Silva, Major Ewerton Quadros, Bittencourt Sampaio e tantos outros, que naquela época praticavam o Espiritismo desassombradamente e sem reservas. Foi amiga e confidente do Dr. Dias da Cruz e do Dr. Bezerra de Menezes, que muito se serviram de sua mediunidade curadora. Freqüentou muito as Clínicas Homeopáticas desses inesquecíveis médicos, que deixaram nome no cenário político e espírita do Rio de Janeiro.

Como sua genitora, o filho João Antônio da Costa Campos, foi caloroso defensor da Doutrina Espírita, juntamente com a sua esposa Porciana Pinto de Campos, no mesmo ritmo de trabalho, praticando o Espiritismo com muito amor. Pai de dois filhos, que acompanharam a tradição da família. Allan Kardec Pinto de Campos, advogado, professor e jornalista, e Flamarion Pinto de Campos, que seguiu a carreira militar e é hoje General do Exército Brasileiro, já na reserva. Ambos militantes do Espiritismo e eméritos conferencistas, difusores da Doutrina sob todos os aspectos, possuindo cada um bela folha de serviços prestados. Allan Kardec Pinto de Campos desencarnou aos 29 anos de idade, na cidade de Alfenas, no Estado de Minas Gerais, como Presidente do Centro Espírita "Allan Kardec", fundado por ele naquela cidade. O General Flamarion Pinto de

Campos permanecia, ainda em 1976, nas lides espíritas do Rio de Janeiro, sendo um dos fundadores da Cruzada dos Militares Espíritas e da Casa de Recuperação e Benefícios "Bezerra de Menezes". Qual verdadeira "Clã espírita", os netos, bisnetos e tetranetos da "Vovó Joanna" professam o Espiritismo.

Assim, a semente lançada pela nossa biografada caiu em terra fértil e dadivosa, pois medrou, floriu e deu bons frutos, desvendando para sua família os horizontes espirituais, graças à sua persistência no bem e à compreensão para com o próximo, cumprindo fielmente o mandamento maior — "Amar a Deus sobre todas as coisas e ao próximo como a si mesmo".

Quando ficou impossibilitada de se deslocar de casa para a Federação Espírita Brasileira e para outras instituições espíritas da cidade, organizou em sua própria residência um grupo de estudo da Doutrina, no qual mercê de Deus atendia aos doentes do corpo e da alma, aconselhando a vivência evangélica como o melhor remédio para todos os sofredores.

Tudo nos leva a crer que Joana Francisca Soares da Costa foi um desses espíritos missionários da equipe de Ismael, que reencarnou no Brasil com a tarefa de semear em solo brasileiro as sementes do Evangelho de Jesus, à luz da Terceira Revelação.



DR. JOÃO DA GAMA FILGUEIRAS LIMA

Nascido na cidade do Rio de Janeiro, aos 5 de abril de 1862 e desencarnado no dia 3 de outubro de 1922.

Há mais de um século, nascia no subúrbio de Engenho de Dentro, no Rio de Janeiro, um personagem que se tornou famoso pelos seus elevados dotes morais e pelas virtudes que exornavam o seu Espírito.

Médico, tornou-se renomado pela dedicação que dispensava aos doentes que o procuravam, pois sempre encarou a Medicina como um sacerdócio.

Espírita convicto, soube viver e propagar a Doutrina que esposava, propiciando a todos os mais vivos e santificantes exemplos de uma criatura que realmente se converteu e convenceu-se dos seus edificantes ensinamentos.

Esse homem foi João da Gama Filgueiras Lima, um dos mais autênticos seguidores do Espiritismo e um missionário que soube bem compreender o real significado da vida terrena.

Era filho de Antonio Barros Lima e Da. Maria Palmira da Gama Barros Lima, tendo por influência do famoso médium receitista Domingos de Barros Lima Filgueiras, um dos grandes pioneiros do Espiritismo no Brasil, sido agregado ao seu nome o sobrenome de Filgueiras.

Fez os cursos primário e secundário em escolas particulares, demonstrando uma inteligência muito acima do normal,

revelando notável gosto pelos estudos. Seus pais matricularam-no na Imperial Academia de Medicina do Rio de Janeiro, onde concluiu o curso de Farmácia, no ano de 1883, quando tinha 21 anos de idade. Formou-se posteriormente em Medicina, no ano de 1892, defendendo a importante tese "Semiótica da Língua". Cursou ainda a cadeira de Homeopatia além de ter completado vários outros cursos de aperfeiçoamento profissional.

Motivado por sua acendrada admiração por Samuel Hahnemann, dedicou-se com afinco ao estudo da medicina homeopática, tornando-se um dos mais conhecidos médicos da antiga capital da República, popularizando-se como o "Pai dos Pobres", pelo seu inusitado amor e atenção às criaturas mais necessitadas.

Filgueiras Lima jamais se furtou ao dever de atender a quem necessitasse dos seus serviços médicos, a qualquer hora do dia ou da noite, mesmo que o paciente não tivesse com que pagar a consulta, não hesitando mesmo em fornecer remédios gratuitamente a quem necessitasse.

Foi encarregado da Clínica Homeopática da Santa Casa de Misericórdia, onde iniciava o atendimento ao público logo às primeiras horas da manhã, não se retirando enquanto ali houvesse um paciente. Muitas vezes, quando o número de pacientes era inusitado, ficava até sem almoçar.

Casou-se com Da. Elvira de Andrade Filgueiras Lima e foram pais de numerosa prole.

Homem sensato e dotado de grandes virtudes, tornou-se de direito e de fato um amparo para a pobreza do Rio de Janeiro.

Certa vez, após receitar os remédios a um paciente pobre, como este não tivesse qualquer dinheiro, procurou auxiliá-lo, dando-lhe ajuda para comprar remédios. Porém não encontrou sequer uma moeda. Prometeu-lhe que assim que tivesse dinheiro mandar-lhe-ia levar os medicamentos. Quando o doente estava para sair, entrou um outro cliente que lhe entregou um envelope contendo certa quantia, correspondente a uma dívi-

da antiga. O Dr. Filgueiras chamou o doente anterior e lhe entregou o envelope. O homem agradeceu e saiu; minutos após voltou ao consultório e lhe disse: "Doutor, o senhor enganou-se, este envelope contém uma quantia muito grande". E, diante da admiração do beneficiado, ele retrucou: "A sorte foi sua, tome os remédios e alimente-se bem, para se recuperar mais depressa, vá com Deus".

Era ainda muito jovem, quando começou a freqüentar a Federação Espírita Brasileira, acatando sugestão de Domingos Filgueiras, após haver desabrochado nele a mediunidade curadora; pertenceu assim a um grupo de escol de espíritas brasileiros. Freqüentou o atelier fotográfico de Elias da Silva, o fundador da Federação Espírita Brasileira. Dentre aqueles que foram convidados para dirigir a novel instituição figuraram os nomes do Marechal Ewerton Quadros, Dr. Dias da Cruz, Maia de Lacerda, Dr. Bezerra de Menezes, Fernandes Filgueiras e também o nosso biografado.

No ano de 1901 grassou no Brasil violenta epidemia de varíola e a Saúde Pública proibiu que as pessoas atacadas pelo mal fossem tratadas em casa, em vista do grande contágio trazido pela doença. Foi baixada portaria proibindo aos médicos atenderem a chamados particulares, sob pena de pesada multa e até de prisão. O Dr. Filgueiras Lima, levado pelo seu espírito fraterno e sua bondade a toda prova, bem como pelo fato de ser espírita, arriscou-se por várias vezes, atendendo a freqüentes chamados. Uma receita do Dr. Filgueiras foi encontrada na residência de um dos pacientes, e ele foi imediatamente multado. O cliente fez questão de pagar a multa e o Dr. Filgueiras jamais deixou de atender a qualquer chamado para tratar os variolosos.

Em 1918 eclodiu no país um surto epidêmico, com elevado índice de óbitos, da chamada "gripe espanhola". Nessa época foi procurado por um amigo, repórter do antigo órgão "A Noite", o qual propôs-lhe a publicação de receitas homeopáticas, de acordo com os variadíssimos sintomas da moléstia. Ele não

se fez de rogado e forneceu o receituário, aconselhando a população, principalmente a do interior, onde é sempre bem maior a escassez de recursos médicos e sanitários, a fazer uso daqueles remédios. Isso foi a salvação de muitos. Passada a terrível epidemia, começou a chegar volumosa correspondência de agradecimentos, pedindo as recompensas de Deus para o bondoso médico que, fazendo uso da imprensa, havia levado o socorro para os sofrimentos de muitos.

O Dr. Filgueiras Lima foi um apóstolo do Bem, na verdadeira acepção da palavra. A sua vivência dos postulados evangélicos havia feito com que seu coração puro e receptivo aos sofrimentos dos homens, se tornasse um manancial de consolação e de luz, para aqueles que perambulam pelos caminhos da vida.

A fortuna material não o fascinou, viveu e partiu pobre para o plano espiritual, apesar de possuir enorme clientela, pois, ele apesar de enfermo, ainda nos últimos dias de vida terrena atendia a todos aqueles que demandavam o seu valioso concurso.

Diz a imprensa da época, que a residência do valoroso seareiro não pôde comportar o elevado número de pessoas que para lá se dirigiu. Por todas as imediações da Rua 24 de Maio, por onde passaria o féretro, acumulava-se enorme multidão. Mais de 500 carros acompanharam o enterro, tendo o caixão sido transportado pela população que não permitiu que fosse usado o carro funerário.

O Conselho Municipal reuniu-se dois dias após, em sessão ordinária, realçando a sua inconfundível personalidade. O seu nome foi dado a uma rua de Engenho de Dentro.

Como espírita e cristão, o Dr. Filgueiras Lima soube bem desempenhar a tarefa que lhe foi designada na Terra.



JOÃO PINTO DE SOUZA

Nascido na cidade de Palmares (Pernambuco), no dia 8 de fevereiro de 1891, e desencarnado no dia 31 de julho de 1943, no Hospital Central do Exército, no Rio de Janeiro.

João Pinto de Souza foi um dos pioneiros de programas espíritas radiofônicos, quando numa gloriosa noite de quarta-feira às 21:00 horas, formada pela mais intensa emoção, anunciava ao microfone da PRE-6, "Rádio Sociedade Fluminense" — a Hora Espiritualista — o primeiro programa prolongado e permanente de Espiritismo pelo rádio. O pioneiro mesmo foi Caírbar Schutel um ano antes, em 1936, quando pela "Rádio Cultura de Araraquara" PRD-4, irradiava palestras, que mais tarde reuniu num livro intitulado: "Palestras Radiofônicas", com 206 páginas.

Antes dessas datas históricas, raras vezes, ouviram-se um ou outro confrade, em momentos dispersos, sem prosseguimento, numa oração, a irradiação de uma comemoração solene, mais um fato social do que doutrinário, propriamente dito. A imprensa espírita de 1937 diz que João Pinto de Souza foi o pioneiro desses programas, no Brasil e no Mundo, porém, vamos fazer justiça ao grande Caírbar Schutel, que um ano antes irradiava semanalmente conferências pelo rádio. No programa

inaugural na "Rádio Ipanema", quando se transferiu de Niterói para o Rio de Janeiro compareceram eminentes figuras do Espiritismo, como Manoel Quintão, Dr. Guillon Ribeiro, Professor Leopoldo Machado, Dr. Leôncio Corrêa, Comandante João Torres, Carlos Imbassahy e muitos outros, conÍQrme fotografia histórica pertencente ao Museu Espírita do Estado da Guanabara. A Hora Espiritualista contou com integral apoio da Liga Espírita do Brasil, de cujo conselho João Pinto de Souza fazia parte. A inauguração do Programa na "Rádio Ipanema" causou tanta repercussão, que ao ato compareceram representantes de inúmeras Instituições Espíritas do Distrito Federal e do Estado do Rio de Janeiro, inclusive a Federação Espírita Brasileira. Graças ao dinamismo desse denodado companheiro, contamos hoje com a Fundação Cristã Espírita Cultural "Paulo de Tarso", mantenedora da Rádio Rio de Janeiro, a Emissora dos Espíritas, dirigida pelo seu sucessor Geraldo de Aquino, que mantém o Programa até hoje com o nome de "Hora Espírita João Pinto de Souza".

João Pinto de Souza era filho de família humilde, pobres de bens materiais, mas ricos de virtudes evangélicas na intimidade do lar. A situação financeira de seus pais não lhe permitiram receber instrução superior.

Fez o curso primário e trabalhou em algumas casas comerciais até atingir os 18 anos, quando se alistou no Exército como voluntário, sendo transferido para o 52.° Batalhão de Caçadores no Rio de Janeiro, onde fez os cursos de cabo e sargento. Posteriormente serviu na Fortaleza de São João e por merecimento foi lotado no Estado Maior do Exército, como sargento-escrevente. Estudando à noite, tentou por algumas vezes ingressar na Escola Militar, o que infelizmente não conseguiu. Serviu em alguns Estados da Federação, inclusive no Forte de Óbidos, no Pará, onde se reformou em 1931, na graduação de 1° Sargento, deixando bela folha de serviços. No

Exército, foi um militar amante da disciplina, querido e respeitado por subordinados, colegas e superiores.

Não se sabe exatamente quando João Pinto de Souza aceitou a Doutrina. Na comunidade espírita era muito laborioso; de temperamento impulsivo e algumas vezes até explosivo, chegou a desagradar alguns confrades, porque em matéria de Espiritismo não admitia meio termo, era dinâmico, trabalhador e realizador, não compreendendo como certos confrades pudessem aceitar cargos e fugir dos encargos. Não ficava calado diante de coisas que lhe parecessem em desacordo com o espírito da Doutrina, extremamente sincero, desagradava aos acomodados, mas apesar de tudo, era fraterno e amigo e os companheiros compreendiam e toleravam os seus impulsos, sendo querido e admirado pelo seu constante e fecundo labor a bem da propaganda espírita e doutrinária.

Dotado de diversas faculdades mediúnicas, inclusive de efeitos físicos, serviu de instrumento para alguns pesquisadores nesse terreno. Essas sessões se realizavam na sua própra residência e eram dirigidas e controladas pelo saudoso confrade Sebastião Caramuru, com o máximo de cuidado para que não houvesse a mínima possibilidade de fraudes. Todos os assistentes e o próprio médium eram amarrados e lacrados, para que no final das sessões se pudesse constatar que ninguém havia se levantado de seus lugares. Antes do início de cada sessão, fechava-se a porta que, além da fechadura, tinha trancas no seu interior e também ficava lacrada, com a assinatura de cada um dos presentes. Davam-se várias batidas no ambiente, investigado por todos os presentes, para que nem de leve pudessem duvidar da realidade dos fenômenos produzidos, na presença de respeitáveis personalidades. Nessas sessões registraram-se os fenômenos de voz direta, através de uma cometa acústica, escrita direta em línguas estrangeiras em papel previamente rubricado por todos os presentes e colocados dentro de uma caixa de madeira fechada,

embrulhada e lacrada em vários pontos. Um artigo publicado na "Revista Espírita do Brasil", de autoria do confrade Daniel Cristóvão, em setembro de 1943, afirma o seguinte: "Dos fenômenos de escrita direta, através da mediunidade de João Pinto de Souza, sobreleva uma mensagem escrita em francês, que jamais conseguimos esquecer, a qual foi redigida em papel rubricado por todos e colocada dentro de uma caixa cuidadosamente lacrada, cujo texto dizia assim: "Ao meu Castelo, neste momento, nada mais quero senão revê-lo. Que seria a vida sem a virtude". Mensagem assinada por Babet, destinada ao confrade Coronel José de Castelo Branco. E nesse artigo Daniel Cristóvão descreve com riqueza de detalhes os vários fenômenos produzidos naquela sessão.

O nome de João Pinto de Souza aparece nos Anais do Congresso Espírita, realizado no Rio de Janeiro em 1925, o qual deu origem à Liga Espírita do Brasil, fundada em 31 de março de 1926, por um pugilo de valorosos defensores da pureza doutrinária, dentro do pensamento de Allan Kardec, revelado pelo Espírito da Verdade. Homens de incontestável valor moral e intelectual assinaram a ata de fundação da Liga, como o Desembargador Gustavo Farnese, Ângelo Torteroli, Dr. Xavier de Araújo, o escritor Coelho Neto e muitos outros expoentes da história do Espiritismo no Brasil. A Liga Espírita do Brasil tomou caráter federativo nacional, abrigando em seu seio instituições de vários Estados do Brasil, só abrindo mão dessa prerrogativa, quando da criação do Conselho Federativo Nacional, instituído pelo Pacto Áureo, em 5 de outubro de 1949, ao qual aderiu, passando a ser o Órgão Federativo no antigo Distrito Federal. Essa casa tem sido um posto avançado, um celeiro de defensores da Doutrina Espírita em toda sua pureza, à luz da Terceira Revelação. A Egrégia Entidade permanece na mesma unidade de pensamento, defendendo os mesmos ideais de seus antepassados em cujo seio figurou o nome ilustre de João Pinto de Souza.

Por ocasião do I Congresso Brasileiro de Jornalistas Espíritas, em 1939, quando se inaugurava uma "Exposição de Revistas e Jornais Espíritas", ele foi homenageado pela Diretoria do Congresso, por ser o decano dos jornalistas espíritas presentes ao ato. No campo do jornalismo desenvolveu trabalhos notáveis, redigindo artigos para a imprensa espírita de todo o País. Era associado da ABI (Associação Brasileira de Imprensa), onde atuou brilhantemente. Escreveu uma coluna espírita no jornal "A Pátria" e foi assíduo colaborador de "A Vanguarda", jornais de grande tiragem naquela ocasião, ambos já extintos. Tinha muita facilidade para escrever e falar. Na tribuna espírita era vibrante a ponto de empolgar a assistência, sendo um dos conferencistas mais solicitado de sua época.

Tomou parte ativa em diversos movimentos espíritas, promoveu caravanas ao interior, visitas de confraternização e conferências públicas. Fundou e presidiu a União dos Centros Espíritas dos Subúrbios da Leopoldina, foi Presidente do Centro Espírita "Fé e Caridade", tomou parte em inúmeras diretorias e assinou várias atas de fundações de instituições espíritas. Organizou grupos de Estudos nas Unidades Militares onde serviu, conforme publicou "Vanguarda" em suas reminiscências.



JOSÉ MACHADO TOSTA

Nascido a 29 de dezembro de 1873, na Ilha Terceira (Açores), Portugal, e desencarnado em Marechal Hermes, Rio de Janeiro, no dia 27 de abril de 1929.

José Machado Tosta veio ainda criança para o Brasil, aqui se radicando de forma definitiva, considerando sempre a nossa terra como a sua segunda pátria.

Ingressando nas fileiras espíritas, tornou-se notável divulgador dessa Doutrina. Foi companheiro do grande médium Inácio Bittencourt, tendo-se destacado pelo seu empenho em publicar colunas de divulgação doutrinária em jornais profanos, notadamente no "O Jornal" e "Gazeta de Notícias", tradicionais órgãos da imprensa carioca. Durante muitos anos foi secretário da União Espírita Suburbana, famosa instituição que funciona em Marechal Hermes, no Estado do Rio de Janeiro.

Foi escriturário no Departamento dos Correios e Telégrafos e, no recesso do lar, era o dedicado professor dos seus sobrinhos e dos próprios filhos.

Digna de registro foi a sua atuação no campo da difusão da língua internacional Esperanto. Ao lado do incansável Ismael Gomes Braga e de outros idealistas, manteve constante inter-

câmbio com esperantistas de todo o mundo, tendo então encetado apreciável divulgação dos ideais espíritas.

No ano de 1925, em companhia de Carlos Imbassahy, fundou o Centro Espírita Fraternidade, de Marechal Hermes, em cuja instituição desempenhou tarefa de grande destaque, tornando-se figura querida de todos que tinham a oportunidade de conhecê-lo.

Machado Tosta era representante do jornal "O Clarim" e da "Revista Internacional de Espiritismo", órgãos publicados em Matão, Estado de S. Paulo, pelo grande pioneiro espírita Caírbar Schutel, de quem se tornou porta-voz na cidade do Rio de Janeiro. Ao mesmo tempo promovia intensa divulgação das obras desse incansável apóstolo do bem. De forma idêntica, promoveu numerosas conferências no Rio de Janeiro, convidando para isso os mais famosos oradores da época, entre eles o Major Viana de Carvalho.

Foi um autêntico trabalhador da seara espírita, conseguindo atrair para essa Doutrina muitas pessoas de boa vontade, entretanto, é sumamente difícil se traçar, numa pequena biografia, o vulto da obra por ele desenvolvida. Uma coisa, entretanto, deve ser destacada, ele era amigo intransigente da verdade e foi zeloso cultor da pureza doutrinária do Espiritismo.

Amigo e companheiro do grande poeta Amaral Ornelas, deixou um número razoável de composições em forma de versos, bem como grande bagagem literária.

Quando surgiu, em Pedro Leopoldo, o médium Francisco Cândido Xavier, ensaiando os seus primeiros passos no terreno da psicografia, José Machado Tosta entusiasmou-se de forma inusitada pelas produções vindas do Além, tendo mesmo sido o pioneiro na divulgação das novas mensagens através de um jornal leigo, fazendo-o através da secção "Vários Cultos", na "Gazeta de Notícias", do Rio de Janeiro.

Um fato bastante pitoresco é o que o médium Francisco Cândido Xavier foi lançado, na imprensa leiga, por José Machado Tosta e na imprensa espírita por Inácio Bittencourt. Ambos esses jornalistas eram portugueses, nascidos na Ilha Terceira, nos Açores, tendo ambos vindo para o Brasil ainda bastante jovens.



JOSÉ LUIZ DE MAGALHÃES

Nascido no Rio de Janeiro a 6 de maio de 1871 e desencarnado na mesma cidade a 22 de novembro de 1948.

Era filho de José de Magalhães Silva Júnior e d. Luíza Rodrigues Soares. Alma sensível, foi desde sua infância de caráter muito religioso. Educado no Colégio de Caraça, de padres católicos, entregava-se à contemplação com elevação de propósitos, chegando mesmo a auxiliar ofícios religiosos inerentes à sua igreja.

Assim cresceu e constituiu família, casando-se no ano de 1898, com d. Julieta da Costa Magalhães, de cujo matrimônio nasceram-lhe sete filhos.

Ao deixar o Colégio, empregou-se no banco do Comércio, em 1892, ao qual serviu por 20 anos consecutivos, prestando ali, os mais relevantes serviços. Ótimo funcionário, assíduo e prestativo, conseguiu galgar postos de confiança e constituir sua família, dando-lhe relativo conforto e educação primorosa aos seus filhos.

Espírito bem formado, não podia ver ninguém sofrer, mesmo antes de conhecer a Doutrina Espírita já era a personificação da bondade, no trabalho, no lar, na rua, na sociedade, solidário na dor e na alegria, com quantos privassem com ele. Seu lema

era aconselhar, ajudar e consolar, grangeando amigos, sem distinção de classe, cor ou nacionalidade; sua meta era servir, vendo em cada criatura sofredora, o companheiro que poderia ajudar a reeerguer-se por todos os meios e modos.

Um dia, sua filhinha Lídia, com poucos meses de idade, adoeceu gravemente. Ele empregou então todos os meios para salvá-la, procurando os recursos médicos que foram inúteis. Triste e acabrunhado, já não sabia mais para o que apelar, foi quando ouviu falar do médium Ignácio Bittencourt. Na esperança de ver sua filhinha restabelecida, procurou-o e dele recebeu palavras de consolação e conforto, além de esclarecimentos em torno dos desígnios de Deus e da esperança na vida espiritual, que a vida não terminaria no túmulo, pois- continuaria na espiritualidade e se ele perdesse a sua filhinha na Terra, ganharia uma amiga no Céu. O célebre seareiro falou-lhe sobre as belezas do Evangelho de Jesus e por fim o presenteou com um dos livros da Codificação Kardeciana, talvez o "Evangelho Segundo o Espiritismo". Isso aconteceu no ano de 1904, quando ele converteu-se ao Espiritismo, tornando-se desde então valoroso propagador da Doutrina e assíduo freqüentador da Federação Espírita Brasileira, cuja sede nessa época era situada na rua do Rosário e na presidência estava o dinâmico Leopoldo Cirne, um dos mais valorosos trabalhadores da Casa Máter do Espiritismo no Brasil.

Nesse exato momento surgia mais um pioneiro do Espiritismo em nossa Pátria. Sua atuação inconfundível jamais sofreu solução de continuidade, sua alma cristã passou a desfrutar o Evangelho redivivo de Jesus à luz da Terceira Revelação; na sua humildade, sem querer jamais aparecer, entregava-se ao trabalho que se desenvolvia naquela Casa, dando tudo de si com muito amor, ao lado dos companheiros de lides doutrinárias, com base na fé raciocinada e reconhecendo que o primeiro passo para libertar-se espiritualmente seria sempre o trabalho.

Poeta nato, José Luiz de Magalhães passou a colaborar desde então no "Reformador", órgão da Federação Espírita Brasileira, com produção poética de sua lavra, dando asas ao seu estro, canta como ave canora as verdades evangélicas na revelação das revelações, o consolador prometido por Jesus: o Espiritismo. Na sua lira imortal, presta efusivas homenagens a Jesus, a Kardec e à Doutrina dos Espíritos. Dedicando muitos de seus versos a pioneiros ilustres, como Bittencourt Sampaio, Caírbar Schutel, Casimiro Cunha e ao seu querido mestre Ignácio Bittencourt, responsável pela sua conversão ao Espiritismo e por quem nutria imorredoura gratidão.

Em 1906 foi eleito Diretor da Assistência aos Necessitados da Federação Espírita Brasileira, desenvolvendo corajoso programa de realizações, mantendo a infatigável visitação aos enfermos e necessitados de todos os matizes, num trabalho verdadeiramente apostolar, bem à altura de seus sentimentos humanitários. Nesse setor de grande relevância, começou o seu trabalho profícuo na Casa de Ismael. Em 1907, era eleito 2° Secretário, cargo que exerceu até 1912, quando foi eleito, por unanimidade para o cargo de 1° Secretário, sempre na presidência de Leopoldo Cirne, deixando ali traços indeléveis de sua passagem, notadamente nos trabalhos pertinentes à construção da nova sede na antiga rua do Sacramento, hoje Avenida Passos n° 30. Às 14 horas do dia 10 de dezembro de 1911, com o comparecimento de figuras de todas as camadas sociais, entre eles o grande homem público que foi Quintino Bocaiúva proclamava, diante de mais de mil pessoas, a inauguração oficial da nova sede. Dentre os vários oradores, fez também uso da palavra o querido companheiro de todas as horas: José Luiz de Magalhães.

Ao lado do Ignácio Bittencourt, Ignácio Santos, Ernestina Ferreira dos Santos e um grupo de abnegados companheiros, ajudou na fundação do Abrigo "Tereza de Jesus", dando tam-

bém a sua parcela de serviço àquela Casa que honra a assistência à criança necessitada, modelo de trabalho e dignidade até o presente momento.

De sua lavra é o livro de poesias intitulado *Contemplações*, o mais belo e puro sentimento de sua alma sensível, no dizer de Indalício Mendes, um inspirado e o inspirado é quase sempre um médium, a mediunidade atributo de todos os poetas, quando suas almas viajam por mundos espirituais em busca de temas que chegam ao clímax da sublimação.

Produziu ainda ótimos versos, como *Prelúdio, Glórias, Quatro Flores, A Pastora* e outros.

Versos Antigos é um livro dedicado à sua dedicada esposa.

Traduziu também o *Fim de Satã,* de Victor Hugo, tradução que ratifica a sua cultura, o sentimento poético e a sua sensibilidade.

Foi um espírita dedicado ao trabalho, durante toda sua vida, sempre aureolado pela simplicidade e pela modéstia, homem culto, porém, de certo modo tímido, deu sua vida à causa e à família, até a sua libertação do corpo carnal, ocorrida no dia 22 de novembro de 1948. Nos seus escritos foi encontrado, posteriormente, mn bilhete com os dizeres: "À minha família: Desejo ser enterrado com a roupa que estiver vestido ou, se estiver de cama, ^mortalhado num lençol; sem anúncios, só avisando aos mais íntimos para o enterro, que deverá ser de terceira classe ou mais modesto ainda (ou da capela do cemitério), em jazigo provisório ou mesmo em cova rasa, fora do túmulo da família, sendo entregue o local ao cemitério findo o prazo, sem nenhuma exuimação de ossos pela família. Dispenso apresentações ou remessas de coroas fúnebres e peço, aos que quiserem, uma oração íntima por mim e pelos que sofrem. 2-2-1947. (ass.) José Luiz de Magalhães."



CEL. JOSÉ AUGUSTO FAURE DA ROSA

Nascido em Leiria, Portugal, a 16 de novembro de 1873, e desencarnado a 8 de novembro de 1950.

O Coronel José Augusto Faure da Rosa foi um dos mais notáveis espíritas de Portugal.

Cursou a Escola do Exército e foi promovido a Alferes em 1897. Além das suas atividades militares, foi professor do Liceu, primeiramente em Leiria e depois em Lisboa. Nessa última cidade assumiu numerosos compromissos, tendo-se dedicado ao jornalismo e ao teatro. Traduziu do inglês, em parceria com Henrique Garland, 2 peças intituladas "Bebê e Totó" e "A Doença da Mama", ambas representadas no teatro do Ginásio, em 1905.

Nessa época, já com cinco filhas, deparando-se com a necessidade de ampliar os seus recursos econômicos, acedeu ao convite de embarcar para a Índia, onde prestou relevantes serviços durante 18 anos. Ali desempenhou vários cargos, dentre eles o de Governador de Damão, Chefe do Estado-Maior do Quartel General do Governo Geral da Índia, Administrador das matas de Goa, de Praganã e de Nagar-Avely e, nesses últimos territórios, Comandante Militar e Administrador Civil, atividades que exerceu com raro descortino e elevado senso de responsabilidade.

Efetuou, com muito êxito, ensaios da cultura da borracha e outros importantes estudos que legou à posteridade através das monografias: "Memória da Cultura da Borracha em Goa" (1908) e "Memória da Ensilagem do Capim, em Goa" (1909).

Na campanha do Timor, em 1912, comandou a coluna de operação de Oeste. No desempenho de ação nessa campanha, foi elogiado pelo Comandante Geral Filomeno de Câmara, no seu "Relatório", pois Faure da Rosa, contrariando ordens superiores se recusou a separar, entre os prisioneiros, as mulheres e filhos do seu chefe de família, revelando assim elevado espírito humanista.

Terminou a sua carreira no Estado da Índia em 1920, quando regressou a Portugal. Em 1922 é nomeado Secretário-Geral do Governo de Manica e Sofala e encarregado do governo do mesmo território, após o que, em 1925, regressou definitivamente à Metrópole.

Como publicista, as suas qualidades de estudioso invulgar revelaram-se no decorrer dos dois anos seguintes, publicando numerosos artigos sobre Cooperativismo, principalmente no jornal "O Povo".

Possuía as medalhas de prata do Valor Militar (com palma), de ouro de Comportamento Exemplar e outra da Campanha do Timor. Era Grande Oficial da Ordem Militar de Aviz. Posteriormente a 1926 foi convidado para o cargo de Governador-Geral de Angola, que recusou.

A desencarnação de uma de suas filhas, em 1927, levou-o ao desespero, tendo abandonado toda a sua atividade criadora no campo do Cooperativismo, passando a dedicar-se exclusivamente ao estudo do Espiritismo, ao serviço do qual colocou toda a sua inteligência e dedicação excepcional.

Proferiu grande número de conferências sobre a Doutrina dos Espíritos, uma das quais em réplica a um conferencista belga

que fez uma palestra no Teatro São Luís. Essa conferência de Faure da Rosa foi nomeada "Em Defesa do Espiritismo" e redundou numa apoteose, tendo sido realizada no Cinema Condes, com a casa completamente lotada de ilustres nomes da época, médicos, advogados, engenheiros, industriais, comerciantes, artistas e outras pessoas de renome.

Sobre a personalidade do Coronel Faure da Rosa, escreveu Francisco de Melo e Noronha uma carta lida por ocasião da realização da homenagem póstuma que lhe foi prestada no transcurso do primeiro aniversário de sua desencarnação.

"Justificadíssima é a homenagem rendida neste Centro, prestimoso e radiante, comemorando o primeiro aniversário da data em que desencarnou do corpo material o Espírito lúcido do nosso distinto confrade Coronel Faure da Rosa.

"Tenho a consciência de poder defini-lo perfilhando as expressões de Pirro acerca de um romano exemplo: "Ille est Fabricius, qui dificilius ab honestate, quam sob a curou suo, avert potest". De fato, digna assistência, mais facilmente o sol se desviaria do seu curso do que ele do caminho da honra. Abraçou a carreira militar, serviu a Pátria na metrópole e no além ultramarino, e, imácula, envergou sempre a farda, sem quebranto respeitou sempre o seu juramento de soldado.

"E assim exalou o derradeiro alento em sua existência contemporânea. Assim a sua alma, depurada, transpondo o véu, terá agora no mundo inefável o galardão de bem merecida glória.

"Onde, porém, Faure da Rosa atingiu proporções peregrinas e vinculou o nome com prestígio indelével, foi entre nós, neste meio de estudo e ascese, nesta atmosfera de razão, experiência e fraternidade.

"Em suas linhas fisiológicas transparecia a bondade que o seu trato não desmentia e neste revelava-se uma educação fina

e esmerada, que logo no início de nossas relações pessoais me despertou aberta simpatia.

"E quando, um dia, a empolgante convite de Sua Exa., então presidindo à Federação Espírita Portuguesa, ali realizei uma conferência, o saudoso Coronel informara-me, em carta prévia, que, para me evitar o relento da noite na travessia do Tejo, na margem esquerda do qual resido, marcara para mais cedo a hora habitual, fazendo, nestes termos, uma alteração de delicada gentileza, que registro muito grato.

"Apóstolo preeminente do Espiritismo, que versava com desassombro, vasta erudição, lógica impecável e hermenêutica resistente, é incontestável que prestou à causa serviços de autêntica invulgaridade, sendo os seus discursos, alocuções e conferências, preciosas lições e os seus labores impressos magníficas fontes de consulta.

"Pode-se dizer, peremptoriamente, que Faure da Rosa nunca escreveu sobre o joelho ou falou em ciência e consciência.

"Chegou a ser exaustivo até aos mínimos pormenores, e também não foi omisso de elegância no verbo de grafia e oral.

"Em certa maneira participou da índole e estrutura psíquica de Allan Kardec, sem se diminuir aliás no brilho anímico e no valor intrínseco de sua própria personalidade".

Faure da Rosa foi presidente da Federação Espírita Portuguesa, cargo que soube desempenhar com dignidade e de modo assaz eficiente.



DR. JOAQUIM DE SOUZA RIBEIRO

Nascido em Caiteté, Estado da Bahia, no dia 9 de janeiro de 1884, e desencarnado em Campinas, Estado de São Paulo, no dia 18 de janeiro de 1956.

Transferindo sua residência para Campinas, no Estado de S. Paulo, ainda bastante jovem, fez ali os seus estudos de curso superior. No ano de 1907 formou-se pela Faculdade de Odontologia de S. Paulo, e bem mais tarde cursou a Faculdade de Medicina Hahnemaniana, do Rio de Janeiro, colando grau na turma de 1920.

Foi diretor-tesoureiro do prestigioso jornal campineiro "Correio Popular" e pertencia à diretoria do Sanatório S. Isabel, onde desempenhou o cargo de vice-presidente e fazia parte do seu corpo clínico.

Espírita de convicções profundas, o Dr. Souza Ribeiro tornou-se um dos grandes propagandistas da Doutrina dos Espíritos, nos países de fala portuguesa. Desde a mocidade empolgou-se com os ensinamentos contidos nas obras de Allan Kardec e jamais esmoreceu no campo da divulgação, dedicando apreciável parcela de sua vida à difusão e vivência da Terceira Revelação.

Tornou-se abalizado conferencista e percorreu elevado número de cidades do Estado de S. Paulo, onde fez vasta sementeira dos ensinamentos doutrinários. Na propaganda do Espiritismo através da imprensa, tornou-se também um paladino. Manteve acerbas polêmicas doutrinárias através de jornais do interior paulista e de outros Estados. A "Revista Internacional de Espiritismo", "O Clarim", "Reformador" e outros órgãos da imprensa espírita, acolheram, durante cerca de meio século, a colaboração ininterrupta do Dr. Souza Ribeiro, pois na realidade ele havia se tornado um dos mais animosos pregadores das verdades imorredoras da Doutrina dos Espíritos. Profundo conhecedor de toda a literatura espírita, ele sabia argumentar com clareza e elegância, demonstrando uma erudição inigualável.

Numerosos artigos de sua autoria, de índole filosófica, foram divulgados pelo "Correio Popular", onde também fez publicar grande número de poesias, o mesmo aconteceu com a "Folha da Manhã", de S. Paulo.

O seu nome tornou-se assaz conhecido em todos os quadrantes de Campinas. É que, dentista e médico, jamais encarou essas profissões apenas como fonte de renda. Ele sabia praticar o bem, enquadrando-se dentro da orientação evangélica que prescreve a necessidade de a "mão esquerda não ver o que a direita faz."

Souza Ribeiro foi um homem de caráter incorruptível. A sua formação moral era das mais rígidas, fazendo da franqueza e da coragem de atitudes os fundamentos de sua personalidade inconfundível. Jamais se amoldava a conveniências e preconceitos. Temperamento de luta, o seu pensamento era reproduzido sem reticências. Não tergiversava com a verdade e não aplicava eufemismos nas palavras que proferia ou que escrevia.

Embora eloquente na defesa de suas idéias e pontos de vista, sabia, no entanto, respeitar sempre o adversário, nunca guar-

dando ódio ou ressentimentos. A sua linha de conduta era inquebrantável, a sua palavra era sempre respeitada, fazendo com que ele se tornasse, de direito e de fato, um homem de índole efetiva, de caráter sem interstícios e, acima de tudo, de objetivos certos e determinados.

Quando do sepultamento do corpo de Caírbar Schutel, o apóstolo de Matão, no dia 31 de janeiro de 1938, o Dr. Souza Ribeiro foi um dos que proferiram discursos à beira do túmulo, enaltecendo a personalidade marcante daquele grande pioneiro espírita.

João Simples, conhecido jornalista campineiro, quando da desencarnação do Dr. Souza Ribeiro, publicou através do "Correio Popular" uma crônica, da qual extraímos os seguintes tópicos: "Mas quem foi, no final das contas, Souza Ribeiro? Uma potência do comércio, um magnata da indústria, um político de evidência e prestígio, para que o seu passamento fosse assim tão intensamente sentido em todos os cantos onde pulse um coração humano? Nada disso, Souza foi, simplesmente, um Apóstolo do Bem. E, como Apóstolo do Bem, um lutador incansável pela implantação, nas almas entorpecidas por preconceitos errôneos e rançosos, dos verdadeiros ensinamentos do Divino Mestre, tão claramente expostos nos Evangelhos e tão nefastamente deturpados pelos cegos que não querem ver, pelos surdos que não querem ouvir. Sua única arma, nas pelejas memoráveis que travou com adversários poderosos, não foi o punhal da mistificação e da insídia: foi o escudo inquebrantável da Verdade do Cristo, assimiladas das páginas sagradas do Novo Testamento! Por isso venceu! Por isso nunca foi vencido. Ele foi realmente um predestinado."

Souza Ribeiro escreveu: "A Estigmatizada de Campinas" e "A Questão Religiosa na Rússia". Nos derradeiros anos de sua fértil existência terrena, escreveu numerosas poesias, a última delas no dia mesmo de sua desencarnação, a qual ele já havia antecipado e da qual tinha plena consciência.



LEOPOLDO MACHADO BARBOSA

Nasceu no Arraial de Cepa Forte, hoje Jandaíra, no Estado da Bahia, a 30 de setembro de 1891. Desencarnou na cidade de Nova Iguaçu, Estado do Rio de Janeiro, no dia 22 de agosto de 1957.

Mais conhecido por Leopoldo Machado, era filho do casal Eulélio de Souza Barbosa e Ana Isabel Machado Barbosa.

Iniciou-se na Doutrina Espírita pelas mãos abençoadas do inolvidável apóstolo baiano José Petitinga, lá pelo ano de 1915, tornando-se mais tarde, arauto da fé e do trabalho. Espírito de liderança, Leopoldo Machado foi impulsionado às tarefas do bem e da verdade, vivendo a Doutrina Espírita em toda a sua pujança.

Conheceu a Prof[a] Marília Ferraz de Almeida com quem se uniu em matrimônio no dia 31 de dezembro de 1927. Dois anos após o casamento, radicou-se na cidade de Nova Iguaçu (RJ), onde iniciou uma tarefa espírita das mais meritórias, junto à sua idolatrada esposa. Integraram-se no Centro Espírita "Fé, Esperança e Caridade", onde tomaram a iniciativa, de construir a sua sede própria. Posteriormente construíram o Albergue Noturno "Allan Kardec" e o "Lar de Jesus", para meninas órfãs e abandonadas.

Em 1930, em arrojada iniciativa, no terreno pedagógico, consagrou-se como legítimo educador na cidade de Nova Iguaçu.

No dia 21 de abril desse mesmo ano, inaugurava o "Colégio Leopoldo", hoje tradicional estabelecimento de ensino, que contou com a colaboração de sua esposa Marília, de sua cunhada Leopoldina Barros e do Almirante Paim Pamplona, ex-Presidente da Federação Espírita Brasileira.

Colégio que honra o magistério particular, onde gerações inteiras da bela cidade fluminense e adjacências, têm-se plasmado intelectualmente nos cursos primário, ginasial, colegial, técnico, comercial e normal. É atualmente considerado uma das melhores organizações educacionais da baixada fluminense.

Jornalista, professor, escritor, poeta, compositor, pregador e polemista, difundiu a Doutrina Espírita por todos os meios e formas, merecendo o respeito dos adversários da Doutrina e a admiração de todos os confrades. Apologista do "Espiritismo de Vivos", sem fugir à pureza doutrinária, Leopoldo Machado incentivou as novas gerações a pegar no arado com a criação das Mocidades Espíritas e das Escolas Espíritas de Evangelização para Infância impulsionando, também, as Semanas Espíritas, as Tardes Fraternas, os Simpósios, Mesas Redondas e os Congressos Espíritas. Realizou o "milagre" de estar presente em quase todos os movimentos espíritas confraternativos, percorrendo todo o Brasil, exaltando o Evangelho de Jesus e a Doutrina dos Espíritos, como sendo a volta do Cristianismo redivivo, no seu sentido mais puro, como era pregado na Casa do Caminho, logo após o sacrifício de Jesus.

Em 1939, Deolindo Amorim levanta a bandeira do I Congresso Brasileiro de Jornalistas e Escritores Espíritas, o qual contou com o integral apoio de Leopoldo Machado. Outros Congressos e outros movimentos espíritas realizaram-se no intervalo de 1939 a 1948, destacando-se o I Congresso de Mocidades Espíritas do Brasil, de 17 a 23 de julho de 1948. Foi das mais belas e das mais proveitosas realizações espíritas de todos os tempos, no sentido positivo da continuação de suas resoluções.

Pois, até hoje ainda se colhem os frutos sazonados desse Congresso espetacular. O movimento espírita de hoje em quase todo o Brasil, está quase que inteiramente nas mãos dos jovens de 1948 e de jovens que se integraram ao movimento espírita, incentivados pelos frutos daquela magnífica epopéia que teve à frente Leopoldo Machado, Lins de Vasconcelos, J.B. Chagas, Moreira Guimarães, Ruth Santana e tantos outros idealistas. Nesse mesmo ano Leopoldo Machado tomava parte ativa no Congresso Brasileiro de Unificação, realizado na capital de S. Paulo, de 31 de outubro a 05 de novembro. Em 1949, era convocado ao II Congresso Pan-Americano realizado no Rio de Janeiro e também ao Pacto Áureo. Percebendo a importância desses encontros, para a grandeza da Doutrina Espírita no futuro, dentro de suas possibilidades, esteve sempre presente ajudando de alguma maneira. Os mesmos espíritos que inspiravam o Pacto Áureo inspiraram a "Caravana da Fraternidade", na qual tomaram parte: Leopoldo Machado, Lins de Vasconcelos, Carlos Jordão da Silva, Francisco Spinelli, Ary Casadio e Luiz Burgos Filho, cuja Caravana foi o coroamento do Pacto Áureo, o incentivo unificador na formação do Conselho Federativo Nacional, sob os auspícios da Federação Espírita Brasileira. Ao regresso da "Caravana da Fraternidade", o êxito absoluto, com a adesão dos Estados do Norte e Nordeste do País à unificação do Espiritismo em todo o território nacional. Leopoldo não parava; realizou também a Primeira Festa Nacional do Livro Espírita, em homenagem ao "18 de Abril", data magna de lançamento de "O Livro dos Espíritos", cuja festa tornou-se hábito em todo o Brasil nas comemorações ao "Dia do Livro". Criou o Conselho Consultivo de Mocidades Espíritas, na sede da antiga Liga Espírita do Distrito Federal.

De sua bibliografia constam os seguintes livros, entre profanos e espíritas — "Meus últimos Versos", "Saudades", "Idéias e Iluminação" (poesia); "Prosa de Caliban" e "Consciência" (contos); "Doutrina Inglória", "Julga, Leitor, por ti mesmo",

"Sensacional Polêmica", "Pigmeus contra Gigantes" e "Guerra ao Farisaísmo" (polêmicas); "Para o Alto", "Natal dos Cristãos Novos", "Graças sobre Graças", "Caravana da Fraternidade" e "Ide e Pregai" (crônicas); "Teatro Espiritualista" 1.ª e 2.ª séries e "Teatro da Mocidade" (teatro); "Uma Grande Vida" e "Caxias, eminente iguaçuano" (biografias); "Cientismo e Espiritismo" (Doutrina); "Cruzada de Espiritismo de Vivos" e "Observações e Sugestões" (roteiros); "O Espiritismo é Obra de Educação", "Das responsabilidades maiores dos Espíritas no Brasil", "Para a Frente e para o Alto", "Nada lhe é no momento maior" e "Brasil berço da Humanidade" (teses). São esses os seus livros publicados, sem se contar vários outros em manuscritos e inéditos, inclusive a sua "Autobiografia", que estão em poder de sua família, aguardando publicação. Autor da "Canção da Alegria Cristã", de parceria com Oli de Castro, compôs também inúmeras outras melodias espiritualizadas, para a Mocidade e a Infância.

Leopoldo Machado acreditou na força do moço, como mola propulsora para renovação de valores ao movimento espírita; acreditou nos Congressos, nas Semanas Espíritas e nas Confraternizações, como forma de promoção, porque foi o propagandista número um do Espiritismo. Lutou tenazmente para desencastelar muitos espíritas, que só pensavam em termo de suas Instituições, porque acreditava que o Espiritismo é Luz, é o Sol que no futuro próximo iluminará toda a Humanidade. Lutou pela renovação de valores e de conceitos, sem fugir aos ditames da Codificação Kardequiana, quando o próprio AUan Kardec, afirmou: — "O Espiritismo disse a primeira palavra e jamais dirá a última, porque acompanhará o progresso, para todo o sempre". Ele caracterizou-se pela fé viva de seu idealismo cristão, viveu a Doutrina com todo o seu amor e intrepidez de ânimo; franco, leal, sincero e audaz. Foi essa a figura personalíssima de Leopoldo Machado.



LÉON DENIS

Nascido a 1.° de janeiro de 1846, em Foug, pequena localidade da circunscrição de Toul, Departamento de Meurthe-et-Moselle, na antiga província francesa de Lorena. Desencarnou a 12 de abril de 1927, na cidade de Tours.

Dentre os grandes apóstolos do Espiritismo, a figura exponencial de Léon Denis merece referência toda especial, principalmente em vista de ter sido o continuador lógico da obra de Allan Kardec. Podemos afiançar mesmo que constitui tarefa sumamente difícil tentar biografar essa grande vida, dada a magnitude de sua missão terrena, na qual não sabemos o que mais salientar: a sua personalidade contagiante, o bom senso de que era dotado, a operosidade no trabalho, a dedicação ímpar aos seus semelhantes e o acendrado amor que devotava aos ideais que esposava.

A sua bibliografia é bastante vasta e composta de obras monumentais que enriquecem as bibliotecas espíritas, e das quais mencionamos alguns títulos: *"Depois da Morte"*, *"Cristianismo e Espiritismo"*, *"No Invisível"*, *"O Problema do Ser, do Destino e da Dor"*, *"Provas Experimentais da Sobrevivência"*, *"Joana D'Arc Médium"*, *"O Porquê da Vida"*, *"O Grande Enigma"* e muitas outras.

Deve-se a ele a oportunidade ímpar que os espíritas tiveram de ver ampliados novos ângulos do aspecto filosófico da Doutrina Espírita, pois, as suas obras de um modo geral focalizam numerosos problemas que assolam os homens, e também a sempre momentosa questão da sobrevivência da alma humana em seu laborioso processo evolutivo. Léon Denis imortalizou-se na gigantesca tarefa de dissecar problemas atinentes às aflições que acometem os seres encarnados, fornecendo valiosos subsídios no sentido de lançar novas luzes sobre a problemática das tribulações terrenas; deixou de lado os conceitos até então prevalecentes para apresentá-la aureolada de ensinamentos altamente consoladores, hauridos nas fontes inesgotáveis da Doutrina dos Espíritos.

Ainda bastante jovem, com apenas 18 anos de idade, Denis foi despertado para as maravilhas do Espiritismo. Dedicando-se ao estudo mais aprofundado dessa doutrina, em seu tríplice aspecto de *ciência, filosofia* e *religião,* demorou-se com maior persistência na abordagem do seu aspecto filosófico. Ele jamais esmoreceu, pois, sendo um homem dotado de notável operosidade, trabalhou até os últimos minutos de sua profícua existência terrena. Concomitantemente com os seus profundos estudos nesse campo, também deu a sua contribuição valiosa na abordagem e estudo de assuntos históricos, fornecendo importantes subsídios no sentido de esclarecer as origens celtas da França e no tocante ao dramático episódio do martírio de Joana D'Arc, a grande médium francesa. Seu estudos não pararam aí, ele preocupou-se sobremaneira com as origens do Cristianismo e o seu processo evolutivo através dos tempos.

Durante toda a sua vida, também bastante atribulada, ele jamais deixou de escrever, de falar, de propagar, de exemplificar aquilo que ensinava, tornando-se assim verdadeiro exemplo vivo de trabalho, de perseverança e de dedicação a uma causa nobre e altamente benéfica para a Humanidade.

Dentre as suas múltiplas ocupações, foi presidente de honra da *União Espírita Francesa,* membro honorário da *Federação Espírita Internacional,* presidente do *Congresso Espiritista Internacional,* realizado em Paris, no ano de 1925. Teve também a oportunidade de dirigir, durante largos anos, um grupo experimental de Espiritismo, na cidade francesa de Tours.

A sua atuação no seio do Espiritismo foi bastante diversa daquela desenvolvida por Allan Kardec. Enquanto o Codificador exerceu suas nobilitantes atividades na própria capital francesa, Léon Denis desempenhou a sua dignificante tarefa na província. A sua inusitada capacidade intelectual e o descortino que tinha das coisas transcendentais, fizeram com que o movimento espírita francês, e mesmo mundial, gravitasse em torno da cidade de Tours. Após a desencarnação de Allan Kardec, essa cidade tornou-se o ponto de convergência de todos os que desejavam tomar contato com o Espiritismo, recebendo as luzes do conhecimento, pois, inegavelmente, a plêiade de Espíritos que tinha por incumbência o êxito de processo de revelação do Espiritismo, levou ao grande apóstolo toda a sustentação necessária a fim de que a nova doutrina se firmasse de forma ampla e irrestrita.

Enquanto Kardec se destacou como uma personalidade de formação universitária, que firmou seu nome nas letras e nas ciências, antes de se dedicar às pesquisas espíritas e codificar o Espiritismo, Léon Denis foi um autodidata que se preparou em silêncio, na obscuridade e na pobreza material, para surgir subitamente no cenário intelectual e impor-se como conferencista e escritor de renome, tornando-se figura exponencial no campo da divulgação doutrinária do Espiritismo.

Denis possuía uma inteligência robusta, era um Espírito preclaro, grande orador e escritor, desfrutando de apreciável grau de intuição. Referindo-se a ele, escreveu o seu contemporâneo Gabriel Gobron: "Ele conheceu verdadeiros triunfos e

aqueles que tiveram a rara felicidade de ouvi-lo falar a uma assistência de duas ou três mil pessoas, sabem perfeitamente quão encantadora e convincente era a sua oratória."

Denis jamais cursou uma academia oficial, entretanto, formou-se na escola prática da vida, na qual a dor própria e alheia, o trabalho mal retribuído, as privações heróicas ensinam a verdadeira sabedoria, por isso dizia sempre: "Os que não conhecem desses lições, ignoram sempre um dos mais comovedores lados da vida." Com o concurso de sua inteligência invulgar, furtar-se-ia à pobreza, mas ele preferiu viver nela, pois em sua opinião era difícil acumular egoisticamente para si, aquilo que ele recebia para repartir com os seus semelhantes.

Ele sabia distribuir as moedas que amealhava, no entanto, preocupava-se mais em expargir as palavras de ouro, adequadas para cada oportunidade, soerguendo os abatidos, estimulando os fracos, levantando a fé daqueles que a tinham titubeado e predispunha os fortes para a luta em favor do aprimoramento moral e intelectual.

Com idade bastante avançada, cego e com uma constituição física relativamente fraca, vivia ainda cheio de tribulações. Nada disso, entretanto, mudava o seu modo de proceder. Apesar de todas essas condições adversas, a todos ele recebia obsequioso. Desde as primeiras horas da manhã ditava volumosa correspondência, respondendo aos apelos das inúmeras sociedades que fundara ou de que era presidente honorário. Onde quer que comparecesse, ali davam-lhe sempre o lugar de maior destaque.

Léon Denis trabalhava arduamente na compilação do seu novo livro "O Gênio Celta e o Mundo Invisível", quando foi acometido de violenta pneumonia que o prostrou. Mesmo enfermo, com a cooperação de duas secretárias afeiçoadas, após estafante e persistente trabalho conseguiu ver revisadas todas as provas, insistindo para que as secretárias continuassem a fim de

terminar a "Biografia de Allan Kardec", o que, aliás, não chegou a concretizar, dado o seu lamentável estado de saúde.

No dia 12 de abril de 1927, às 9 horas da manhã, seu Espírito iluminado partia para as regiões sublimadas da Espiritualidade, após ter-se convertido em verdadeira bandeira para os ideais espíritas e centro de atenções dos espíritas que tomavam parte nos Congressos Internacionais de Espiritismo e outros certames.



DR. LUIZ Dl CRISTOFÓRO POSTIGLIONI

Nascido na República Argentina, a 29 de novembro de 1909, e desencarnado no mesmo país, a 10 de fevereiro de 1979,

Luiz Di Cristóforo Postiglioni foi um dos mais destacados espíritas argentinos dos últimos tempos. Sua atuação foi das mais intensas e os cargos por ele desempenhados foram dos mais relevantes.

O emérito companheiro foi presidente da Federação Espírita Internacional (1972-1978), tendo, nessa qualidade efetuado visitas a numerosos países, dentre elas a Inglaterra, França, Itália, Grécia, África do Sul e numerosas nações da América Latina, notadamente o Brasil.

Teve extraordinária atuação na *Sociedade Constância,* de Buenos Aires, inclusive no cargo de vice-presidente. Foi ainda secretário do conhecido periódico portenho *"Constância".* Dentre as instituições onde militou podemos destacar o *Grupo de Estudos Camille Flammarion,* do qual foi fundador; *Colégio Argentino de Estudos Psíquicos,* do qual foi secretário; *Confederação Espírita Panamericano,* atuando como secretário em seu primeiro período, e como seu delegado junto ao 2.° Congresso Espírita Panamericano, realizado no Rio de Janeiro, em 1949.

Postiglioni foi decano do Instituto Neo-Pitagórico da Argentina; secretário-geral e em seguida presidente da Confederação Espiritista Argentina, a qual representou nos Congressos

Internacionais da Federação Espírita Internacional, realizados em Copenhague (1966) e Glasgow (1969); delegado ao 1° Congresso Mundial de Biologia e Medicina Nuclear (1964).

Quando da sua desencarnação exercia a presidência da Sociedade *Perdoo-te,* de La Plata e pertencia ao Movimento do Serviço do Espiritismo, em sua pátria.

O renomado seareiro era conferencísta brilhante, tendo defendido teses e monografias várias. Deu sempre sua colaboração incondicional às revistas "La Idea" e "Constância".

Em parceria com o Eng. José S. Fernandes, o Dr. Postiglioni apresentou, no 2° Congresso Internacional para estudos da Reencarnação, o trabalho "Fundamentos Científico-Filosóficos da Reencarnação", além de "Raiz e Destino de Kardec", "A Ciência e a Alma" e "A Reencarnação em Glasgow".

Na qualidade de Presidente da Confederação Espírita Argentina, visitou o Paraguai e também representou-a em Santiago do Chile, na 2ª Conferência Regional da Confederação Espírita Pan americana.

Era figura bastante conhecida entre os espíritas brasileiros, e acompanhava de perto o movimento espírita de nosso país.

Homem de grande talento, era dotado de infatigável disposição para o trabalho. Para isso bastava ver a intensidade dos seus escritos, nos mais importantes periódicos da vizinha República, sua atuação como conferencísta e sua luta em favor da implantação dos ideais contidos na Doutrina Espírita, uma vez que defendia incondicionalmente a Codificação Kardequiana e o postulado da reencarnação sempre que se lhe deparava oportunidade.

A sua partida representou duro golpe para os espíritas argentinos, acostumados a vê-lo presente em todos os movimentos que se realizavam quer na grande república platina, quer em numerosos outros países.



MARECHAL MÁRIO TRAVASSOS

Nascido no dia 20 de janeiro de 1891, na cidade do Rio de Janeiro, vindo a desencarnar na mesma cidade, no dia 20 de julho de 1973.

Era filho do General Silvestre Rodrigues da Silva Travassos e Da. Maria José de Araújo Travassos, tendo se casado, em 1912, com Da. Felismina Duarte de Oliveira Travassos.

Ingressou na Escola Militar de Porto Alegre, Rio Grande do Sul, em 1908, saindo Aspirante em 2 de janeiro de 1911, fazendo brilhante carreira militar até o generalato. 2° Tenente, em 1915, 1° Tenente, em 1920, Capitão, em 1925, Major, em 1933, Tenente-Coronel (por merecimento), em 1938, Coronel (por merecimento), em 1941, General-de-Brigada, em 1946, General-de-Divisão, em 1951 e General-de-Exército, em 1952, posto em que foi transferido para Reserva. Posteriormente à sua transferência para a Reserva, foi promovido a Marechal. Teve os seguintes comandos: Participou da Capanha do Contestado, 1914/1915; Comandante do 8° BC-São Leopoldo, em Rezende, 1939. Serviu no Estado-Maior do Exército, 1940, Professor da Escola de Estado Maior, 1941, Comandante da Escola Preparatória de Cadetes do Ceará, 1942/1943, Comandante da Escola Militar do Realengo, 1943/1944, Comandante do Depósito do Pessoal da FEB, embarcando para a Zona de Operações de Guerra, em Nápoles, na Itália, de 1944 a 1945. Comissões

como Oficial-General: Comandante da 5ª Região Militar, 1947, Comandante do CAER, 1948, Diretor de Ensino do Exército, onde realizou vários Simpósios e Seminários para reforma total do ensino no Exército. Juntamente com o General José Pessoa, criou a Academia Militar de Agulhas Negras, tendo sido o seu 1° Comandante, e, com o mesmo companheiro, foi designado para indicar o local onde deveria ser construída a nova Capital do Brasil (Brasília). Fato interessante se deu nessa oportunidade, podendo-se considerar de caráter mediunico. Ao chegarem ao ponto pré-estabelecido, lá depararam com uma inscrição relativa a uma profecia de Dom Bosco segundo a qual, exatamente ali nasceria uma civilização de onde emanaria mel e leite para toda a Humanidade (segundo se sabe, na linguagem simbólica dos clarividentes, mel e leite significam sabedoria espiritual). No Exército fez os seguintes cursos: Infantaria e Cavalaria, Aperfeiçoamento e de Estado-Maior. Recebeu inúmeras medalhas e condecorações.

Por longos anos presidiu a ABE "Associação Brasileira de Educação". Jornalista profissional, pertenceu ao quadro de redatores do Jornal do Brasil durante muitos anos, colaborando ainda em outros periódicos, como: "Defesa Nacional" e "O Estado de S. Paulo". Sua obra literária, ressalta importantes aspectos da Geopolítica Brasileira, com os seguintes volumes: "Aspectos Geográficos Sul-Americanos", 1933, "Projeção Continental do Brasil", 1938 e "Introdução à Geografia das Comunicações Brasileiras", 1942. Alguns de seus livros inspiraram o aproveitamento do Rio São Francisco e segundo o próprio Ministro da Educação, a Transamazônica.

Nasceu em lar espírita, onde seu pai costumava realizar uma sessão de caráter experimental com os familiares. Em sua juventude, passou a estudar a Doutrina, à Luz da Codificação Kardequiana, para a qual se sentiu inclinado diante dos argumentos de "O Livro dos Espíritos" e de "O Evangelho Segundo

o Espiritismo", passando a adotar os seus princípios morais. Na década de 1920, conheceu Viana de Carvalho, um dos maiores tribunos da Doutrina Espírita de todas as épocas, o qual iniciava uma campanha de evangelização da infância, com as chamadas "Aulas de Moral Cristã". O Marechal Mário Travassos entusiasmou-se pelo assunto, colaborando muito nesse setor, sendo mesmo um dos pioneiros do movimento de evangelização da infância no meio espírita.

Orador fluente, era convidado constantemente para conferências no Rio de Janeiro e Estados vizinhos, pregando Doutrina Espírita e Evangelho. Deolindo Amorim o convidou para ser um dos professores do Instituto de Cultura Espírita do Brasil, no qual ministrou aulas de Doutrina por muitos anos. Foi Vice-Presidente da Cruzada dos Militares Espíritas, por anos seguidos e o iniciador das Semanas Maurícias. Idealizou o Dicionário Espírita, quando colaborava no Grupo Espírita "Regeneração", ministrando aulas de Doutrina Espírita, baseado em "O Livro dos Espíritos". Foi um dos expositores de um Círculo "de Cultura Espírita, que até hoje se realiza no Grupo Espírita "Discípulos de Samuel" em Aldeia Campista. No dia 30 de junho de 1953, juntamente com Luiz Antônio Mileco e Marcos Vinícius Teles, fundava a SPLEB "Sociedade Pró-Livro Espírita em Braille", realizando o seu primeiro anteprojeto de Estatuto. Durante 20 anos, foi o seu Presidente e membro vitalício de seu Conselho. Essa Sociedade tem por finalidade editar e distribuir gratuitamente livros espíritas em Braille, a todas as Sociedades de Cegos do Brasil, já tendo editado em Braile quase toda obra de Allan Kardec, exceto "Obras Póstumas" e a "Revista Espírita". Editou também, "O Consolador" de Emmanuel e "Biografias de Grandes Vultos do Espiritismo". Para o Braille, foram passadas várias obras espíritas, espiritualistas e de cultura geral, destinadas às bibliotecas das Sociedades. Em 1953, realizou o Primeiro Congresso de Cegos Espíritas, no Rio de Janeiro, o primeiro congresso nesse gênero de que se tem notí-

cias. Com o seu prestígio pessoal muito contribuiu para o desenvolvimento da SPLEB, inclusive dotando-a de sede própria.

O Marechal Mário Travassos era um idealista, amava Jesus com todas as veras de seu grande coração e procurava segui-lo através de Seu Evangelho de Amor Penalizado da prova dos cegos, desejando minorar-lhes os sofrimentos, dedicou-se de corpo e alma ao estudo do Braille, para que através da leitura das obras espíritas, principalmente dos livros da Codificação Kardequiana pudessem compreender a bondade infinita de Deus, e pela lei da reencarnação, descobrissem o porquê de suas deficiências físicas.

O seu corpo foi velado por parentes e amigos, além de uma guarda de honra constituída por Cadetes da Academia Militar de Agulhas Negras. Ao seu sepultamento compareceram inúmeros oficiais, generais e militares de várias categorias, grande número de representantes de Instituições Espíritas. Antes da saída do féretro, Luiz Antônio Mileco, seu companheiro de todas as horas, fez breve alocução exaltando as qualidades militares e espíritas do insigne confrade, terminando com sentida prece a Jesus, rogando amparo e luz, para o companheiro que partiu.



OLÍMPIA BELÉM

Nasceu na cidade de São Paulo de Muriaé, Estado de Minas Gerais, no dia 20 de julho de 1880, e desencarnou no Rio de Janeiro, a 26 de agosto de 1969.

Era filha de Herculano Gomes de Souza e D. Olímpia Júdice Gomes de Souza. Aos 12 anos de idade concluiu o seu curso primário, ingressando no famoso Colégio Americano Metodista, na cidade de Juiz de Fora, Estado de Minas Gerais. Foi aluna exemplar, muito querida por suas colegas e mestras, dedicada extremamente aos estudos e à observância dos preceitos da Igreja Luterana, a religião dos seus pais.

No ano de 1896, concluiu o seu curso. No dia 7 de maio de 1897 contraiu matrimônio com o jovem Olindo Belém, artista arrojado e pioneiro de numerosas iniciativas, sendo por isso citado nas crônicas de muitos jornais da época… Seu esposo era também da mesma religião e, quando aluno do Colégio Grambery, chegou a fazer pregações ao lado de famosos pastores protestantes. De seu casamento tiveram 15 filhos, 12 dos quais criaram-se e constituíram famílias, todos vindo, mais tarde a se tornar espíritas.

O seu matrimônio trouxe-lhe alegrias e vicissitudes. Passou a viver em várias cidades, dentre elas Belo Horizonte, Sabará, Cristais e Campo Belo. Investida da responsabilidade de acompanhar o esposo, via-se freqüentemente na necessidade de emi-

grar para outras regiões. Em 1921, estabeleceram-se definitivamente na cidade do Rio de Janeiro, onde as circunstâncias contrariaram frontalmente o estilo de vida do esposo, provinciano e sertanejo. Na antiga Capital Federal ele aquietou-se, vivendo de recordações do passado e dos dias de glórias vividos entre os mais preeminentes intelectuais e políticos do Estado de Minas Gerais. O contrário sucedeu com Olímpia Belém, que se transformou em mulher resoluta e dinâmica, tanto no lar, como no seio da sociedade.

Com a desencarnação de sua filha Oraiza, ela que já havia então tomado conhecimento da Doutrina Espírita, através dos livros da Codificação Kardequiana, teve a sua mediunidade desabrochada e passou a receber comunicações espirituais de sua amada filha. Procurou o Centro Espírita Cristófilo, no bairro do Catete, onde o famoso médium cego Porfírio Bezerra desenvolvia um trabalho doutrinário invulgar e também ministrava receitas de medicamentos, orientadas por Espíritos benfeitores.

Nessa instituição ela sentiu verdadeira inclinação para o Espiritismo, do qual se tornou adepta convicta. Portadora de mediunidade excepcional, dedicou-se com afinco à tarefa de amparar doentes e necessitados. A sua residência tornou-se, dentro em pouco, em verdadeiro refúgio para a pobreza do bairro, que ali ia em busca de remédios, de palavras de conforto, de roupas usadas, de agasalhos; todos passaram a procurar o concurso e a assistência de Da. Nena, como passaram a chamá-la carinhosamente na intimidade.

O seu trabalho de assistência social, impulsionou-a para uma situação de relevo, tornando-se grande benfeitora.da infância desvalida e da pobreza envergonhada, verdadeira missionária colocada a serviço de Jesus Cristo.

O seu trabalho, entretanto, expandiu-se sobremodo, de forma que era requisitada para proferir palestras e conferências em muitos Centros Espíritas do antigo Distrito Federal. Passou

a escrever para numerosos órgãos da imprensa espírita brasileira. Muitos dos seus artigos foram publicados nos tradicionais órgãos "Aurora", "Mundo Espírita", "A Centelha" e outros. Poetisa, produziu elevado número de poesias e sonetos, publicando-os na imprensa espírita. Deixou ainda quatro livros publicados, dentre eles dois romances mediúnicos: "Jerusa" e "Dolória", além de dois livros inéditos, um de poesias e outro de mensagens espirituais.

Passando a residir no bairro da Tijuca, ali fundou o Centro Espírita Discípulos de Jesus, pelo qual passaram numerosos espíritas preeminentes, como João Torres, Arthur Machado, Daniel Cristóvão, Depaula Machado, Ruth Santana (Diretora da Casa de Lázara), Aurino Barbosa Souto, Esmeralda Bittencourt e muitos outros. De lá saíram também outras instituições, tais como a União dos Discípulos de Jesus, sociedade que alcançou grande projeção quando foi dirigida por Nelson Batista de Azevedo. Em 18 de janeiro de 1937, fundou a obra assistencial de amparo à menina órfã e abandonada, a cuja tarefa Olímpia Belém dedicou toda a sua vida, tendo por lá passado, desde a sua fundação mais de 1.000 jovens.

Prevendo a sua desencàrnação, Olímpia Gomes de Souza Belém, escreveu e guardou dentro de um Evangelho, uma folha de papel encontrada posteriormente por sua filha Omariza Belém, hoje a sua substituta na direção da Casa, as seguintes palavras: "Ao morrer, meu corpo ficará as horas de praxe em humilde caixão, sobre a mesa do Centro dos meus trabalhos, pelos quais a tudo renunciei, exposto à visitação dos que se lembrarem de oferecer-me uma prece. Meu Espírito, por certo, estará bem longe, só Deus o sabe. A minha família e minhas filhas adotivas não deverão prantear-me, mas glorificar a Jesus, pela sua Divina Obra de Amor e Caridade, que permitiu à mais humilde criatura concretizar, em realidade, a grande e colossal obra de fraternidade, da qual fui idealizadora e para a qual renunciei à vida, com amor e devotamento".

Alguns dias antes de desencarnar escreveu suas últimas quadrinhas:

Ao mundo vim para sofrer
Só vivo carpindo a dor,
Mas me valerá morrer,
Em pura Missão de amor!

Amor, que me santifica,
Embora a outros contriste,
A dor que me purifica,
Para muitos não existe.



PIERRE-GAËTAN LEYMARIE

Nascido em Tulle, França, no dia 2 de maio de 1827, e desencarnado em Paris, no dia 10 de abril de 1901.

Pierre-Gaëtan Leymarie foi um dos mais destacados continuadores da obra de Allan Kardec. Foi um homem notável, que sempre se interessou pelos ideais nobres, tornando-se na época um ardente defensor dos ideais republicanos em sua pátria. Por ocasião do golpe de Estado de 1851, foi considerado inimigo do regime, sendo por isso exilado, sem contudo deixar de manter o mais íntimo contacto com correligionários do Partido proscrito, mantendo aceso o facho do seu idealismo.

Quando alcançou a anistia, regressou à França, dedicando-se ao comércio, no que não teve muito sucesso, mas, nem por isso deixou de manter absoluta integridade moral e escrupulosa probidade.

Integrando as fileiras espíritas, empolgou-se com seus nobilitantes ideais e, quando Allan Kardec iniciou a publicação da *Revue Spirite* e das obras fundamentais do Espiritismo, dando início às sessões de estudos e experimentações, contou com o incondicional apoio de Leymarie, o qual se tornou um dos seus mais assíduos assessores.

Pouco antes da sua desencarnação, Allan Kardec lançou as bases de uma Sociedade Anônima, de capital variável, à qual

legaria os seus bens, tudo com o objetivo básico de assegurar a difusão metódica do Espiritismo. Leymarie foi um dos primeiros a integrar-se na sociedade, da qual se tornou administrador dois anos após a desencarnação do Codificador. Nessa época passou também a exercer os cargos de redator-chefe e diretor da *Revue Spirite*.

Durante trinta anos, no atribulado período que se seguiu ao decesso de Kardec, quando o Espiritismo era encarado com reservas, sendo alvo de zombarias e inconcebíveis ataques, Leymarie manteve-se em luta constante, proclamando bem alto os nobres ideais da Terceira Revelação, fazendo-o através das páginas da *Revue Spirite* e da palavra falada.

Quando seu amigo Jean Macé pretendeu fundar a Liga do Ensino, teve em Leymarie e esposa dois sustentáculos e colaboradores, podendo-se mesmo afirmar que a residência do casal foi o berço daquela idéia. A *Revue Spirite* se tornou em órgão de divulgação de todos os ideais nobres de cunho humanitário, moral e espiritualista. Os trabalhos encetados na Inglaterra por "Sir" William Crookes tiveram na revista a melhor acolhida e o próprio Leymarie fez experiências com um médium fotógrafo, obtendo uma série de fotos que foi publicada em suas páginas.

Nessa época foi vítima dos detratores do Espiritismo, quando o fotógrafo Buguet, fazendo uso de meios fraudulentos na obtenção de fotografias de Espíritos, é processado pelo Ministério Público. Aos 16 de junho de 1875, Leymarie e Firman foram também envolvidos no processo, em vista dos laços de amizade que mantinham com Buguet, e desta forma julgados coniventes na fraude.

Depoimentos distanciados da verdade, expressos pelo próprio Buguet, originaram a condenação dos três. Recorrendo-se então a instâncias superiores, Buguet e Firman conseguiram a liberdade, o primeiro passando a residir na Bélgica e o segundo

graças à interferência de altas autoridades. Leymarie, por sua vez, elaborou notável Memória à Corte Suprema, atestando, perante a sua consciência e de seus filhos, a sua inocência, mostrando-se confiante na decisão final daquele tribunal.

Roído pelo remorso, Buguet escreveu ao Ministro da Justiça dando insofismável testemunho sobre a inocência de Leymarie, acrescentando que, embora muitas das fotos fossem verídicas, devido ao desconhecimento que tinha da Doutrina Espírita, praticava a fraude, quando não as conseguia com sua mediunidade. Em sua carta ele afirmou: "Lastimo, pois, haver dito, na minha fraqueza, o contrário da pura verdade, renunciando eu à minha mediunidade e pedindo perdão a Deus por esse ato que deploro, pois, que ele serviu para incriminar um homem probo, cuja boa fé se tornou suspeita em face das minhas afirmações". ,

Amèlie Boudet, viúva de Allan Kardec, apesar de sua avançada idade, atuou no processo como testemunha. Cartas de solidariedade de todo o mundo foram enviadas a Leymarie. A "Sociedade para a Continuação das Obras Espíritas de Allan Kardec" recebeu manifestações de simpatia de vários países, inclusive do Brasil, partindo elas tanto dos encarnados como dos desencarnados.

Apesar de todo o empenho e de tantas declarações e testemunhos abonadores, Leymarie foi condenado a um ano de prisão celular. Um pouco mais tarde, anulada a sentença condenatória, o infatigável discípulo de Kardec voltou às atividades, retomando a direção da *"Sociedade"* e da *Revue Spirite.*

No ano de 1878, Leymarie organizou também uma sociedade de estudos psicológicos, congregando em torno dessa sociedade homens de renomada projeção. No seio dessa sociedade foram analisadas obras de Cahagnet, da doutrina de Swedenborg e outras. A mediunidade e o magnetismo animal eram objeto de estudos constantes.

Graças à ação de Leymarie, as obras de Allan Kardec foram traduzidas para vários idiomas. Conferências são programadas, Leymarie efetuou várias viagens à Bélgica, Espanha e Itália, difundindo ali os consoladores ensinamentos da Doutrina dos Espíritos.

Participou, como delegado, do I Congresso Espírita de Bruxelas. No ano de 1888, foi eleito para ocupar uma das presidências do Congresso Espírita de Barcelona. Por ocasião da realização deste último certame, foi lida comovente moção de gratidão enviada da prisão de Tarragona, por um grupo de condenados a trabalhos forçados, convertidos à fé espírita.

Em 1889, Leymarie organizou o I Congresso Espírita de França, esquivando-se, no entanto, de ocupar cargos de relevância, aceitando apenas a vice-presidência de uma das comissões. Em 1898, ele enviou ao Congresso Internacional dos Espiritualistas de Londres, um trabalho particular versando sobre *Evolução e Revelação.*

Leymarie foi assim fervoroso propagandista da Doutrina. Sua fé profunda fez dele abalizado orador espírita e apreciado escritor. Conseguiu pela firmeza de seus ideais atrair a simpatia e a admiração de muitos pensadores da época. Foi um homem desinteressado, sensível e profundamente honesto, foi grande em sua singeleza.

Sua esposa, Marina, mulher admirável, vinte anos mais moça que o marido, deu-lhe sempre a máxima cooperação. Quando ele foi processado, ela escreveu, em 1875, a admirável memória "Procés des Spirites", que se tornou precioso documento para a história do Espiritismo. Ela foi a sucessora do esposo na direção da *Revue Spirite* e da Livraria Espírita, e nesse trabalho esteve durante três anos e pouco, ou seja, até a data da sua desencarnação, ocorrida em 29 de setembro de 1904.



PROF. RAMIRO GAMA

Nascido no dia 27 de dezembro de 1898, em Tristão da Câmara, distrito de Petrópolis, Estado do Rio de Janeiro, e desencarnado no dia 20 de maio de 1981, na cidade do Rio de Janeiro.

Ramiro Gama nasceu filho de José Rodrigues de Araújo Gama e Gertrudes Pereira de Souza Gama. Era casado com Maria José Costa de Oliveira Gama, de cujo casamento nasceram três filhos: José Vicente (desencarnado), Ramiro, oficial da Aeronáutica, e Djalma, advogado, deixa também nove netos e uma filha adotiva, Sônia. Era aposentado da Estrada de Ferro Central do Brasil, no cargo de Professor.

Jornalista, escritor, poeta, conferencista e espírita dos mais atuantes. Participou de inúmeros Congressos e outros eventos espíritas, foi o criador das Semanas Espíritas, em 1939, na cidade de Três Rios, juntamente com a inesquecível Rita Cerqueira (Mãe Ritinha) e outros companheiros. A primeira Semana Espírita de que se tem notícia, com a participação de Leopoldo Machado, Carlos Imbassahy, Manoel Quintão, Jacques Aboab, Sebastião Lasneau e tantos outros.

Deixou vinte livros publicados: "Estuário", "Augusto dos Anjos", "História de um Coração", "Português em 20 lições", "O meu fanal", "Lindos Casos de Chico Xavier", "O Bom Pas-

tor", "De Irmão para Irmão", "Lindos Casos de Bezerra de Menezes", "Teatro Espírita" (2 volumes), "Evangelho e Educação", "Viagem ao Norte e Nordeste Espírita", "Lindos Casos do Evangelho", "O Amor de Nossas Vidas", "Seareiros da Primeira Hora", "Irmãos do Bom Combate", "Os Mortos estão de Pé", "Lindos Casos de Mediunidade Gloriosa", "Faz isso e Viverás". Deixou mais de 10 livros inéditos. Colaborou com quase toda a Imprensa Espírita do País e várias do Estrangeiro. Participou de inúmeros programas de Rádio e fundou o jornal "O Nosso Guia", já extinto. Viajou por quase todo o Brasil a serviço do Espiritismo.



RITA CERQUEIRA

Nasceu a 29 de abril de 1888, em Augustura, Distrito de São José, Além-Paraíba, Estado de Minas Gerais, e desencarnou em Três-Rios Estado do Rio de Janeiro, a 06 de abril de 1951.

Desempenhou uma mutiplicidade de cargos e encargos, como Diretora da Lar "Manoel Pessoa de Campos", e do Grupo Espírita "Fé e Esperança", na qualidade de Diretora de Assistência aos Necessitados. Foi também orientadora da Mocidade Espírita "Bezerra de Menezes", arregimentando os moços para o trabalho de caridade, incentivando-os para o conhecimento doutrinário-evangélico. Era procurada diariamente por uma multidão de aflitos cujos problemas procurava solucionar satisfatoriamente, através de suas palavras evangelizadas e persuasivas. Ao seu espírito perseverante e realizador devem-se grandes empreendimentos na cidade de Três-Rios, em vários setores de atividade.

Era descendente do Almirante Saldanha Marinho, que foi advogado de renome, deputado estadual por várias legislaturas, grande político do século passado, escritor e grão-mestre da Maçonaria, desencarnado em 1895.

Ficou órfã de pai aos nove anos de idade, passando a viver sob a tutela de sua avó materna, D. Raquel Saldanha Marinho,

grande educadora, austera e boa, que exercia o magistério em Além-Paraíba. Sua avó desenvolveu na menina Ritinha sentimentos elevados, o amor aos seus semelhantes e a fé inabalável em Deus.

Bem menina ainda, conheceu o jovem Francisco Ferreira de Cerqueira, com ele contraindo matrimônio aos 18 anos de idade. Em 1910, transferiram-se para a cidade de Três-Rios, radicando-se ali, jamais pensando em residir em outra parte. Seu esposo, alma pura e simples, amava-a de coração e uniram-se no trabalho dignificante, ajudando-se mutuamente, nas tarefas do Bem. Foi exemplar servidor da Central do Brasil, estimado e considerado por seus chefes e colegas. Verdadeiro chefe de família, como esposo e pai, soube cumprir os deveres do verdadeiro espírita, integrado nos postulados cristãos.

Tiveram sete filhos, dos quais um desencarnou com um ano de idade, criando-se os restantes, todos dentro dos princípios da Doutrina Espírita.

D. Rita Cerqueira, enviuvou em 1928, ficando com todos os seus filhos menores de idade. José Ferreira de Cerqueira, o mais velho, já um rapazinho, foi o esteio da família. A fé inabalável de D. Ritinha e o comportamento e união dos filhos fizeram com que fossem vencidas todas as dificuldades e em pouco tempo tudo se tornasse paz e tranquilidade naquele abençoado lar cristão.

Sua vida como espírita não foi menos grandiosa:

— Por volta de 1918, foi acometida de uma enfermidade, para a qual a medicina não encontrou solução, chegando a ser desenganada por junta médica. Toda a sua família ficou desesperada e inconsolável, somente ela não perdia a esperança, recomendando fé em Deus, porque em breve haveria de sarar. Nessa altura, teve conhecimento da existência de um médium espírita em Porto Novo da Cunha. Cheia de fé e animada da

certeza que Deus haveria de curá-la, pediu ao esposo fosse consultá-lo, naturalmente inspirada pelos amigos espirituais. Francisco Cerqueira, com o coração partido de dor, já desesperado pelos resultados médicos, foi buscar a receita. De volta, trouxe consigo remédios homeopáticos, ervas e a recomendação para que lhe fossem ministrados passes, pois a sua doença, segundo o guia espiritual do médium, era de origem espiritual. Confiantes, seguiram à risca todas as instruções recebidas e as melhoras não se fizeram esperar, ficando boa em poucos dias.

Dessa data em diante ocorreram os primeiros fenômenos mediúnicos, com aquela que seria mais tarde grande médium, consagrando toda sua vida aos menos afortunados, não só no exercício da Mediunidade, como em outros meios facultados pela Doutrina. Certo dia sente-se inopinadamente fora do corpo físico; vê, conversa com todos, porém não se apercebe de seu próprio corpo. Após momentos de ansiedade, compreendeu que seu Espírito se exteriorizara e era preciso regressar ao envoltório carnal. Nesse momento rogou a Deus com todas as forças de que dispunha que a fizesse regressar ao corpo, porque tinha uma missão a cumprir, além daquela de esposa e mãe, e no mesmo instante voltou ao normal.

No dia seguinte, procurou o Centro Espírita, presidido pelo Professor Alexandre José Lacerda, desenvolvendo-se de forma bastante rápida o dom da mediunidade, comunicando-se por seu intermédio um amigo espiritual de grande elevação, que cientificou a todos da grande tarefa que ela tinha pela frente. Rita Cerqueira, exuberante de alegria, regressou ao lar, certa de que dali por diante poderia ser muito mais útil aos seus semelhantes.

Nessa mesma noite, foi provada a sua fé. Foi chamada para socorrer uma enferma em grande sofrimento e aflição. Não se recusou, confiante em Jesus e, à beira da cabeceira do doente, impôs suas mãos e o seu pensamento em prece, recebeu a ajuda

do Alto. Quando dali saiu, deixou em paz aquele lar onde até então reinava desespero e apreensão. Daí por diante, sua mediunidade desabrochou ostentivamente no campo da cura sendo intermediária entre a Terra e o Céu. Muito estudiosa, tomou conhecimento das obras doutrinárias, principalmente de Kardec, em companhia dos companheiros do Centro, como Prof. Alexandre J. Lacerda, Marcelina Chaves, Eliezer Fonseca, Manoel Gonçalves e Manoel Pessoa de Campos, incansáveis trabalhadores que deixaram seus nomes registrados de modo indelével naquela cidade.

Com seu esposo foi o amparo de multidões de aflitos e deserdados da sorte, que tiveram em seu coração, o remédio, o amparo e a consolação. Fez parte das diretorias de duas instituições CE. "João Baptista" e CE. "Fé e Esperança", prestando valiosos e inestimáveis serviços à causa, sendo ela por assim dizer, o ponto de convergência dos espíritas locais. Em 1922, pelo seu desprendimento e espírito de trabalho, houve a fusão das duas entidades, ampliando-se o CE. "Fé e Esperança", em cuja diretoria ficou integrada até o final de sua romagem terrena.

Em 1930, funda-se o Lar "Manoel Pessoa de Campos", instituição de amparo a crianças do sexo feminino, cuja primeira diretora foi d. Helena Chaves Arneiro. Em 1940, motivado por um período de licença da referida diretora, D. Ritinha a substituiu no cargo, ocupando-o com grande eficiência, dedicação e carinho. Em 1927, o Dr. Walter Gomes Franklin, médico parteiro residente naquela cidade, solicitou à Diretora do CE. "Fé e Esperança", autorização para instalar dois leitos para parturientes, em uma de suas salas. Obtida a autorização, ficou ali funcionando, de forma precária, até o ano de 1935, quando foi oficialmente fundada uma Maternidade com instalações mais adequadas. Com a desencarnação do Dr. Walter Franklin, em

7 de novembro de 1953, o seu nome foi dado àquele estabelecimento.

A palavra de Rita Cerqueira era eloqüente e esclarecedora, pois ela possuía notável poder persuasivo, sendo por isso muito apreciada por todos os espíritas. A sua predileção pendia para temas evangélicos, conseguindo dar interpretações claras às parábolas de Jesus Cristo. Em sua oratória fazia salientar a necessidade da prática do amor ao próximo, dando também muita ênfase a temas que versassem sobre a fé, a esperança, a bondade e, sobretudo, a caridade. O seu exemplo maravilhoso levou muita gente ao Espiritismo. Os seus conselhos eram acatados por todos, pois era dotada de elevado senso de responsabilidade e sabia, com raro tirocínio, fazer restabelecer a paz nos lares, serenar os ânimos e reatar a amizade entre pessoas que se consideravam desafetas.

Quando de sua desencarnação, por decreto municipal, foi declarado luto oficial por três dias "por motivo do falecimento da ilustre dama trirriense e grande benfeitora da infância desamparada, ocorrido no dia 6 de abril de 1951, nesta cidade". O seu nome foi dado a uma das ruas centrais de Três-Rios.



ROLANDO MÁRIO RAMACCIOTTI

Nascido em Bauru, Estado de São Paulo, a 17 de novembro de 1913 e desencarnado em São Paulo, no dia 13 de dezembro de 1979.

Rolando Mário Ramacciotti foi valoroso obreiro espírita, grande divulgador do livro, destacando-se sempre por sua extrema dedicação e fidelidade ao famoso médium Francisco Cândido Xavier. Homem de atitudes corajosas e firmes, o que fazia quando se tratava da defesa do livro espírita e da divulgação da obra daquele medianeiro. Em seu idealismo promoveu numerosas e magníficas tardes-noites de autógrafos, todas elas perfeitamente organizadas, com resultados que superaram quaisquer expectativas.

Foi fundador do GEEM — Grupo Espírita Emmanuel Sociedade Civil Editora, sediada em São Bernardo do Campo, Estado de São Paulo, onde foram publicadas obras que primam não somente pelo admirável aspecto gráfico e bom gosto, mas também pela acessibilidade do preço, com o que conseguia promover eficiente divulgação da literatura psicografada por aquele médium mineiro.

No ano de 1976 fundou, nas proximidades do GEEM, o Centro Espírita Maria João de Deus, homenageando assim o Espírito da genitora de Francisco Cândido Xavier, instituição

essa que vem, desde então, prestando inestimável serviço à divulgação do Espiritismo.

A obra de propaganda espírita desenvolvida por Ramacciotti, abrange cerca de 500.000 exemplares. O livro *Calma*, do Espírito Emmanuel, inegavelmente um dos mais belos trabalhos psicografados por aquele sensitivo em 1979, foi uma das últimas publicações da GEEM.

—oOo—

Transcreveremos a seguir uma página de autoria do Dr. Caio Ramacciotti, filho de Rolando, na qual é traçado o perfil do grande seareiro:

"A lacuna deixada por sua partida é irreparável e sua ausência envolveu a todos que com ele conviveram — esposa, oito filhos, amigos e colaboradores, numa esteira de indizível saudade.

Rolando Mário Ramacciotti fundou e dirigiu até o seu falecimento duas instituições irmãs: o GEEM — Grupo Espírita Emmanuel Sociedade Civil Editora e o *Nosso Lar* — Instituição Filantrópica de Amparo à Criança, sediadas em São Bernardo do Campo. A elas dedicou sua vida em tempo integral, com o sacrifício absoluto do lazer e dos gratos momentos de convivência com os familiares — esposa, filhos, genros, noras e netos — pequena grande comunidade que amou e serviu com carinho e nobreza.

Renunciando a si mesmo, em dedicação total à causa de Nosso Senhor Jesus Cristo, amparou crianças órfãs, mães viúvas, famílias carentes, enfermos de toda a sorte, enfim, de companheiros necessitados que nele encontraram o benfeitor de todas as horas, em mais de quatro décadas de identificação plena com a Doutrina Espírita.

No campo da divulgação, com o lançamento do primeiro livro editado pela GEEM — *Mais Luz,* deu nova roupagem ao livro espírita, abrindo-lhe novos mercados e definindo-lhe novos padrões de comercialização.

Durante os últimos vinte anos, imprimiu milhares e milhares de mensagens psicografadas por Chico Xavier, veiculadas nos derradeiros treze anos, através de revista *Comunicação,* adrede fundada. De *Mais Luz* até *Sinais de Rumo,* editou GEEM vinte e um livros de Francisco Cândido Xavier. Seu amor e dedicação à divulgação do Espiritismo são sobejamente reconhecidos por todos quantos puderam sentir-lhe mais de perto a grandeza da alma generosa e boa.

Administrador austero, de larga visão, sua obra, seja no campo assistencial, seja na área da divulgação espírita, ombreia cora o trabalho dos grandes apóstolos de nossa Doutrina em terras brasileiras.

Desapareceu aos 66 anos de nosso convívio mais direto. Pai generoso, esposo amigo, levou consigo entre tantas conquistas, a certeza do dever cumprido, certamente a sua maior alegria: foi amigo incondicional de Chico Xavier.

Deus o proteja, Rolando, inspirando-o sempre para que você, pai e amigo, nos inspire também no desdobramento das tarefas que com tanta abnegação semeou e cultivou na Terra."

—oOo—

Conhecemos Rolando Mário Ramacciotti nos idos de 1933-1934, quando morávamos numa república e trabalhávamos para uma grande empresa norte-americana. Nesse tempo ele ainda não era espírita, mas já demonstrava seus dotes morais e sua inclinação para as coisas sérias, revelava ser um homem dinâmico e realizador. Posteriormente ele transferiu-se para uma cidade do interior paulista, onde se tornou espírita e construiu uma

grande obra assistencial. Tornamos a encontrá-lo, já espírita, quando ele vinha a S. Paulo e comparecia à sede do Centro Espírita Caminho de Damasco. Visitamos esse grande amigo quando ele residia em São Bernardo do Campo, logo que fundou o *Nosso Lar*. Dali por diante sempre acompanhamos a sua obra missionária de divulgação do Espiritismo, o que ele também fazia através de um renomado programa radiofônico, patrocinado pela GEEM e fruto do seu idealismo.

Ramacciotti foi, pois, um lídimo seareiro da Doutrina dos Espíritos, uma vez que é pelo fruto que se conhece a árvore.



PROF. ROMEU DE CAMPOS VERGAL

Nascido em Serra Negra, Estado de São Paulo, no dia 2 de maio de 1903 e desencarnado na mesma cidade, no dia 23 de julho de 1980.

Era filho do Coronel Constantino Vergai e de D. Amélia Ferraz de Campos Vergal. Fez o seu curso primário na cidade onde nasceu e, em seguida, transferiu-se para São Paulo, onde completou o seu aprimoramento, fazendo os cursos secundário, de admissão ao magistério e de jornalismo, tornando-se lídimo profissional dessas duas últimas categorias. Tornou-se ainda Escrevente juramentado de Cartório, tendo exercido essa atividade até a data da sua aposentadoria.

Firmou-se como figura respeitável e bastante acatada nos círculos políticos e nas altas rodas sociais. Soube contribuir com a sua inteligência e seu esforço em favor das causas populares. Homem de elevado aculturamento e dotado de apreciável grau de humildade, jamais deixou que as glórias do mundo ofuscassem o seu desvelado amor pelos pequeninos e desajustados da Terra.

Foi Deputado Estadual, de 1935 a 1937, na Assembléia Legislativa do Estado de S. Paulo. Deputado Federal em várias legislaturas, no período de 1946 a 1970, tendo iniciado persistente trabalho com vistas às reformas sociais que se tornavam imprescindíveis na época. Pertenceu inicialmente ao quadro do

extinto Partido Socialista, porém, posteriormente ingressou no Partido Social Progressista. Como representante desse Partido, exerceu a liderança na Câmara dos Deputados, no período de 1946 a 1950.

Foi o autor do conhecido *Projeto Campos Vergai,* que preconizava a instituição da Cadeira de Parapsicologia nas Universidades, com o objetivo de propiciar o estudo dos fenômenos extrasensoriais. Campos Vergai era portador de elevado número de títulos honoríficos e comendas. Foi membro honorário e era portador de diploma de mérito da Academia de Letras do Distrito Federal (Rio de Janeiro), Presidente do Banco Agro-Industrial de São Paulo, Patrono dos Tesoureiros e Auxiliares de Tesoureiros da Delegacia Fiscal do Tesouro Nacional, de S. Paulo. Foi um político na verdadeira acepção da palavra, mantendo-se sempre dentro da mais estrita linha de honestidade e de probidade.

Ainda bastante jovem ingressou no Espiritismo, tomando parte saliente, no ano de 1936, na fundação da União da Mocidade Espírita de S. Paulo. No campo da imprensa espírita fez a sua estréia, no ano de 1937, no tradicional órgão "A Aliança", de S. Paulo, dirigido pelo Prof. Sebastião Maggi da Fonseca. Militou nos quadros diretivos da União Federativa Espírita Paulista, tornando-se, em 1941, o Diretor-Presidente da Sociedade Rádio Piratininga, PRH-3, a qual lançava ao ar diariamente o "Programa Radiofônico Espírita Evangélico do Brasil". Tanto na União Federativa como na extinta Rádio Piratininga, desenvolveu incessante campanha em prol da divulgação da Doutrina dos Espíritos, atuando ao lado de grandes vultos espíritas do passado, dentre eles Pedro de Camargo (Vinícius), Benedito Godoy Paiva, Antenor Ramos, Caetano Mero e outros.

De sua bibliografia destacamos: "Reencarnação ou Pluralidade das Existências", "Levanta-te e Caminha" e "Bandeirantes da Imortalidade", obras essas de cunho espírita, entretanto, foi

também autor dos livros "Ubururetama" e "O Conde de La Rose", ambos coletâneas de contos, o primeiro de fundo indianista e o segundo de caráter histórico.

Nas décadas de 1930 a 1950, tornou-se um dos mais destacados e requisitados oradores espíritas, tendo a oportunidade de ocupar a tribuna de centenas e centenas de instituições espíritas, nos Estados de Minas Gerais, Rio de Janeiro, Paraná e São Paulo, tendo mesmo participado da fundação de muitas dessas entidades. A sua palavra era muito acatada e o seu nome foi dado a algumas Casas assistenciais, em Minas Gerais e Rio Grande do Sul.

No ano de 1977, já bastante enfermo e quase sem poder locomover-se, tomou parte na solenidade comemorativa do 40.° aniversário de fundação do "Centro Espírita Deus e Caridade", de São Paulo, dando uma inequívoca demonstração do seu acendrado amor à Doutrina. O seu gesto teve elevada repercussão e todos os participantes da reunião tiveram a oportunidade de estreitá-lo ao coração.

De todos os numerosos títulos que havia recebido, o que mais prezava era o de *espírita-cristão,* pois ele considerava o Espiritismo como autêntica mensagem do Céu à Terra, como uma doutrina dinâmica, suscetível de equacionar os milenares e angustiantes problemas que assolam a Humanidade, por isso, Vergai muito fez para que os homens se reencontrassem e vivessem em perene estado de fraternidade e de amor.



SARAH MORAIS

Sarah Morais, nasceu no dia 13 de julho de 1888, na cidade de Uruguaiana, Estado do Rio Grande do Sul.

Desencarnou em 11 de julho de 1932.

Foram seus pais Godofredo Velloso da Silveira e D. Bernardina Silveira. Consorciou-se com Josefino da Silva Morais, cujo matrimônio durou 28 anos e do qual não tiveram filhos.

Para os seus irmãos, em número de oito, sempre dispensou carinho, amparo e sustentação, visto ser a irmã mais idosa da família. Esposa, filha, irmã e amiga, sua dedicação era uma perene demonstração do elevado grau de espiritualidade assumido, a tudo atendendo com a máxima solicitude e altruísmo. Em todos os seus atos, mesmo nos mais singelos, deixava transparecer a grandeza de sua alma de escol, não permitindo que seus gestos de abnegação fossem enaltecidos ou mesmo percebidos por aqueles a quem servia, pois se considerava obrigada a dar de si, sem que lhe devessem gratidão ou reconhecimento.

Tornando-se espírita, encontrou dentro da Doutrina as mais belas e elevadas oportunidades de servir ao próximo, servindo dessa forma ao nosso Pai Celestial.

Fundando a Instituição Legionárias de Maria, na cidade do Rio de Janeiro, a 5 de janeiro de 1928, sociedade de socorro à

pobreza envergonhada, ela se tornou, para seus companheiros de lides espiríticas, o exemplo vivo, do maior objetivo que o ser humano pode realizar na Terra: servir ao próximo, procurando despertá-lo para os surtos do progresso espiritual, não só através de palavras, mas com o exemplo nobilitante de atos de superioridade moral — amando muito, perdoando sempre, auxiliando o seu semelhante, no lar, na comunidade espírita e em muitas e variadas fases da vida no mundo. Envolvia a todos que dela se aproximavam na aura irradiante de sua fé inquebrantável, incutindo-lhes a certeza da imortalidade da alma e da existência de um Pai que preside a todas as coisas, fazendo-o através de palavras penetrantes e esclarecedoras, fundamentadas no exemplo que sabia tão bem propiciar.

Apesar de bastante enferma e com o corpo minado por insidiosa moléstia que a consumia, subia religiosamente, todas as semanas, a ladeira de um hospital em Cascadura, para levar alento, conforto, esperança e fé a uma multidão de criaturas abandonadas, que jaziam no isolamento daquele nosocômio, prestes a abandonar a vida terrena. Suas palavras, impregnadas de sinceridade e com base nos ensinamentos evangélicos, envolviam a todos os seres carentes de sustentação espiritual na hora da desencarnação. Quantas cenas edificantes e maravilhosas se passaram naquele ambiente de dor, esquecido pela maioria dos homens! Só Deus poderá julgar e avaliar o trabalho extraordinário dessa extraordinária mulher.

Desejosa sempre de ver o progresso do seu semelhante, incentivava muitas pessoas a comparecerem às explanações doutrinárias nas sessões de estudos do Centro Espírita "Fernandes Figueira", em Todos os Santos, sob cujos auspícios foi criada a Instituição Legionárias de Maria, quando na sua presidência estava o confrade José Manoel Teixeira, já desencarnado.

Sarah Morais, via em cada ser que socorria, em especial nas assistidas da Instituição, criaturas ligadas ao seu coração

pelos laços espirituais e com imenso carinho dirige-as ao rebanho do Divino Pastor.

Possuía múltiplos dons mediúnicos, principalmente a psicografia, conseguindo receber quantidade apreciável de sonetos, poesias, quadras e mensagens que a todos enlevavam pelo cunho evangélico e espiritual que continham.

Nos últimos anos de sua existência terrena, esqueceu-se totalmente de si, consagrando-se devotadamente ao serviço de amparo ao próximo. Incompreendida, como acontece com todos os que têm algo de superior a realizar na Terra, foi objeto de censuras e críticas por parte daqueles que não podiam alcançar a sublimidade da missão que lhe coubera por partilha, em sua jornada terrena. Jamais se queixava das dores físicas ou morais, pelas quais passava, respondendo sempre quando inquirida: "Vou melhor do que mereço". Desta forma passou por este mundo sem jamais dar qualquer demonstração de fraqueza, pois, mesmo em seu leito de dor ainda conseguia dispensar conselhos e orientação para todos aqueles que buscavam soluções para seus problemas íntimos.

No dia 11 de julho de 1932, desencarnou essa denodada seareira espírita deixando por escrito várias disposições que deveriam ser tomadas, dentre elas: de não velarem o seu corpo que deveria ser costurado num lençol e sair do próprio quarto onde desencarnasse para o túmulo; não desejava preces pagas nem flores compradas, preferia que oferecessem os valores das mesmas para os pobres; que ninguém usasse luto, pois tinha a certeza plena de que uma nova vida a aguardava, onde poderia continuar as tarefas iniciadas na Terra, quando poderia concretizar seu sonho no infinito campo da caridade cristã.



SEBASTIÃO LASNEAU

Nascido em Barra de Piraí, Estado do Rio de Janeiro, no dia 12 de novembro de 1900, e desencarnado na mesma cidade, no dia 30 de março de 1969.

Sebastião Lasneau era poeta, repentista e trocadilhista, fazia versos de improviso e qualquer motivo lhe sugeria um tema. As *Semanas Espíritas* de várias cidades dos Estados do Rio de Janeiro, Minas Gerais, São Paulo, Espírito Santo e outros, não estavam completas sem a sua presença. Dava expansão à rima e ao ritmo, registrando sempre a presença dos confrades espíritas em quadrinhas que recitava com muita verve.

Seus pais foram Evilásio Antônio Lasneau e Etelvina Santos Lasneau. Iniciou sua vida profissional trabalhando em algumas empresas existentes nas cidades de Paracambi e Mendes (Estado do Rio de Janeiro), passando posteriormente a trabalhar na Estrada de Ferro Central do Brasil, onde permaneceu durante cerca de vinte anos, aposentando-se por invalidez. Nessa ocasião exercia às funções de cabineiro na Estação de Sant'Ana da Barra.

Lasneau casou-se em primeiras núpcias com Augusta Dias Lasneau e com ela conviveu durante cerca de sete anos, quando inesperadamente ficou viúvo, com dois filhos em tenra idade.

Algum tempo depois, casou-se, em segunda núpcias, com Olívia Lasneau, que se tornou mãe carinhosa para seus filhos e esposa dedicada durante trinta e seis anos.

Nenhum de seus biógrafos registrou o motivo pelo qual ele se tornou adepto do Espiritismo. Consta que, em 1944, ingressou no quadro social do Grêmio Espírita de Beneficência de Barra do Piraí, a cuja instituição dedicou a maior parte de sua vida. Foi eleito seu presidente na gestão de 1954, e vice-presidente em 1955, tendo cedido à causa espírita, todo o tempo que tinha disponível.

Passou por uma expiação dificílima: atacado de glaucoma, perdeu completamente a visão. Era diabético e sofria horrivelmente do fígado. Teve polinevrite com dores lancinantes causadas pelo glaucoma. Acometido de todas essas enfermidades, jamais lamentava-se, rogando sempre a Deus para que lhe concedesse forças para lutar por um mundo melhor. Lançou mãos de todos os recursos que a Medicina da época lhe facultava, sem qualquer resultado positivo. Por fim, a conselho de amigos, foi a Caratinga (Minas Gerais), e, na Fazenda Eureka, de propriedade de confrades, submeteu-se a uma intervenção mediúnica, realizada por Espíritos materializados. Não conseguiu recuperar a visão, porém desapareceram todas as dores que sofria no globo ocular.

Além de poeta, foi excelente expositor de temas doutrinários do Espiritismo, tendo realizado apreciável tarefa no campo da divulgação doutrinária. Proferiu grande número de palestras em instituições espíritas do Estado do Rio de Janeiro. Aproveitava sempre o trajeto de suas viagens para elaborar quadrinhas primorosas, com temas evangélicos e doutrinários, a fim de brindar o público ouvinte.

Teve sempre a melhor boa vontade para com os novos poetas, a todos ensinando, corrigindo e incentivando. Escreveu o jornalista Dr. Agnelo Morato, da cidade de Franca (SP),

numa crônica estampada no jornal "A Nova Era": "Foi extraordinário animador do movimento moço nas fileiras espíritas e seus versos representavam incontido estímulo e incentivo ao bom ânimo de todos os sofredores. Conhecia a *matemática do tempo;* na sua marcha milenar, vai pondo os dias sobre os dias, anos sobre anos, vida sobre vida, na sua eterna conta de somar. Todo ele se expande em ritmos e sonoridade, revelando fé raciocinada, consolações que obteve ao abeberar-se na fonte de sabedoria espírita, um dos nossos melhores poetas e prosadores."

Com enorme dificuldade, conseguiu editar alguns livros de sua autoria, os quais tiveram os seguintes títulos: "Pôr do Sol", "Versos para Eva Musa", "Versos para a Mocidade", "Poemas de Barra do Piraí", "Espiritismo em Três-Rios", "Cancioneiros da Fraternidade", "Almas que Cantam" e "Quadras a Completar". Deixou ainda alguns livros inéditos, intitulados: "Roseiral de Luz", "Eterna Canção", "Poemas das Origens", "Amizade Inter-Planos" e mais um sem-número de trabalhos, os quais, se colecionados, formariam outros tantos livros.

Sebastião Lasneau dedicou-se também ao jornalismo. Foi redator de vários jornais, inclusive do "Jornal do Povo", de Barra do Piraí. Escrevia crônicas e poesias, conforme se pode ver nas edições do jornal, referentes ao ano de 1941. Musicou alguns de seus versos e fez várias paródias espiritualizadas de músicas famosa da época, as quais eram muito cantadas nos movimentos de mocidade. Foi autor do "Hino do Cinqüentenário de Barra do Piraí". Foi patrono do Ginásio Estadual "S. José". Recebeu o título de cidadão Guaraniense, na cidade de Guarani (Minas Gerais). Foi juiz de vários concursos de poesias, inclusive da 1ª CONJEB (I Confraternização de Mocidades Espíritas do Brasil), realizada em Marília (Estado de S. Paulo), certame levado a efeito no ano de 1965.

Após a sua desencarnação, como homenagem póstuma, foi eleito Patrono do "Círculo dos Missivistas Amigos", um movi-

mento fraterno que promove a correspondência entre pessoas livres e encarceradas, em todo o Brasil. Participou também de vários concursos, em jogos florais, realizados na cidade de Taubaté (SP), Nova Friburgo (RJ) e outras cidades, ganhando inúmeros certificados.

Sebastião Lasneau foi, portanto, um dos grandes vultos espíritas, cuja obra teve por cenário numerosas cidades do Estado do Rio de Janeiro e de outros Estados da região Centro-Sul do Brasil, fazendo-o através de uma participação efetiva e constante, em todas as grandes realizações que eram efetuadas em prol da divulgação da Doutrina dos Espíritos, tornando-se, por isso, uma personalidade querida e requisitada por todos.



DR. SILVINO CANUTO ABREU

Nascido em Taubaté, Estado de São Paulo, no dia 19 de janeiro de 1892, e desencarnado em São Paulo, no dia 02 de maio de 1980.

Formou-se em Farmácia aos 17 anos de idade, pela Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, na qual também concluiu, em 1923, o curso de Medicina. Bacharelou-se em Direito pela antiga Escola de Ciências Jurídicas e Sociais, depois Faculdade de Direito da Universidade do Rio de Janeiro, no ano de 1916.

No campo jurídico, começou a advogar aos 22 anos de idade, no contencioso do Banco Hipotecário do Brasil e da "Caísse Commerciale et Industrielle de Paris". Especializou-se em Direito Comercial, Assuntos Bancários e Econômicos, trabalhando no Banco do Brasil e outros até 1932. Desempenhou vários encargos particulares do Governo Federal. Esteve no Extremo Oriente cerca de um ano, estudando *in loco* assuntos pertinentes à imigração oriental para o Brasil. Foi autor do projeto do Banco do Brasil "Comissão do Açúcar", mais tarde transformada no "Instituto do Açúcar".

No campo da Medicina, cuja ciência sempre estudou e amou, escreveu inúmeros artigos publicados entre 1925 e 1930,

emitindo idéias com referência à Medicina Social. Foi fundador e presidente da Associação Paulista de Homeopatia. Como clínico, jamais aceitou qualquer retribuição direta ou indireta de seus serviços médicos.

Foi membro de várias entidades assistenciais e vicentinas, dedicou-se com afinco ao trabalho em prol da criança abandonada. Fundou no Rio de Janeiro, com outros beneméritos, alguns orfanatos. Tornou-se colaborador a partir de 1934, quando passou a residir em São Paulo, da Associação Feminina Beneficente e Instrutiva, uma das mais antigas instituições de assistência à infância em nosso Estado (fundada em 1901 por Anália Franco). Juntamente com a Diretora Geral, Cleo Duarte, empreendeu reformas e construções importantes, fazendo dos internatos, Anália Franco para meninos e Eleonora Cintra para meninas, dois estabelecimentos únicos com capacidade para mais de 300 crianças.

Na vida econômica se fez por si. Foi sempre progressista, orientado pelo idealismo de bem servir à coletividade. Em São Paulo, associou-se a José Baptista Duarte, nas Indústrias J.B. Duarte, sendo seu presidente.

Na esfera teológica, empolgado desde os 18 anos pelos estudos bíblicos, empreendeu entre outros trabalhos, a versão direta dos Evangelhos gregos, tomando por base o mais antigo manuscrito do Novo Testamento, até a época. Pesquisou nas Bibliotecas do Museu Britânico, Biblioteca do Vaticano, Biblioteca Nacional de Paris. Profundo conhecedor da História do Espiritismo no Brasil e no mundo, escreveu, em 1936, quando ainda circulava a revista "Metapsíquica", órgão da Sociedade Metapsíquica de São Paulo, vários artigos abordando fatos ocorridos no Brasil até o ano de 1895, detendo-se com profundeza de detalhes na atuação do Dr. Adolfo Bezerra de Menezes à frente do movimento espírita em nosso país. Estes artigos foram

publicados, em 1950, em forma de opúsculo, por ocasião da realização do 2° Congresso Espírita do Estado de São Paulo.

As "Edições FEESP" lançaram estes escritos em forma de livro, em agosto de 1981, quando se comemorou o sesquicentenário de nascimento do Dr. Bezerra de Menezes.



No ano de 1953, deu início, pelas colunas do jornal "Unificação", órgão da União das Sociedades Espíritas do Estado de São Paulo, à publicação de uma série de artigos sob o título "O Livro dos Espíritos e sua Tradição Histórica e Lendária", o que fez até junho de 1954. Estes artigos, de suma importância, deveriam ser publicados em livro, o qual não chegou a sair a lume. Em abril de 1957, no evento das comemorações do I Centenário de lançamento de "O Livro dos Espíritos", de Allan Kardec, o Dr. Canuto Abreu, que fazia parte da comissão organizadora das festividades do centenário, fez publicar, em edição bilingüe, nos idiomas francês e português, o "Primeiro Livro dos Espíritos de Allan Kardec", reproduzindo o famoso livro na forma em que foi lançado pelo Codificador, no dia 18 de abril de 1857, traduzindo-o também para o vernáculo. Como se sabe, aquela obra básica do Espiritismo foi sensivelmente refundida pelo próprio autor, quando da publicação da sua segunda edição, em 18 de março de 1860, a qual se tornou definitiva.

O Dr. Canuto foi Diretor Geral da Sociedade Metapsíquica de São Paulo, entidade que posteriormente se fundiu na Federação Espírita do Estado de São Paulo. Foi expositor da Primeira Turma da Escola de Aprendizes do Evangelho, da mesma Federação, tendo tomado parte na elaboração de alguns dos livros usados naqueles cursos.

Ao longo de sua vida laboriosa e de suas numerosas viagens ao Exterior conseguiu amealhar livros e documentos raros, formando imensa biblioteca. Durante a II Grande Guerra Mundial, quando os exércitos alemães invadiram a França, tornou-se depositário de alguns documentos históricos que estavam em poder da sociedade que dirigia os destinos do Espiritismo naquela importante nação européia.

O Dr. Canuto passou seus últimos anos de vida entre seus livros e documentos, sempre ativo e interessado em tudo. O Espiritismo muito lhe deve, pelo muito que fez em favor da divulgação dos seus postulados e pelo incomparável esforço em favor das pesquisas que formam parte da história da doutrina, no Brasil e no mundo.



URBANO DE ASSIS XAVIER

Nascido na cidade de Esplanada, Estado da Bahia, aos 28 de agosto de 1912, e desencarnado na cidade de Marília, Estado de São Paulo, no dia 31 de outubro de 1959.

Urbano de Assis Xavier era filho de Francisco Xavier de Souza e Francisca de Assis Xavier.

Formou-se em Odontologia em Salvador, Bahia, vindo para São Paulo em 1934, tendo começado sua vida profissional em Santa Ernestina, pequena cidade da zona araraquarense, situada neste mesmo Estado.

Contraiu matrimônio na própria cidade em que se estabeleceu, no dia 9 de janeiro de 1935, com D. Albertina Ferreira, natural da mesma. Nessa época o casal era católico praticante; ele congregado mariano e ela filha de Maria. Logo após o casamento começaram a surgir fatos estranhos em sua própria residência, os quais, mais tarde, quando devidamente analisados, foram comprovados como sendo fenômenos psíquicos.

O desenvolvimento de sua mediunidade foi espontâneo, tendo nessa época deixado a pequena cidade, surpreendendo os seus companheiros da congregação. Tratava-se de mediunidade psicofônica inconsciente, ou seja, dos que não guardam lem-

branca das comunicações dadas por seu intermédio. Transformava-se o seu semblante de tal maneira ao receber o Espírito comunicante, que este era facilmente reconhecido pelas pessoas presentes, sem necessidade de o Espírito declinar seu nome. Muitas vezes se transfigurava a tal ponto que refletia os mínimos traços do Espírito comunicante.

Nos últimos anos, teve desenvolvida a mediunidade de *voz-direta*, caindo em transe enquanto os Espíritos falavam diretamente com os presentes, vibrando a voz em pleno ar. Muitas pessoas tiveram a oportunidade de palestrar com seus entes queridos através desse maravilhoso fenômeno, em sessões realizadas em Marília.

Possuía, também, em alto grau, a mediunidade curadora, tendo realizado curas espantosas, como foram atestadas por muitas pessoas. Ele seguia com rigor as recomendações de Jesus Cristo, no sentido de "dar de graça o que de graça se recebe", por isso estava sempre pronto para atender aos necessitados, mesmo que isso fosse em sacrifício dos seus interesses pessoais ou profissionais.

Urbano de Assis Xavier foi discípulo de Caírbar Schutel — o apóstolo de Matão. Recebeu desse seareiro bastante auxílio e incentivos para prosseguir na nova fase de sua vida. Tanto ele como sua esposa Dra. Albertina tornaram-se espíritas devido à intensidade e autenticidade dos fenômenos produzidos, e, dali por diante jamais se afastaram dos princípios contidos na Codificação Kardequiana.

Era portador de vários ramos mediúnicos, notadamente: audição, psicografia, psicofonia, cura, voz direta e materialização. Por seu intermédio vários Espíritos de médicos se comunicavam e faziam trabalhos de cura, de relevante importância.

Foi também conhecido como abalizado conferencista espírita, tendo proferido palestra em várias instituições doutrinárias.

Vítima de um derrame cerebral, ficou durante três anos parcialmente imobilizado, porém soube suportar com resignação e estoicismo essa enfermidade, o que fez até o dia 31 de outubro de 1959, quando desencarnou.

Urbano de Assis Xavier foi, pois, um dos grandes valores do Espiritismo. Foi pai extremoso, esposo exemplar, um homem dotado de elevado senso de responsabilidade e de moral inatacável. Seus filhos foram: Edna, Célia, Sóstenes, Guttemberg, Alcione, Demóstenes e Walter.



WILLIAM THOMAS STEAD

Nascido em Embleton, Northumberland, Inglaterra, no dia 5 de julho de 1849, e desencarnado tragicamente na catástrofe ocorrida com o transatlântico "Titanic", na noite de 14 para 15 de abril de 1912, quando da viagem inaugural desse navio, na rota entre a Inglaterra e os Estados Unidos.

No início da década de 1910, nada era feito no sentido de fazer reportagens por ocasião dos grandes acontecimentos. Um notável jornalista, William Thomas Stead, teve a feliz idéia de começar esse gênero de publicidade, o que alcançou grande repercussão na Inglaterra. Por ocasião do lançamento do "Titanic", o maior navio do mundo, o qual era reputado por insubmersível, tais as inovações nele introduzidas, e o sistema construtivo, esse famoso homem de imprensa foi convidado para fazer a reportagem de sua viagem inaugural, dando cobertura jornalística a tudo quanto acontecesse a bordo.

Sucedeu, no entanto que o navio bateu em cheio em enormes geleiras e, numa tentativa de resgate, ordenada pelo comandante, enorme rasgo abriu-se em seu casco, ocasionado o seu naufrágio na noite de 14 para 15 de abril de 1912. Entre as 1.503 vítimas estava William Thomas Stead. O infausto acontecimento encheu o mundo de consternação e o Espiritismo ficou

privado do concurso valioso de um destacado homem de imprensa, homem esse que estava vivamente empenhado em divulgar as grandes verdades que havia constatado em seus trabalhos de pesquisa no campo da fenomenologia mediúnica.

Notável jornalista, escritor e publicista inglês, Willam Thomas Stead dedicou-se muito jovem a essa carreira. No ano de 1871, dirigiu o "Northern Echo", da cidade de Darlington, e nos anos de 1883 a 1889, dirigiu o "Pall Mall Gazette". No ano de 1890, fundou a "Review of Rewiews" e, em 1893 e 1894 lançou numerosas revistas do mesmo gênero, nos Estados Unidos e na Austrália. De 1893 a 1897, dirigiu o órgão espiritualista "Borderland".

No ano de 1898 encetou uma visita à Rússia, onde foi recebido pelo Tzar, dando então início a intensa luta em favor do pacifismo mundial, ideal que passou a defender, com todo o entusiasmo, através da palavra escrita e falada.

No decurso da Conferência de Paz, realizada em Haia, no ano de 1899, Stead teve a oportunidade de visitar aquela cidade, dando início, logo após, na Inglaterra, a acirradas campanhas contra a guerra sul-africana, tendo em decorrência contraído muitas inimizades.

Trabalhou árdua e valorosamente no sentido de se estabelecer um tratado entre a Alemanha e a Inglaterra, propugnando para a concretização de uma segunda conferência de paz, realizada posteriormente em Haia, na Holanda, onde, na qualidade de correspondente, publicou o "Correio da Conferência da Paz."

Era notável a facilidade com que escrevia seus artigos, os quais invariavelmente portavam um cunho sensacionalista. Nos seguintes livros, de sua autoria, podem ser observados a vivacidade e o empenho com que tratava os temas que desejava abordar: "A Verdade sobre a Rússia" (1888). "Se o Cristo

viesse a Chicago" (1893); "A Guerra do Trabalho nos Estados Unidos" (1894); "O Mundo Invisível de Satã" (1897); "Os Estados Unidos da Europa" (1899); "Estudos sobre Mrs. Booth" (1900); "A Americanização do Mundo" (1902), além de muitos outros.

"O Rei dos jornalistas, e mais do que isso — o Imperador", esse foi o título elogioso que recebeu do "Cri de Paris", em janeiro de 1907, quatro meses antes da realização da famosa Conferência de Haia.

Quando estava no apogeu de sua carreira de escritor e jornalista, alguns anos antes de sua desencamação, deixou cheios de admiração a Inglaterra e o mundo científico, com a sua confissão de que estava plenamente convicto da existência do mundo dos Espíritos, isso pelo fato de ter recebido, através de sua própria mediunidade, uma série de comunicações espíritas, atribuídas ao Espírito de Júlia, as quais foram posteriormente publicadas num livro que alcançou grande repercussão, denominado "Cartas de Júlia". Dizia ele então: "Todas as "Cartas de Júlia", foram recebidas por mim mesmo. Estando sozinho, sentado e com ânimo tranqüilo, colocava conscientemente minha mão direita, na qual tinha uma caneta, à disposição de Júlia e observava com vivo interesse tudo quanto ela escrevia. Posso admitir, conforme afirmam meus detratores, que as "Cartas de Júlia" tenham sido simplesmente escritas pelo meu *eu* subconsciente, isso não rebaixaria em nada a verdade, nem diminuiria a força dessa eloqüente e comovedora prova em favor de uma vida superior. Quanto desejaria que o meu *eu* consciente pudesse escrever tão bem!".

No ano de 1895, respondendo a uma indagação do "Morning Advertiser", de Nova Iorque, que lhe perguntava por que acreditava na imortalidade, ele assim respondeu:

"Só o Eterno pode afirmar ou negar a imortalidade. Se vos compreendo bem, não se trata aqui da imortalidade da alma,

mas sim da persistência da entidade individual, após a dissolução do corpo por cujo intermédio essa entidade se manifestava durante a sua vida terrena. Aí está uma questão muito mais simples, a que posso responder sem hesitar e sem receio.

Eu não seria verdadeiro, se dissesse que creio na persistência do indivíduo após a morte, por ter observado fenômenos ditos espíritas; muito tempo antes eu aceitava esse fato. Submeti, depois, a minha crença à prova de uma demonstração experimental. E se outrora dizia: "eu creio, hoje digo, eu sei. Não há uma grande diferença?"

William Thomas Stead foi grande amigo do nosso grande Ruy Barbosa. Consta que, na noite do naufrágio do "Titanic", os familiares desse grande político brasileiro, estando reunidos numa sessão de experimentação mediúnica, em Poços de Caldas, receberam a informação de que o famoso jornalista havia desencarnado, notícia que Ruy recebeu com surpresa e com bastante naturalidade, quando um dos membros de sua família lha comunicou. O velho político reconheceu na mensagem, de forma surpreendente, o estilo de Stead.



"SIR" WILLIAM CROOKES

Nascido em Londres, Inglaterra, no dia 17 de junho de 1832, e desencarnado na mesma cidade, no dia 4 de abril de 1919.

Afirmou "Sir" Arthur Conan Doyle que William Crookes *foi o maior químico* da Inglaterra, o que ficou constatado pela trajetória gloriosa que esse ilustre homem de ciência desenvolveu no campo científico. No entanto, ele teve tarefa não menos importante desenvolvida no terreno da fenomenologia espírita, ao ponto de ser muito freqüentemente mencionado como um dos mais persistentes e corajosos pesquisadores dos fenômenos supranormais.

William Crookes estudou no "Colégio de Química", tendo posteriormente sido professor substituto no "Colégio Real" e inspetor da Secção de Meteorologia do Observatório de Redcliffe. No ano de 1855 assumiu a cadeira de química na Universidade de Chester. Como conseqüência de prolongados estudos, no ano de 1861 descobriu os raios catódicos e isolou o Tálio, determinando rigorosamente suas propriedades físicas. Em 1872, em seguida a persistentes estudos em torno do espectro solar, descobriu a aparente ação repulsiva dos raios luminosos, o que o levou à construção do Radiômetro, consumada no ano de 1974. Em 1885 descobriu um novo tratamento para o ouro.

A existência do quarto estado da matéria foi por ele determinado no ano de 1879 e denominado "estado radiante", sendo por isso recompensado pela Academia de Ciências da França. Como retribuição aos seus trabalhos no campo científico, foram-lhe outorgadas a medalha de ouro da Sociedade Real, no ano de 1875; a medalha Davy, em 1888; e a medalha de "Sir" J. Coprey, em 1904. Esta última como merecido prêmio pelas suas relevantes descobertas no campo da física e da química.

A rainha Vitória, da Inglaterra, nomeou-o *Cavalheiro,* no ano de 1897. Em 1910 ele recebeu a condecoração da Ordem do Mérito. A par de todas as suas atividades ocupou, por reiteradas vezes, a presidência da Sociedade Real de Química, do Instituto de Engenheiros Eletricistas, da Sociedade Britânica e da Sociedade de Investigações Psíquicas. Foi fundador dos órgãos "Chemical News" e "Quarterly Journal of Science."

Após enumerar as atividades desempenhadas por esse notável cientista no campo de sua especialidade, registremos agora o que ele fez no campo do Espiritismo, onde desenvolveu tarefa não menos relevante. Cumpre mencionar, de passagem, que determinados homens de ciência, que não eram dotados do verdadeiro "espírito científico", também encetaram numerosas pesquisas no terreno da fenomenologia espírita e chegaram a resultados positivos, entretanto, não tiveram o desassombro de Crookes, pois ele sempre teve atitudes corajosas e definidas, jamais tergiversando diante do embuste e da mentira, nunca empregando subterfúgios em seus trabalhos.

O seu livro "Fatos Espíritas" jamais encontrou qualquer oposição, porque era um repositório de verdades, por ele comprovadas. Essa obra contém uma súmula dos trabalhos realizados e publicados no ano de 1874, nas páginas do "Quarterly Journal of Science."

Dotado de invejável fibra de investigador, teve a oportunidade de realizar experiências inexcedíveis, dando sempre o seu

irrespondível testemunho sobre as verdades por ele comprovadas. Não hesitou mesmo em expor toda glória do seu nome quando levou a cabo as famosas materializações do Espírito Katie King.

Os médiuns J. J. Morse e Sra. Marshall serviram de instrumento, no ano de 1869, para que Crookes realizasse as suas primeiras investigações. Em julho desse mesmo ano, o famoso médium Daniel Dunglas Home visitou-o, quando de seu regresso a Londres, procedente de S. Petersburgo (atual Leningrado), portando uma carta do Professor Butlerof.

As mais notáveis experiências mediúnicas, levadas a efeito por esse ilustre cientista, foram realizadas através da médium Florence Cook, jovem inglesa nascida em 1856. As materializações do Espírito Katie King, através dessa médium tornaram-se notáveis e abalaram o mundo científico da época.

A jovem Florence Cook tinha apenas 15 anos de idade quando se apresentou a William Crookes, a fim de servir de medianeira para as pesquisas científicas que ele vinha realizando. São suas as seguintes palavras: "Fui à casa do senhor Crookes sem prevenir a meus pais e nem a meus amigos. Ofereci-me como em sacrifício voluntário sobre o altar de sua incredulidade." Ela pediu a proteção da esposa de Crookes e submeteu-se a toda sorte de experimentações, objetivando comprovar a sua mediunidade, pois um cavalheiro de nome Volckmann havia-lhe imputado suspeitas de fraude.

No dia 22 de abril de 1872, aconteceu, pela primeira vez, a materialização parcial do Espírito Katie King, estando presente na sessão a genitora, alguns irmãos da médium e a criada. Após várias sessões, nas quais esse mesmo Espírito se manifestava com incrível regularidade, a senhorita Cook afirmou a Crookes que estava decidida a submeter-se a todo gênero de investigações

com o objetivo de destruir alguns resquícios de descrença que o sábio ainda alimentava.

Quando adentrou o terreno das investigações, a preocupação primária de William Crookes era de demonstrar o erro em que incidiam a médium e aqueles que acreditavam piamente em sua mediunidade. Todos aqueles que apoiavam "Sir" William Crookes também esperavam dele a demonstração de fraudes e a proclamação de que tudo aquilo não passava de uma farsa. Alguns órgãos da imprensa estampavam a notícia de que o grande cientista iria finalmente desmascarar as afirmações dos espíritas sobre a veracidade dos fenômenos, por isso proclamavam: "Se homens como Crookes se ocupam do assunto, prontamente saberemos a que nos apegar em tudo aquilo a que essa farsa se refere".

Numerosos cientistas de renome, mesmo diante dos fatos mais convincentes, hesitaram em proclamar a verdade, com receio das conseqüências que isso poderia acarretar aos olhos do povo. Crookes não agiu assim. Ele penetrou o campo das investigações com o intuito de desmascarar, de encontrar fraudes, entretanto, quando constatou que os casos eram verídicos, insofismáveis, ele rendeu-se à evidência, curvou-se diante da verdade, tornou-se espírita convicto.